



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

ELNATAN BERNARDO DOS SANTOS JUNIOR
RENATA ALVES ACIOLI DA SILVEIRA



KEYFRAMES:

A Extensão como caminho para o estudo da Animação

Brasília, DF
2020

ELNATAN BERNARDO DOS SANTOS JUNIOR

RENATA ALVES ACIOLI DA SILVEIRA



KEYFRAMES:

A Extensão como caminho para o estudo da Animação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito à obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social – Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro

Brasília, DF
2020

ELNATAN BERNARDO DOS SANTOS JUNIOR
RENATA ALVES ACIOLI DA SILVEIRA

KEYFRAMES:

A Extensão como caminho para o estudo da Animação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito à obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social – Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro
Orientador – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Jairo Faria
Examinador – Universidade de Brasília

Prof^a. MSc. Josianne Diniz
Examinadora – Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Helena Santiago Vigata
Suplente – Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Renata

Se fosse para listar todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, esse documento nem teria sido concluído a tempo, pois eu ainda estaria escrevendo os agradecimentos. Mas vamos começar pelo início, ou seja, a família, que são os primeiros a lutarem junto contigo e a vibrarem por cada conquista. Agradeço a minha mãe, Anadege Maria Alves, que batalhou mais que qualquer um, inclusive comigo, para que eu estivesse no local que me encontro hoje, e acompanhou todos os passos, sendo cada conquista uma festa, sem perder o "não fez mais que sua obrigação", e cada obstáculo um aprendizado. Agradeço ao meu pai, Ronald Acioli, que com lições de vida, apoio e muita força de vontade em crescer e ser o melhor no que faz sem perder a humanidade, é meu melhor parceiro de histórias. Agradeço a minha avó, minha segunda mãe, que cuidou de mim nos momentos em que mais precisei na trajetória inicial da minha vida acadêmica. A minha irmã, eu gostaria de ter só elogios, mas não o farei para não levantar o ego dela. É uma das pessoas mais inteligentes e sagazes que conheço, não importa quem seja, ela vai defender aquilo que acredita, sempre cuidou muito dos outros e eu não estaria na Universidade de Brasília se não fosse por ela. E, por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu irmão mais novo André, que me acompanha nas madrugadas e é um excelente parceiro de distrações.

Além da família, um dos maiores agradecimentos que tenho a fazer, se enquadra a duas pessoas. Não há como deixar de falar de um querido professor e de um grande colega que gostaria de levar para a vida, sabe aquela famosa frase: "isso não seria possível sem vocês"? Está presente em cada palavra e a cada ação tomada para o desenvolver deste projeto. Ao professor Elton, não tenho palavras para descrever o quanto sua presença na Faculdade de Comunicação eleva o curso a outro patamar. Desde que entrei na UnB, tive o prazer de cursar duas matérias com ele e vi um docente engajado e extremamente atencioso não só com as disciplinas dadas, mas com seus alunos, e em explorar o novo. Independente de ser da sua área ou não, o professor Elton Bruno Pinheiro apoia, defende e guia as ideias dos alunos. Não soltar a mão de ninguém é com ele mesmo, o maior ideal de docente e de orientador que todo aluno da FAC poderia ter.

Ao meu grande colega, parceiro de desafios, TCC e ideias malucas. De JACK, Aventuras a *Keyframes* só tenho a agradecer ao Elnatan Bernardo. O acaso nos trouxe para um mar de debates sobre animação dentro da Faculdade de Comunicação, acredito que o seu período na FAC teria sido muito mais tranquilo se não tivéssemos conhecido um ao outro, mas foi e é sempre uma honra

trabalhar com ele. Uma das pessoas mais nobres, justas e com os ideais mais puros que já conheci. Hoje é meu parceiro de TCC e amanhã um amigo de vida.

Sendo assim, agradeço, por fim, à Universidade de Brasília e à Faculdade de Comunicação por me propiciar memórias eternas, aprendizados e experiências no meu caminhar como estudante de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual. Aos técnicos da FAC, muito queridos, que não medem esforços para ensinar os alunos a manejar os equipamentos da Faculdade: eu os dei muita dor de cabeça, principalmente no *Keyframes* e foi ótimo poder contar com eles em todas as atividades, obrigada por abraçar essa ação com a gente. Aos professores e secretaria, agradeço toda colaboração e auxílio desde os momentos mais burocráticos a conselhos pessoais. A Universidade pode ser um espaço cercado de concreto, mas as pessoas da Faculdade de Comunicação da UnB, com toda a certeza, não são.

Por fim, obrigada a vocês, examinadores e leitores, por nos deixar compartilhar essa experiência, essa semente em forma de memória de um Trabalho de Conclusão de Curso sobre Animação e como podemos torná-la mais próxima do ambiente acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Elnatan

Deixei meus agradecimentos para o final crendo ser tarefa fácil escrevê-los. Ilusão. Mostrou-se algo complexo, e o medo de “esquecer” alguém é imenso. Portanto, para não me complicar, começarei do início.

Agradeço a minha família: meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão (e os meus bichinhos!). Obrigado pela paciência e por todo carinho, amor e suporte que sempre dispensaram a mim. Vocês são os pilares que me mantêm. Agradeço aos meus outros pilares, que já não estão aqui, meu avô e a minha avó, fundamentais para a pessoa que sou hoje. Muito obrigado.

Agradeço infinitamente à minha companheira, Lara Silva Laranja, por tudo que fez e faz por mim, por todo o carinho, paciência, por toda a ajuda, por rir das minhas piadas ruins, por me levar para mergulhar, por me mostrar que o mundo é enorme e incrível, por estar comigo nos momentos bons e ruins, por tudo. Sem você eu não teria conseguido, gatinha. Eu te amo. Muito obrigado.

Agradeço à Universidade de Brasília e à Faculdade de Comunicação por terem me acolhido por estes anos e por terem me mostrado uma perspectiva nova de mundo. Agradeço a todos os professores que colaboraram para minha formação profissional, cidadã e humana. Agradeço à equipe da secretaria da FAC, ao Rogério, a Chris e todos os demais por sempre serem solícitos e atenciosos, mesmo quando precisava, urgentemente, de uma assinatura num termo de estágio ou uma reserva de sala em cima da hora. Agradeço ao professor Sérgio Ribeiro, por sempre manter a porta aberta para ouvir nossas lamentações e nos ajudar na resolução de problemas, além do constante incentivo. Agradeço ao Núcleo Técnico de Audiovisual por todo o suporte na realização do *Keyframes* e de toda e qualquer maluquice que quiséssemos. Vocês são incríveis e fazem milagres com as condições que dispõe. Muito obrigado.

Agradeço ao professor Elton Bruno Pinheiro por todo o apoio e dedicação que dispensou conosco. Sem sua atenção, este trabalho jamais teria existido, seria apenas mais uma das infinitas ideias que surgem e se vão. Continue persistindo e sendo um ponto diferencial dentro da Universidade. Muito obrigado.

Agradeço a todos que embarcaram conosco nesse Projeto, cujos nomes estão listados abaixo. Sem vocês, tudo só seria um sonho. Vocês são a alma do *Keyframes*. Espero que esta

realização e tudo o que passamos sirvam como experiência, acadêmica e profissional, para vocês. Muito obrigado.

Agradeço à minha chefe, Ana Guedes, por todos os “galhos quebrados”, pelo incentivo, pela compreensão e por desculpar todas as falhas que cometi durante a realização do *Keyframes* e deste trabalho. Muito obrigado.

Agradeço à minha psicóloga, Vilma Yaeko Yoshinari, que há anos me ajuda a manter minha desequilibrada cabeça em equilíbrio. Sempre sei que, às quintas, estarei mais tranquilo, mais leve, mais protegido. Muito obrigado.

Agradeço, por fim, à minha parceira de utopias, Renata Acioli. Quem diria que dois estudantes iam produzir um curta em Animação e depois ainda iriam organizar uma ação de Extensão sobre Animação? Pois é, a gente conseguiu, Renata. E quanto trabalho deu... E que sensação incrível aquela no final, quando tudo deu certo, né? O mais legal é que jamais perdemos a paciência um com outro, mesmo nos momentos de maior tensão, sempre conversávamos e chegávamos a um consenso. Você foi incrível, Renata. Estou ansioso para nossos próximos projetos. Muito obrigado.

Agradecimento especial à equipe *Keyframes*:

Aimê Rivero

Alicia Echavarria

André Tenório

Arthur Muma

Ayana Saito

Douglas Rochedo

Fábio Ribeiro

Gabriel Marques

Giovanna Sborz

Isadora Soares

Júlia Câmara

Kallyo Aquiles

Letícia Guedes

Luan Borges

Lucas Justino

Luíza Cardoso

Mariana Leite

Olavo Yamamoto

Paloma Martins

Pedro Saliba

Samuel Walber

*Keyframes são pontos que "indicam" os
movimentos iniciais e finais da animação.
É onde mostramos qual será o seguinte passo.
É como contamos histórias.*

Renata Acioli

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a criação e a realização do *Keyframes*: uma ação de extensão acadêmica sobre Animação, que envolveu a oferta de seminários, palestras, painéis temáticos, oficinas e mostra universitária de cinema de animação; assim como a *reflexão* analítica sobre a Extensão como um caminho metodológico para o estudo da Animação, no contexto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Como eixos de articulação teórica, o trabalho aborda o conceito de Animação, as características contemporâneas dessa área da Comunicação Audiovisual, o crescimento desta e a consequente demanda por profissionais especializados(as), assim como discute o papel diferencial a ser desempenhado pelas IES públicas na oferta de Cursos ou compartilhamento de conhecimentos sobre a referida área. Além disso, tensiona o significado e a importância pedagógica e social da Extensão acadêmica. Metodologicamente, além da revisão de literatura sobre estes dois conceitos principais (Animação e Extensão), o trabalho se utilizou, contextualmente, das fases da realização audiovisual para sistematizar suas etapas de desenvolvimento; fez uso pontual da observação participante e se utilizou da coleta de informações por meio de entrevistas e depoimentos com integrantes e participantes do *Keyframes*. Como resultados, em linhas gerais, demonstra como a *Keyframes*, enquanto ação de Extensão horizontalizada, foi contributiva aos estudos da Animação, à produção experimental, à formação e à motivação de estudantes pela área, no âmbito da UnB.

Palavras-chave: Animação. Extensão. *Keyframes*.

ABSTRACT

The present paper has as object of study the creation and development of Keyframes: an action of academic extension on Animation, which involved the offer of seminars, lectures, thematic panels, workshops and university exhibition of animation cinema, as well as the analytical reflection on Extension as a methodological path for the study of Animation, in the context of the Communications College of the University of Brasilia. As main axis of theoretical articulation, it approaches the concept of Animation, the contemporary characteristics of this area of Audiovisual Communication, its growth and the consequent demand for specialized professionals, as well as it discusses the differential role to be played by public institutions in the offer of courses or knowledge sharing about this area. In addition, it stresses the meaning and the pedagogical and social importance of academic extension. Methodologically, besides the literature review on these two main concepts (Animation and Extension), the work was contextually used from the phases of audiovisual realization to systematize their stages of development; it made timely use of participant observation and used the collection of information through interviews and statements with members and participants of the Keyframes. As results, in general lines, demonstrates how Keyframes, as an action of horizontal extension, was contributing to the studies of Animation, experimental production, training and motivation of students for the area within the UnB.

Keywords: Animation. Extension. Keyframes.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese dos objetivos da pesquisa	26
Quadro 2 – Instituições de Ensino Superior com o curso de graduação – bacharelado – em Animação	35
Quadro 3 – Cursos de Audiovisual em IES públicas que possuem disciplina de Animação	36
Quadro 4 – Fluxo da habilitação em Audiovisual	40
Quadro 5 – Quantitativo de horas de programação de gêneros por emissora em 2016 ..	44
Quadro 6 – Tamanho do Mercado Brasileiro consumidor de animações (R\$ em milhões)	45
Quadro 7 – Contexto da Extensão Universitária no Brasil	52
Quadro 8 – Normas relacionadas à Extensão Universitária na UnB.....	58
Quadro 9 – Panorama geral	65
Quadro 10 – Curtas participantes da MUCA.....	70
Quadro 11 – Cronograma de atividades do <i>Keyframes</i>.....	74
Quadro 12 – Síntese, por atividades, do número de participantes do <i>Keyframes</i>.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O fotograma da animação <i>Kaiser</i> , de Álvaro Marins, o Seth	31
Figura 2 – Público da Abertura do <i>Keyframes</i>	83
Figura 3 – Público da Oficina ministrada por Hudson Araújo.....	85
Figura 4 – Mesa de abertura do <i>Keyframes</i>	123
Figura 5 – Luciana Eguti durante sua palestra	124
Figura 6 – Hudson Araújo durante sua oficina	124
Figura 7 – Ítalo Cajueiro durante sua palestra	125
Figura 8 – André Rocca durante sua palestra	125
Figura 9 – Troféus distribuídos aos vencedores da MUCA.....	126
Figura 10 – Vencedores da MUCA na categoria Design de Som	127
Figura 11 – Identidade visual do <i>Keyframes</i>	128
Figura 12 – Arte original criada para <i>ecobag</i> entregue aos palestrantes	129
Figura 13 – Cartaz de divulgação do <i>Keyframes</i>	130
Figura 14 – Cartaz de divulgação do <i>Keyframes</i>	131
Figura 15 – Arte original criada para o crachá entregue aos participantes	132
Figura 16 – Cartaz de divulgação da MUCA.....	133
Figura 17 – Certificado de participação entregue aos palestrantes e participantes.....	134

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABCA	Associação Brasileira de Cinema de Animação
ANCINE	Agência Nacional de Cinema
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEX	Câmara de Extensão
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
DAP	Departamento de Audiovisuais e Publicidade
DCE	Diretório Central de Estudantes
DEX	Decanato de Extensão
EaD	Ensino à distância
EDEM	Escola Dinâmica de Ensino Moderno
Embrafilme	Empresa Brasileira de Filmes S.A.
FAC	Faculdade de Comunicação
FAC/UnB	Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior
IES	Instituição de Ensino Superior
INC	Instituto Nacional de Cinema
LabAudio	Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação da UnB
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação
MEC	Ministério da Educação
MUCA	Mostra Universitária de Curtas de Animação
NEPLIS	Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora
OBG	Obrigatória
OCA	Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual
OPT	Optativa
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNE	Plano Nacional de Educação
PPPC	Plano Político Pedagógico Curricular
Semuni	Semana de Extensão da UnB

SESU/MEC	Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação
SIEX	Sistema de Extensão da UnB
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
<i>VoD</i>	<i>Video on Demand</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	19
1.2 OBJETO E O PROBLEMA DE PESQUISA.....	22
1.3 HIPÓTESES DE TRABALHO	23
1.4 SÍNTESE DOS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	24
1.5 JUSTIFICATIVA	26
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	28
2 EIXOS DE ARTICULAÇÃO TEÓRICA	30
2.1 PANORAMA GERAL SOBRE A ANIMAÇÃO NO BRASIL	30
2.1.1 <i>Animação no âmbito acadêmico</i>	34
2.1.2 <i>O caso da FAC</i>	38
2.1.3 <i>A importância e atualidade do mercado da Animação</i>	43
2.2 EXTENSÃO	47
2.2.1 <i>O que é extensão?</i>	47
2.2.2 <i>Ensino, pesquisa e extensão</i>	50
2.2.3 <i>Curricularização, integralização ou inserção curricular da extensão?</i>	53
2.2.4 <i>Extensão na UnB</i>	56
2.2.5 <i>Extensão na FAC</i>	61
3 REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO	65
3.1 O <i>KEYFRAMES</i>	66
3.2 PRÉ-PRODUÇÃO	68
3.3 PRODUÇÃO	72
3.4 PÓS-PRODUÇÃO	74
4 RESULTADOS E INFERÊNCIAS COMPREENSIVAS.....	76
4.1 <i>KEYFRAMES: INTERAÇÃO DIALÓGICA, INTERDISCIPLINARIDADE E INTERPROFISSIONALIDADE</i> .	76
4.2 O <i>KEYFRAMES</i> E A INDISSOCIABILIDADE ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO	79
4.3 O <i>KEYFRAMES</i> E O IMPACTO NA FORMAÇÃO DO(A) ESTUDANTE	80
4.4 <i>KEYFRAMES: SEU IMPACTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL</i>	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM LUCIANA EGUTI.....	99
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM ÍTALO CAJUEIRO	102
APÊNDICE C – DEPOIMENTOS DA EQUIPE <i>KEYFRAMES</i>	105
APÊNDICE D – FOTOGRAFIAS TIRADAS DURANTE O <i>KEYFRAMES</i>.....	123
APÊNDICE E – ARTES PRÓPRIAS CRIADAS PARA O <i>KEYFRAMES</i>	128
APÊNDICE F – <i>LINKS</i> PARA GRAVAÇÃO DAS ATIVIDADES DO <i>KEYFRAMES</i>	135
APÊNDICE G – REDES SOCIAIS CRIADAS PARA DIVULGAÇÃO DO <i>KEYFRAMES</i>	136
APÊNDICE H – EDITAL DA MOSTRA UNIVERSITÁRIA DE CURTAS DE ANIMAÇÃO	137

1 INTRODUÇÃO

Ainda no começo do século XXI, José Marques de Melo, um dos mais importantes pesquisadores da grande área das Ciências da Comunicação no Brasil e na América Latina, assinalou que “a maior carência denotada na pesquisa brasileira de comunicação é justamente a concepção de novos sistemas, produtos, gêneros e formatos midiáticos capazes de superar a sordidez simbólica dos conteúdos hegemônicos.” (MARQUES DE MELO, 2005, p. 15).

Em nossa compreensão, a Animação, aqui entendida para além da ideia de Cinema de Animação¹, isto é, compreendida como conteúdo comunicacional “que se vale dos processos e técnicas particulares dos dispositivos de reprodução de imagem em movimento para proporcionar, a partir de imagens estáticas, a ilusão de animação, quando estas são exibidas ao espectador” (CORDEBELLO, 2010, p. 194), vive um momento peculiar de propagação, sendo cada vez mais consumida – a partir de diversos meios, gêneros e formatos, seja na Televisão, no Cinema e/ou nos mais diversos “ambientes midiáticos sociodigitais” contemporâneos, como as “redes de comunicação *online*, aplicativos e *sites*” (PINHEIRO, 2019) – por uma expressiva camada da população, a partir de diferentes dispositivos, suportes e plataformas viabilizadas pela tecnologia digital.

Quando se trata especificamente no cinema de animação, também é possível perceber o quanto esta área tem se ampliado também com o suporte constante da dinâmica das transformações tecnológicas:

O videografismo eletrônico e as tecnologias de computação gráfica operaram uma revolução no cinema de animação, a partir das últimas décadas do século XX. Imagens sintéticas geradas a partir de equações matemáticas e *softwares*, ou captadas com câmeras integradas a sistemas computacionais, tornaram-se a matéria-prima do cinema de animação contemporâneo. Os processos de modelagem 3D, roscopia, *motion-capture*, entre outros, vêm complementar o leque de ferramentas do animador e, atualmente, um grande número de filmes se utiliza dos recursos da animação e da computação gráfica nas etapas de pós-produção e finalização, para retoques de imagem e geração de cenários virtuais, entre outras aplicações. (CORDEBELLO, 2010, p. 194).

Este momento de forte inserção da Animação na cultura mediática nacional e, consequentemente, sua ampliação enquanto mercado, no entanto, em nossa visão, por diversos

¹ Como explica o pesquisador Pedro Dolosic Cordebello, na Enciclopédia Intercom, a Animação “(...) era conhecida e explorada antes mesmo do advento do cinema, a exemplo do Teatro Óptico, com o praxinoscópio de Reynaud, e dos experimentos de Joseph Plateau, cujos estudos culminaram no desenvolvimento do fenaquisticópio.” (CORDEBELLO, 2010, p. 194).

motivos – relacionados à estrutura político-burocrática ou econômica, por exemplo, – não tem sido acompanhado no mesmo compasso pelas Instituições de Ensino Superior na área da Comunicação, muito embora estas, sobretudo as Públicas, em nosso entendimento, tenham todo o potencial pedagógico para tanto, seja nos campos da Pesquisa, do Ensino ou Extensão acadêmica, sendo esta última o caminho a partir do qual acreditamos ser possível a implantação de ações de mudança dessa realidade, pela capacidade que possui de mobilizar, integrar, criar pontes e diálogos ainda mais horizontalizados entre diversos agentes sociais, sejam estes especialistas ou interessados pela área.

Então, motivados pelo cenário promissor da área de Animação no Brasil e no mundo, pelo desejo pessoal de aprendizado mais aprofundado sobre esta área, pelo reconhecimento do potencial das Universidades Públicas para o campo da inovação e, ao mesmo tempo, tensionados pelas perceptíveis lacunas que existem nas práticas de ensino dessa área em IES públicas, mas cientes do potencial e importância destas para a sociedade, a presente pesquisa, de natureza qualitativa e empírica, reflete um exercício teórico, metodológico e aplicado empreendido, no contexto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, para suprir tal lacuna, a partir dos potenciais genuínos que o caminho da Extensão Acadêmica oferece.

Nesse sentido, buscando dialogar com Marques de Melo (2005), isto é, inspirando-nos, em alguma medida, na valorização que tal teórico atribui aos estudos propositivos, criamos e executamos a Ação de Extensão *Keyframes*, um Projeto acadêmico pensado para contribuir, por meio da articulação com a sociedade (parceria com estúdios e empresas de Animação, pesquisadores(as), professores(as) e realizadores(as) audiovisuais externos e internos à UnB), com os estudos e a formação na área da Animação no âmbito da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O *Keyframes* foi realizado no final do segundo semestre letivo de 2019, no contexto da chamada Semana Universitária da UnB.

Frisamos aqui que apontar uma lacuna não significa minorar ou tensionar uma Instituição, mas sim contribuir ativamente com ela. Neste caso, fizemos isso a partir de uma proposição fundamentada e executada com o imprescindível apoio Institucional, consolidado, num primeiro momento, pela qualificação do presente trabalho na matéria Pré-projeto em Audiovisual da FAC/UnB, ministrada pelo Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro e, em seguida, pela aprovação da referida Ação no âmbito do Colegiado de Extensão da FAC/UnB, do Departamento de Audiovisuais e Publicidade, do Conselho da Faculdade de Comunicação e do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília.

Consideramos a Animação como área cada vez mais importante no contexto da formação de profissionais qualificados na área da Comunicação Audiovisual e reconhecemos o papel das Instituições de Ensino Superior públicas como ambientes propícios para formação diferenciada de novos profissionais: técnica e crítica/analítica. Ademais, reconhecemos e aqui refletimos sobre a importância da Extensão como caminho para o compartilhamento de conhecimentos, inclusive aqueles ainda pouco disseminados dentro das Universidades. Nesse sentido, a Extensão é compreendida na perspectiva desse trabalho também como ponte que favorece o encontro – ou a relação horizontalizada – entre Cursos, suas práticas pedagógicas e conteúdos programáticos com o interesse dos(as) discentes e as demandas/condições do mercado de trabalho contemporâneo.

Sendo assim, com a finalidade de abordar e aprender mais amplamente sobre Animação, em suas várias interfaces, a partir da experiência de pesquisadores(as), professores(as), estudantes e de profissionais atuantes no mercado de trabalho externos à UnB foi realizada a Ação de Extensão denominada *Keyframes*, que contemplou três dias de atividades na Semana Universitária de 2019, com palestras, oficinas, painéis temáticos e a Mostra Universitária de Curtas de Animação (MUCA), sendo uma forma de inserção da Animação no contexto acadêmico, aberta a todas e todos interessados e interessadas.

Neste estudo apresentamos algumas considerações sobre o processo de elaboração da ação de Extensão *Keyframes* e como a Extensão foi um pilar universitário fundamental para a difusão da Animação como saber plural para a comunidade universitária e brasiliense.

Passamos, portanto, a seguir, a refletir um pouco mais sobre o cenário/contexto no qual se insere a realização desse trabalho, concebido em dupla, sobretudo, pela sua amplitude e complexidade em termos operacionais/logísticos, mas também pelo interesse comum de seus realizadores pelo universo da Animação ao longo das trajetórias acadêmicas.

1.1 Contextualização

Por que, para nós, refletir analiticamente e aprender mais sobre Animação é tão importante? No Brasil, a gênese da Animação integra o campo das experiências centenárias em Comunicação. O ano de 1917 é tido como aquele em que a Animação brasileira dá seu pontapé inicial². (CARNEIRO, 2017) (ISRAEL; CONTE, 2015). Entretanto, mesmo tendo esse marco, com mais de cem anos de história e de produção, o conhecimento sobre essa área da produção audiovisual no país é, ainda, em considerável medida, restrito em termos de acesso.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), através do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Ensino Superior (e-MEC), existem apenas nove cursos de graduação com bacharelado em Animação disponíveis no país³ e destes apenas três são de Instituições Públicas de Ensino que oferecem Curso presencial com uma grade curricular destinada exclusivamente ao processo de formação nessa área específica, sendo: o bacharelado em Cinema de Animação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); bacharelado em Cinema de Animação e Artes Digitais, da Universidade Federal de Minas Gerais; e bacharelado em Animação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). De modo geral, os currículos destes referidos cursos contemplam aspectos conceituais e históricos da área da Animação e questões técnicas sobre os processos de criação, como modelagem, textura, *rigging*, iluminação, renderização, entre outros, com o objetivo de ensinar, de maneira geral, etapas e estilos de Animação para que, posteriormente, o profissional busque especializar-se naquilo que lhe foi de maior interesse/proveito.

Por outro lado, há Instituições Públicas de Ensino Superior que possuem Cursos – como Audiovisual, Cinema, Rádio e TV – nos quais, em alguns casos, os estudos sobre Animação são pontuais, isto é, estão presentes em componentes curriculares específicos, geralmente optativos, ou como tópicos, em disciplinas mais gerais. Mas há também casos de cursos nos quais a Animação não é contemplada em nenhum aspecto.

² Em publicação do ano que marcou o centenário da Animação no Brasil (2017), Gabriel Carneiro escreveu o texto “Os percursos da animação brasileira”, o qual sinaliza que em “2 de janeiro de 1917, era lançado nos cinemas o curta-metragem O Kaiser, de Seth, pseudônimo do cartunista Álvaro Martins. A charge animada, em que o imperador alemão Guilherme II é engolido pelo globo terrestre, se consagrou como a primeira animação brasileira.” Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/os-percursos-da-animacao-brasileira>. Acesso em: 05 out. 2020.

³ Dados obtidos pelo sistema e-MEC, disponível em: <https://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 05 out. 2020.

O Plano Político Pedagógico Curricular⁴ (PPPC) do curso de Comunicação Social – Audiovisual, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), atualizado no ano de 2019, não contempla, entre os componentes curriculares obrigatórios ou optativos, a Animação. O referido documento assinala que: “Áreas como a *animação* e os videogames ainda *carecem de uma efetiva contemplação tanto na estrutura curricular quanto nas áreas de atuação do corpo docente*, embora os alunos e professores muitas vezes surpreendam com a superação de eventuais carências.” (UnB, 2019a, p. 71. Grifo nosso). É interessante ressaltar que as Diretrizes Curriculares do Curso de Cinema e Audiovisual (2006) assinalam a importância da capacitação de egressos e egressas nessa área da Animação:

Art. 3º *O egresso do curso de Cinema e Audiovisual deve estar capacitado nas seguintes áreas: a) Técnica e formação profissional – voltada para a formação prática, habilita o aluno a atuar profissionalmente nas áreas de Direção, Fotografia, Roteiro, Produção, Som, Edição/Montagem, Cenografia e Figurino, Animação e Infografia (...).* (BRASIL, 2006, p. 1. Grifos nossos).

A questão observada e ressaltada aqui em relação à Animação no curso de Comunicação Social – Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UnB foi um dos aspectos motivadores para a realização do presente trabalho, no sentido de que, diante desse contexto, buscamos superar essa questão lacunar, que consideramos importante para o nosso processo de formação, a partir das possibilidades ofertadas pela Extensão Acadêmica.

Retomando o contexto geral das Instituições Públicas de Ensino Superior, em outras Universidades, como pode ser observado na matriz curricular do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense⁵ (UFF), há a oferta da disciplina “Animação”, como componente obrigatório. No curso de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe⁶ (UFS) existe a matéria “Animação e Infografia” e, em 2017, foi implementada “Animação 1”, ambas são obrigatórias na referida grade curricular.

O curso de Comunicação Social – Audiovisual, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁷ (UFRN), possui a matéria optativa “Animação e Infografia”. A Universidade Federal

⁴ O Plano Político Pedagógico Curricular (PPPC) do curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) pode ser acessado em: <https://bit.ly/2GdNFaM>

⁵ A matriz curricular do curso de Audiovisual da Universidade Federal Fluminense pode ser acessado em: http://www.cinevi.uff.br/images/docs/licenciatura/documentos_gerais/Matriz%20Curricular.pdf

⁶ Os componentes curriculares do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Sergipe pode ser acessado em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf?id=117>

⁷ A estrutura curricular do curso de Comunicação Social – Audiovisual da UFRN pode ser acessada em: https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&id=119512361

de São Carlos⁸ (UFSCar), possui o curso de Imagem e Som, o qual oferta “Animação” como matéria obrigatória. O curso de Cinema da Universidade Federal da Paraíba⁹ (UFPB), oferece como componentes optativos as matérias “Animação” e “Modelagem e Animação para Cinema”. Estes são apenas alguns exemplos de como o tema da Animação, pode e já é, em alguma medida, abordado em algumas importantes Universidades Públicas brasileiras.

No entanto, em um país continental como o Brasil, que possui mais de 60 (sessenta) Universidades Federais, ainda é perceptível a lacuna em relação ao ensino da Animação em cursos de graduação, o que influencia, em grande medida, na carência de profissionais e especialistas nessa área de conhecimento. Além disso, tal questão evidencia as diferenças de oportunidade entre os que podem estudar em uma Faculdade de Animação no Brasil e aqueles que possuem condições financeiras de estudar em uma Instituição de Ensino Privada ou fora do país.

Importante observar que as Universidades Públicas Federais que possuem oferta de cursos específicos de Animação estão situadas no eixo Sul-Sudeste (Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC). Essa limitação, ou reduzida oferta, de cursos de Animação por Universidades Públicas brasileiras faz com que muitas pessoas interessadas pela área busquem tal conhecimento ou em cursos técnicos mais acessíveis ou em um processo de autodidatismo – como fazer animação – com tutoriais na *Internet* e livros gratuitos.

De todo modo, percebe-se que as Universidades Federais têm o potencial de profissionalizar e formar não só animadores, mas também críticos dessa área de estudo e de produção audiovisual, além de expandir esse conhecimento específico para a sociedade que a cerca e estimular o cultivo e a troca de saberes sobre entre diferentes atores sociais. Afinal, como pontuou Darcy Ribeiro (1975, p. 100): “Uma das funções mais importantes da universidade é o cultivo do saber e o exercício da pesquisa científica e tecnológica”. No caso da oferta da formação superior na área da Animação, o papel da Universidade Pública é fundamental, preparando mais profissionais para essa área técnica e artística, mas com formação crítica na área.

Pensamos e articulamos o *Keyframes* considerando que essa ação de Extensão empreendida no âmbito de uma Universidade Pública é contributiva para o contexto da

⁸ O PPPC do curso de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos pode ser acessado em: <http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/imagem-e-som/imagem-e-som-projeto-pedagogico.pdf>

⁹ A estrutura curricular do curso de Cinema da Universidade Federal da Paraíba pode ser acessada em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf>.

construção coletiva de saberes sobre a Animação. A pesquisadora Maria Amélia Franco assinala a importância da construção de saberes:

Quando essa prática for mecanicamente estruturada, sob forma de reprodução acrítica de fazeres, ela não se transformará em saberes de experiência, pois a prática não foi vivenciada como práxis, não foi renovada e, nem transformada com as águas da reflexão, da pesquisa, da história. Se não houver o exercício da práxis que renova e rearticula a teoria e a prática, não haverá espaço para a construção de saberes. (FRANCO, 2009, p. 14).

Nessa perspectiva da construção de saberes, no contexto da FAC / UnB, por exemplo, o ensino de Animação pode ser contemplado como integrante de um curso de pertencimento por analogia, como o de Comunicação Social – Audiovisual, para a formação estruturada de profissionais com capacidade crítica e analítica, os quais, por sua vez, são cada vez mais necessários no mercado da referida área de conhecimento. Para tanto, a Extensão Acadêmica é, em nossa compreensão, muito contributiva, principalmente para a abertura institucionalizada para o contínuo compartilhamento de saberes e aprendizados com outras esferas que também possuem expertises sobre a dinâmica da área da Animação. Com esse contexto exposto, apresentamos, a seguir, a delimitação de nosso objeto e problema de pesquisa.

1.2 Objeto e o problema de pesquisa

Diante do contexto apresentado até aqui, consideramos que o **objeto de estudo** desta pesquisa pode ser melhor delimitado, a saber: *A criação e realização do Keyframes, ação de Extensão acadêmica sobre a temática da Animação, cujo o foco é o fomento à formação – por meio do compartilhamento de conhecimentos entre estudantes, profissionais da Animação, professores(as) e pesquisadores(as) – sobre aspectos da história, linguagem, produção e mercado da Animação, no âmbito da Faculdade de Comunicação da UnB.* O referido objeto teve como materialidade o planejamento e a oferta de palestras, oficinas, painéis temáticos e da Mostra Universitária de Cinema de Animação (MUCA), além do processo de avaliação da referida ação de Extensão, atividades coordenadas pelos autores do presente trabalho.

Importante ressaltar que a consecução destas foi acompanhada, ao longo de todo o semestre letivo que a antecedeu, pela oferta do componente curricular “Comunicação e Extensão”, ministrado pelo professor-orientador do presente estudo para toda equipe de trabalho envolvida com a referida ação de Extensão, o que denota a relação direta do objeto ação de extensão *Keyframes* também com os eixos do Ensino e da Pesquisa.

Isto posto, o **problema de pesquisa** delimitado refere-se à seguinte questão principal: *Como a Extensão Acadêmica, especialmente a ação Keyframes, pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Animação, no contexto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília?*

O referido problema de pesquisa suscitou outras questões pertinentes, as quais consideramos complementares, para o desenvolvimento deste trabalho:

- a) Como se configura, na contemporaneidade, as áreas do Ensino e da Pesquisa sobre Animação no Brasil, sobretudo em Instituições Públicas de Ensino Superior e, especialmente no Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UnB?
- b) Como se caracteriza a produção e o mercado da Animação no Brasil e em Brasília?
- c) Quais são as barreiras de acesso mais recorrentes aos variados tipos de conhecimento sobre Animação?
- d) O que é a Extensão Acadêmica e como ela pode ser contributiva ao estudo da Animação no contexto universitário?
- e) Quais as etapas conformam o processo de criação e a realização de uma ação de Extensão com fins de aprofundamento em conhecimentos de uma área específica como a Animação?

1.3 Hipóteses de trabalho

Diante da definição do objeto, do problema de pesquisa e de questões pontuais complementares, consideramos pertinente definir algumas **hipóteses de trabalho**, assim como recomenda o professor e metodólogo José Luiz Braga (2005). Isto é, são reflexões compreensivas que guiaram o processo de concepção e de realização do *Keyframes*, a saber:

- a) As lacunas percebidas em processos de Ensino e de Pesquisa sobre determinado tema no âmbito universitário, como é o caso da Animação na FAC/UnB, podem ser superadas pelos eixos que norteiam a Extensão Acadêmica, isto é, pelo diálogo direto, articulado e horizontalizado da Universidade com a comunidade externa a ela que já possui produção e expertise na área;
- b) A criação de uma Ação de Extensão sobre a temática da Animação no âmbito da Faculdade de Comunicação da UnB pode mobilizar diferentes atores (estudantes, professores(as), pesquisadores(as), técnicos(as) etc.) interessados(as) por ela – internos e externos ao

ambiente universitário – e fortalecer uma cultura de estudos sobre a Animação tanto na FAC quanto em outros cursos ou projetos da Instituição;

- c) A realização *Keyframes* a partir da articulação de diferentes atividades de extensão em sua estrutura (cursos, oficinas, palestras, painéis, mostra / exibição de produções) contempla de modo mais amplo e dinâmico os diferentes interesses nessa área, quer seja o da produção experimental, o da inserção no mercado ou mesmo o da pesquisa;
- d) Ações de Extensão podem promover a inovação no contexto universitário e, de modo particular, no caso da Animação, podem criar pontes e intercâmbios perenes entre a Universidade e a comunidade externa especializada no tema;
- e) Por fim, ações de Extensão como o *Keyframes*, em alguma medida, podem facilitar o acesso de estudantes que não possuem condições econômicas para custear seu aperfeiçoamento na área a partir de instituições particulares/privadas ou de fora do país. Isto é, ações de Extensão como o *Keyframes*, voltadas para temas ainda relativamente escassos, como é o caso da Animação, reforçam o necessário e genuíno papel social da Universidade Pública na oferta de formação científica, tecnológica e crítica nas mais diversas áreas do conhecimento, para todos e todas.

Considerando as hipóteses de trabalho, o problema de pesquisa, as questões acessórias e o objeto de estudo delimitado, expomos, a seguir, a síntese dos objetivos do presente trabalho.

1.4 Síntese dos objetivos da pesquisa

Partindo do interesse crescente do corpo discente e de uma parcela significativa da comunidade brasiliense nessa área da comunicação audiovisual, que busca estudar, aprender e se profissionalizar em Animação, torna-se relevante, dentro do âmbito dos pilares da Universidade como instituição de Ensino, Pesquisa e Extensão, trabalhar, diante desses interesses coletivos, na construção de um diálogo entre a academia e a sociedade. Intenta-se, assim, pautar a Animação como saber relevante para o curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, suprimindo assim a lacuna presente no fluxo de Ensino e proporcionar uma troca de experiência entre estudantes, professores e pesquisadores, além de profissionais atuantes no mercado e comunidade externa à academia.

Assim como não basta conhecer o conteúdo de uma disciplina, para se tornar automaticamente, um bom professor; assim também, não basta ser um pesquisador para saber, automaticamente, transformar a sala de aula num

espaço de pesquisa. Historicamente essas três “faces” da universidade (tripé) foram vivenciadas separadamente: a universidade que faz pesquisa através de seus pesquisadores; a universidade que ensina através dos professores e a universidade que realiza algumas ações de extensão universitária (FRANCO, 2009, p.23).

Diante desses pontos, e com os resultados obtidos com a pesquisa realizada na produção do *Keyframes*, observamos que para permear a Animação no Ensino, através da Extensão, seria necessário guiá-la como relevante e de interesse coletivo, da comunidade externa à Universidade de Brasília, além dos próprios estudantes da FAC/UnB.

Portanto, torna-se necessário revelar a carência do acesso a esse conhecimento para os interessados, não apenas nas instituições de ensino superior, mas no Distrito Federal como um todo, além de tornar possível incentivar e reforçar a importância da construção de um caminho que abarcasse os saberes em Animação e, inclusive, apresentar, à própria Universidade de Brasília, a necessidade de incluir Animação em um fluxo de ensino e aprendizagem.

O presente trabalho, de natureza teórico-aplicada, voltou seus **objetivos** tanto à reflexão sobre a importância da Animação na formação superior na área da Comunicação Audiovisual, o crescimento do mercado da área e a consequente demanda por profissionais qualificados quanto a respeito da Extensão Acadêmica e do potencial desta no fomento os estudos e à produção experimental da Animação no âmbito da Faculdade de Comunicação da UnB. No quadro 1, a seguir, expomos, de maneira mais sistematizada e articulada, nossos objetivos de pesquisa.

Quadro 1 – Síntese dos objetivos da pesquisa

Este trabalho se propôs a	<i>Criar e realizar o Keyframes: uma ação de Extensão acadêmica sobre Animação, com a oferta de seminários, palestras, painéis temáticos, oficinas e mostra universitária de cinema de animação; e refletir analiticamente sobre a Extensão como um caminho metodológico para o estudo da Animação no contexto da FAC/UnB.</i>
Para	<i>Fomentar, no âmbito de Instituições Ensino Superior públicas, a formação – teórica, técnica e crítica – e a produção experimental em Animação a partir do contato da Academia com profissionais/técnicos do mercado, especializados no tema, como incentivo ao crescimento e à inovação da área.</i>
Com a finalidade de	<i>Promover o intercâmbio de conhecimentos em Animação de forma horizontalizada, por meio do compartilhamento de diferentes saberes entre estudantes, animadores profissionais, professores(as) e pesquisadores(as) da área – externos e internos à UnB –, sobre aspectos da história, linguagem, produção e mercado da Animação.</i>
O que permitiu	<i>Compreender e elucidar como a Extensão Acadêmica pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Animação, no contexto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília; Estabelecer contatos e pontes com profissionais externos à UnB, e estúdios de animação de outras cidades do país; Aperfeiçoamento na área dos estudos e da produção experimental em Animação, tanto para os autores desse trabalho, quanto para estudantes e comunidade interna e externa à UnB; e Abertura de novas possibilidades para a cultura dos estudos sobre a Animação no âmbito da Faculdade de Comunicação da UnB e em outras IES públicas.</i>

Fonte: Elaboração própria

1.5 Justificativa

É importante ressaltar que as inquietações que motivaram a realização deste trabalho decorreram de diversos fatores. Inicialmente, a efeito de um questionamento feito em sala de aula, especificamente nas aulas de Som 1 do Bloco 1¹⁰, sobre técnicas descritivas em roteiros para contemplar elementos extremamente auditivos e/ou imagéticos. A docente da disciplina sugeriu, na ocasião, o desafio para que os alunos descrevessem uma cena levando o som e a imagem em consideração. Tal exercício levou à reflexão, aliado a predileções pessoais, de uma possível produção de Animação. Um roteiro de curta metragem infantil foi escrito: JACK, Aventuras.

Este roteiro de Animação atraiu um grupo de alunos interessados e motivados pelo desafio de tentar produzir um curta de Animação na FAC/UnB. Submetemos, então, o roteiro ao *pitching*, que selecionaria os projetos que receberiam suporte para realização.

¹⁰ Realização audiovisual multidisciplinar ocorrida no quinto (Bloco 1) e sexto (Bloco 2) semestres. As disciplinas conjuntas são: Oficina de Argumento e Roteiro; Edição 1 e 2; Som 1 e 2; Fotografia e Iluminação 1 e 2; Produção Audiovisual 1 e 2; Direção 1 e 2.

Felizmente, o roteiro foi contemplado e o curta realizado. Entretanto, fomos surpreendidos pela escassez de aporte ao buscarmos conhecimentos/orientações que nos guiassem na produção do filme dentro da Faculdade de Comunicação.

Através desta vivência e constatação da ausência de saberes sobre Animação na Faculdade, surge o objeto de estudo do presente trabalho, resultado de uma ação de Extensão: o *Keyframes*. Essa ação, que ocorreu na Semana de Extensão Universitária, foi realizada com o objetivo de aproximar os entusiastas e interessados no estudo de Animação e polinizar, dentro da FAC, conhecimentos diversos relacionados a área de Animação por meio de oficinas, palestras, painéis temáticos e mostra curtas de animação universitários. No *Keyframes*, tendo como palestrantes profissionais do mercado de trabalho e pesquisadores de Animação, foram debatidos, em meio às atividades que ocorreram no evento, os processos produtivos e de desenvolvimento de Animação.

Enquanto ação de Extensão, o *Keyframes* se torna um possível caminho para contemplar os saberes ainda não sistematizados e abarcados na grade curricular das instituições de ensino, conforme discutiremos adiante.

Quanto à *pertinência científica*, no semestre letivo seguinte ao chamado “Bloco 2”, durante a matéria “Pré-projeto em Audiovisual”, ministrada pelo prof. Elton Bruno Pinheiro, surge a oportunidade de pensarmos em nosso Projeto Experimental em Audiovisual, partindo de discussões que permearam tanto os nossos interesses e perspectivas pessoais quanto da compreensão da delimitação de um objeto e de um problema de estudo em Comunicação – possível de serem delimitados a partir da percepção de uma lacuna em determinada área – que des(en)cobriu nossa ideia de suprir as lacunas do Ensino da Animação a partir da Extensão.

Nesse sentido, em nossa compreensão, também começou a se desenhar a *pertinência social* do presente trabalho, uma vez que entendemos que, por meio da Extensão Acadêmica poderíamos não apenas aprimorar nossos conhecimentos sobre o tema da Animação mas também compartilhar esse conhecimento, aprendizados, experiências com outras pessoas da comunidade interna e externa à FAC e à própria UnB, inclusive contando com a imprescindível ajuda delas para tal. E isso pôde ganhar ainda projeção porque foi realizado no contexto do principal evento da UnB aberto à comunidade externa: a Semana Universitária, que em seu Edital, especificamente no tópico “Da Natureza e Tipos das Ações Propostas” evidencia o objetivo de, no campo da “Comunicação e Informação”, fomentar “ações que promovam a democratização da comunicação, do conhecimento, da informação e o acesso aos meios de comunicação”. (UNB, 2019b, p. 2).

Considerados alguns pontos que revelam a importância do tema desse estudo a parte de sua pertinência *acadêmica, científica e social*, avaliamos que sua relevância também é marcada pela *abordagem* de um tema *oportuno, local e particular*. Ou seja, uma *abordagem oportuna* por se tratar de um tema ainda pouco explorado no contexto das Instituições Ensino Superior, especialmente no âmbito da Faculdade de Comunicação da UnB, mas que, ao mesmo tempo, tem se mostrado como área cada vez mais em crescimento e em constante evolução, extrapolando a ideia de cinema de animação e alcançando espaço na televisão, nas redes de comunicação *online*, na publicidade e propaganda etc; uma *abordagem local* por nos voltarmos à reflexão do cenário da Animação no Brasil e, mais especificamente, por detectarmos a importância que o *Keyframes* pode oferecer ao contexto universitário brasiliense, já que pode acolher não apenas interessados pelo tema na UnB, mas de outras Instituições Públicas da capital federal, como o Instituto Federal de Brasília (IFB) e até mesmo Instituições privadas, como colaboradoras. E *abordagem particular* revelada pela importância da Animação no contexto da sua necessária inserção no campo do ensino e da produção experimental em Comunicação, sendo a Extensão acadêmica adotada como caminho para isso.

Ainda sobre a justificativa desse trabalho, ela se revela na contribuição que este pretende oferecer para a estruturação de outras ações que fomentem uma cultura dos Estudos da Animação na FAC/UnB e em outras IES que ainda não abordam tal área em seus currículos, sendo que tal área, cada vez mais, tem demandado profissionais especializados(as). Ademais, ao abordar as possibilidades abertas pelo caminho da Extensão, o trabalho também revela sua importância, uma vez que estamos vivenciando um intenso debate sobre essa esfera da estrutura acadêmica, especialmente o processo de sua curricularização. Abordar a Extensão demonstrando sua relação direta com os campos do Ensino e Pesquisa é um aspecto que consideramos como revelador da importância desse trabalho e da sua contribuição em termos de inovação e estreitamento dos laços na relação entre a Universidade e a sociedade.

1.6 Estrutura do Trabalho

Este trabalho se encontra dividido em quatro partes. Na primeira parte, esta, introdutória, são apresentados elementos estruturantes sobre o *Keyframes*, ação de Extensão realizada e aqui abordada. Na segunda parte, apresentamos os eixos de articulação teórica, a partir da interface entre Animação e Extensão. Em seguida, expomos as reflexões sobre o método, desenvolvidas ao longo da produção da ação de Extensão – antes, durante e depois – e

no desenrolar do estudo de finalização de curso. Na quarta parte, relatamos e analisamos os resultados obtidos. Por fim, são colocadas as considerações finais do trabalho. Nos elementos pós-textuais são disponibilizados os depoimentos e as entrevistas selecionadas, obtidas com a equipe organizadora, com os palestrantes e com os participantes. Também disponibilizamos parte do conteúdo criado para divulgação do *Keyframes*, suas redes sociais e *links* para visualização das atividades.

2 EIXOS DE ARTICULAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo abordaremos, dentro do campo de conhecimento teórico da Comunicação, aspectos da Animação e da Extensão que reforçaram as tomadas de decisões na realização do *Keyframes*. A estruturação do capítulo se baseia na articulação de duas distintas categorias teóricas, que se entrelaçam através do *Keyframes*. Inicialmente, debatemos aspectos da Animação, em especial traçando um panorama geral sobre a animação no Brasil e na FAC/UnB, além de explorar aspectos sobre o mercado de animação no país, sob a perspectiva da demanda e oferta de profissionais com formação acadêmica. Após, apresentamos a Extensão, como um caminho a ser explorado para suprir a lacuna criada pela falta de exploração do tema Animação nos cursos oferecidos por IES brasileiras.

2.1 Panorama geral sobre a Animação no Brasil

A primeira animação brasileira foi realizada em 1907, apenas 12 anos após a primeira exibição pública das revolucionárias imagens em movimento dos irmãos Lumière. O caricaturista e chargista Raul Paranhos Pederneiras se aventurou ao transformar algumas de suas histórias em charges animadas. O cinema de Animação brasileiro, como geralmente ocorre no surgimento de uma nova técnica audiovisual, começou a se desenvolver ocasionalmente e de forma experimental.

Porém, o real marco da Animação brasileira está em "Kaiser", Animação feita por Álvaro Martins e projetada pela primeira vez no Cine Pathé, pouco tempo antes do Brasil adentrar a Primeira Guerra Mundial contra a Alemanha, e exibida nos cinemas nacionais em 1917. A charge animada retrata o imperador alemão, Guilherme II, que coloca o chapéu em cima de um globo terrestre, representando seu domínio em relação ao planeta. A trama inicia quando o "planeta" aumenta de tamanho e engole o comandante. A animação se perdeu com o tempo, restando apenas este fotograma (Figura 1).

Figura 1 – O fotograma da animação Kaiser, de Álvaro Marins, o Seth



Fonte: SILVEIRA JUNIOR; PRADO, 2017, p. 131.

No mesmo ano, 1917, temos a primeira animação de personagens com características e situações mais próximas da realidade do povo brasileiro em um universo totalmente imaginário, “Traquinagens de Chiquinho e seu inseparável amigo Jagunço”, originada nos personagens da revista Tico Tico, destinada ao público infanto-juvenil e a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil (SOUZA, 2017).

Logo após, outros cartunistas, inspirados em personagens de quadrinhos norte-americanos e na técnica de fazer Animação, exploraram a criatividade através da propaganda como palco de recepção de diversas obras experimentais, como é o caso de Pasqualle Michelle, que produziu uma animação com caixas e palitos de fósforo como peça publicitária para um fabricante de cigarros, em meados de 1925.

Outros desenhistas e animadores iniciantes viram a publicidade como ponte possível de distribuição e exibição dos filmes. Afinal, fazer um filme com fins publicitários era menos custoso e mais promissor, além de possibilitar maior experimentação, do que levá-lo às telas do cinema, sendo este um mercado ainda fechado, caro e de difícil acesso para a Animação. Foi na década de 50 que as produções de filmes em Animação receberam mais incentivos financeiros, através de encomendas governamentais, principalmente para filmes animados com fins educativos. Esses filmes, do então Serviço Especial de Saúde, buscavam alertar a população sobre cuidados com a higiene e informar acerca da prevenção e tratamento de doenças infecciosas.

Em 1953, é realizado o primeiro longa metragem nacional em animação, chamado “Sinfonia Amazônica”, inspirado nos filmes de Walt Disney, especialmente o clássico “Fantasia”. Anélio Latini Filho destinou cinco anos de sua vida para pesquisar o folclore, desenhar cada *frame* do filme e pintar cenários para dar a sensação de profundidade. Além disso, assim como em “Fantasia”, a música em “Sinfonia Amazônica” cumpre um papel fundamental. A sincronia entre a imagem e o som também foi feita por Anélio, através de uma técnica que ele mesmo desenvolveu para sonorizar o filme.

Foi ainda responsabilidade de Anélio a sincronização entre música e movimentação dos personagens. Para tanto, criou um recurso que através de “folhas de sincronização” comparava os intervalos das notas na partitura aos movimentos dos personagens nas folhas de papel em um cálculo extremamente meticuloso. Todo o esforço e dedicação de Anélio foram compensados com a criação de um relato lírico e singular sobre a riqueza lendária da região amazônica. O filme (...) deu ao Brasil o destaque no exterior, recebendo os troféus Estatueta Saci de Cinema, de 1954, prêmio do jornal “O Estado de São Paulo”, prêmio da Comissão Nacional do Folclore da UNESCO, Prêmio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), prêmio estatueta “O índio”, do Jornal de Cinema e prêmio do Festival Nacional Cinematográfico do Rio de Janeiro. Apesar disso, o filme gerou muitas despesas com publicidade, cartazes, fotos, e não deu retorno financeiro após as exibições. Quando Latini tentou relançar em 1977, Sinfonia Amazônica se deparou com uma lei brasileira que proíbe o relançamento de filmes nacionais depois da primeira censura de cinco anos. Foi alegado que isso iria diminuir o interesse por novas produções. (GOMES, 2008, p. 8).

Apesar de numerosas animações ainda estarem ligadas à publicidade nas telas da televisão, com a ditadura, surge um aumento considerável em produções audiovisuais animadas com teor didático/educacional, com fins propagandísticos. As repressões e censuras nos meios de produção cultural, tanto nos polos artísticos (música, teatro, escritas) quanto na mídia (rádio, TV, cinema) eram expressivas. O que não estivesse de acordo com o que era determinado pelo Estado, após avaliado pelos censores, era cassado.

Na tentativa de mostrar uma visão positiva do regime militar, o ufanismo aparece para justificar as ações de violência e repressão, cada vez mais visível na área da comunicação e pouco percebida pela sociedade civil. Campanhas como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, programas e filmes de comédia, cumprindo a função de escapismo, dentro da norma vigente instalada, eram bem vistos.

A sociedade usa o riso para acalmar as tensões, deter a violência, ditando ela, e não os outros as regras do jogo. Deste modo, não se permite criar alternativas dentro do sistema. A animação cômica de

Arnaldo Albuquerque [Carcará – pega mata e come] surgiu num momento de grandes tensões sociais e políticas no Brasil. (...) Num dos momentos mais sombrios do povo brasileiro, sua animação trouxe uma pureza em um humor negro e descomprometido e da expressão de um artista que utilizou a arte como arma. (NOGUEIRA, 2015, p. 142-143).

Seguindo esse sentimento de “Brasil Grande”, foi criada a Embrafilme, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura e, posteriormente, substituindo o Instituto Nacional de Cinema (INC¹¹), com o intuito de promover com os filmes brasileiros a imagem de um “Brasil que deu certo” para os olhares internacionais. A Lei do Curta-Metragem¹², que alavancava as produções devido a participação das obras em congressos e festivais de cinema, foi um excelente estímulo para os animadores, pois a produção de longas-metragens em animação continuava embrionária. Apenas dez anos depois surgiram os primeiros longas animados, com “As Aventuras da Turma da Mônica”, dirigido por Maurício de Sousa (GOMES, 2008).

Com o aumento na distribuição dos curtas, a necessidade por profissionais qualificados era, e ainda é, um impeditivo para o aumento de produções cinematográficas animadas. Se por um lado são desprendidos muitos investimentos para acompanhar os avanços tecnológicos, que acelerarem o modelo de se fazer filmes, por outro, alguns animadores direcionaram seus conhecimentos para o ensino da Animação para crianças e jovens, em um processo mais acessível e adequado às diferentes realidades nacionais. O Núcleo de Cinema de Animação de Campinas foi um dos estabelecimentos criados para educação e formação de novos profissionais em 1975. Além disso, a Escola Dinâmica de Ensino Moderno (EDEM), localizada no Rio de Janeiro, também foi pioneira no ensino e aprendizagem de animação.

Em 1985 um acordo entre a empresa canadense National Film Board e a nacional Embrafilme criou um núcleo de animação no Rio de Janeiro e permitiu o aparecimento de toda uma nova geração de animadores como César Coelho e Aida Queiróz nas parcerias Alex (1987) e Tá limpo (1991), Daniel Schorr com Viagem de ônibus (1986) e Fábio Ligrimi com Quando os morcegos se calam (1986). (GOMES, 2008, p. 14-15)

A extinção da Embrafilme gerou uma baixa nas produções de filmes animados. Entretanto, os meios de se fazer animação, novas técnicas e novos estilos continuaram sendo

¹¹ Criado em 1966, cumpria a função de fiscalizar e regulamentar a produção, distribuição e exibição de cinematográfica brasileira. Além disso, podia atuar como fomentadora, financiando e/ou premiando, os filmes que julgavam promissores aos interesses da época da ditadura militar.

¹² A Lei Federal 6.281, no artigo 13, obriga a exibição de curta-metragens nacionais, e de acordo com as normas estabelecidas pela Embrafilme, e em sessões de filmes estrangeiros de longa-metragem.

desenvolvidos. Seguindo a trajetória de formação de núcleos regionais de ensino e produção de conteúdo audiovisual em animação experimental, como foi criado na da Universidade Federal de Minas Gerais, novos animadores, vindos de cursos universitários, foram surgindo e continuam, até os dias de hoje.

“Cassiopéia”, realizado em 1996 por Clóvis Vieira, foi o primeiro longa-metragem brasileiro produzido por completo em computação e levou quatro anos para ser finalizado. “Almas em Chamas”, de Arnaldo Galvão, curta de conteúdo adulto e erótico, foi vencedor dos prêmios de Melhor Roteiro e Prêmio Especial do Júri no Festival de Gramado de 2000, tornando o diretor conhecido tanto nacional e internacionalmente. Galvão foi um dos criadores da Associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA). Em 2004, o “Cine Gibi”, longa-metragem da Turma da Mônica produzido por Maurício de Sousa, é lançado nos cinemas e encanta pela metalinguagem e carisma dos personagens.

Outros cineastas e animadores receberam, e recebem, destaque por suas obras em festivais. Além das variadas formas de se fazer animação, o incentivo e o apoio estatal, seja através de leis de proteção ou de fomento, é fundamental para o desenvolvimento das produções culturais no geral. “A demora do Brasil em encarar o cinema como uma produção industrial também foi outro grave problema na evolução do cinema de brasileiro” (GOMES, 2008, p. 22). Sendo assim, o caminho mais promissor em questões de retorno financeiro e quantidade de produção realizada, ainda se encontra na publicidade quando falamos em Animação.

A seguir, abordaremos como a animação se encontra no âmbito acadêmico. Quantos e quais cursos existem e como eles são estruturados, analisando quais são os critérios pedagógicos utilizados para a formação de um profissional de Animação.

2.1.1 Animação no âmbito acadêmico

Desde suas primeiras produções, a Animação brasileira se apresentou fortemente ligada ao jornalismo através de charges e críticas embutidas no exagero próprio dos fundamentos da Animação¹³. A cultura brasileira se manifesta nos desenhos, e assim como estudamos fenômenos culturais para compreender a história e as relações humanas (ANDRADE;

¹³ Os doze princípios básicos da animação foram propostos pelos animadores Frank Thomas e Ollie Johnston, do *Walt Disney Animation Studios*, e registrados no livro *The Illusion of Life*. Esses princípios foram criados a partir das experiências de ambos os animadores na busca por uma produção com movimentos mais fluídos, naturais e realistas. Um dos princípios é o *staging* (encenação/composição), fazendo referência a *mise-en-scène*. Outro é o *exaggeration* (exagero), que visa auxiliar os telespectadores a compreender melhor a ação.

SCARELI; ESTRELA, 2012), deveríamos estudar Animação não só como um produto audiovisual, mas sim como um meio de Comunicação Social e de registro histórico.

O cinema tem um relevante papel na sociedade (ANDRADE; SCARELI; ESTRELA, 2012) e de grande impacto nas representações sociais, nacionais e étnicas. O audiovisual tem o poder de convencer, ensinar e envolver as pessoas e a Animação como uma área do audiovisual, como arte e como comunicação se torna um grande laboratório de experimentações imagéticas repletas de significados e possibilidades.

Além disso, o estudo da Animação para o profissional de audiovisual, cineasta ou comunicólogo é essencial àqueles(as) que queiram seguir uma carreira na criação de conteúdo em Animação. Portanto, cremos ser importante que tal conhecimento seja também disponibilizado por Instituições de Ensino Superior públicas Federais, no Ensino, Pesquisa e Extensão¹⁴.

Quadro 2 – Instituições de Ensino Superior com o curso de graduação – bacharelado – em Animação

Instituição	Nome da Instituição	Nome do curso	Modalidade
Pública	Universidade Federal de Santa Catarina	Animação	Presencial
Pública	Universidade Federal de Pelotas	Cinema de Animação	Presencial
Pública	Universidade Federal de Minas Gerais	Cinema de Animação e Artes Digitais	Presencial
Privada	Faculdade Armando Alvares Penteado	Cinema e Animação	Presencial
Privada	Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas	<i>Design</i> de Animação	EaD
Privada	Universidade Anhembi Morumbi	Animação	Presencial/EaD
Privada	Universidade Salvador	<i>Design</i> de Animação	EaD
Privada	Universidade Potiguar	<i>Design</i> de Animação	EaD
Privada	Centro Universitário FADERGS	<i>Design</i> de Animação	EaD

Fonte: adaptado de emec.mec.gov.br

¹⁴ Intuições de Ensino Superior particulares que ofertam o curso de graduação – em grau bacharelado e/ou tecnólogo – em Animação cobram até R\$ 2.150,00 de mensalidade, o que torna o acesso a esse conhecimento restrito para os interessados em estudar e se profissionalizar na área de Animação.

Conforme observado no quadro 2, existem nove Instituições de Ensino Superior com curso bacharelado em Animação no Brasil, excluindo os cursos tecnólogos e os não certificados pelo MEC. Conforme o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, consultado através do e-MEC, o Centro Universitário Ritter dos Reis, o Centro Universitário IBMR e o Centro Universitário dos Guararapes pretendem iniciar um curso EaD de *Design* de Animação, em grau bacharelado. Apesar disso, apenas cinco cursos são presenciais e três destas IES são públicas.

Considerando a Animação enquanto uma técnica e um gênero audiovisual, torna-se coerente a inclusão de disciplinas relacionadas a essa área dentro de um curso mais generalista, sendo abordados aspectos teóricos, estéticos e práticos de pertencimento ao Ensino estruturado nas matrizes curriculares do curso, formando um profissional capaz de compreender a indústria audiovisual e se enxergar como agente produtor de conteúdo para cinema, televisão, rádio e *Internet*, em diversos formatos como série, curta e/ou longa metragem, animação 2D, 3D, *motion designer*, *stop-motion*, documentário, *sound design*, entre outros. Por isso, consideramos que o estudo na Graduação de áreas que possam abranger esses conhecimentos é muito importante, para assim o aluno e a aluna terem um norte e serem instigados a um tipo de especialização dentro do audiovisual que os interessem para depois da formação.

O quadro 3, seguinte, lista todos os cursos em grau bacharelado de Audiovisual de Universidades Federais, presenciais, registrados e certificados pelo MEC, incluindo os de Cinema e Audiovisual e Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, e que possuem uma disciplina de Animação, em qualquer modalidade e qualquer período presente na matriz curricular.

Quadro 3 – Cursos de Audiovisual em IES públicas que possuem disciplina de Animação

IES	Curso	Nome da Disciplina	Semestre /Período	Modalidade
Universidade Federal do Pará	Cinema e Audiovisual	Cinema de Animação I	7º	Obrigatória
		Cinema de Animação II	8º	Obrigatória
Universidade Federal de Juiz de Fora	Cinema e Audiovisual	Fundamentação Técnica e Experimental – Animação	-	Eletiva
Universidade Federal de Pelotas	Cinema e Audiovisual	Animação	-	Optativa
Universidade Federal do	Audiovisual	Animação	4º	Obrigatória

Mato Grosso do Sul				
Universidade Federal de Sergipe	Cinema e Audiovisual/ Comunicação Social – Audiovisual	Animação	6º	Obrigatória
		Animação II	-	Complementar
Universidade Federal da Paraíba	Cinema e Audiovisual	Animação	-	Optativa
		Modelagem e Animação para Cinema	-	Optativa
Universidade Federal do Ceará	Cinema e Audiovisual	Oficina de Computação Gráfica – Animação	-	Optativa
Universidade Federal Fluminense	Cinema e Audiovisual	Animação	2º	Obrigatório
		Oficina de Animação I	-	Optativa
		Oficina de Animação II	-	Optativa
Universidade Federal da Integração Latino-Americana	Cinema e Audiovisual	Cinema de Animação	-	Complementar
Universidade Federal de Mato Grosso	Cinema e Audiovisual / Comunicação Social – Radialismo	Animação	7º	Obrigatória
Instituto Federal Goiás	Cinema e Audiovisual	Computação Gráfica e Animação	7º	Obrigatória
Universidade de Brasília	Comunicação Social – Audiovisual	Oficina de Animação	-	Optativa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Comunicação Social – Audiovisual	Animação e Infografia	-	Optativa
Universidade Federal de Pernambuco	Cinema e Audiovisual	Cinema de Animação	5º	Obrigatória
		Oficina de Animação	-	Eletiva
		História de Animação	-	Eletiva

Fonte: Elaboração própria com informações dos PPPC de cada instituição.

É importante ressaltar que algumas Universidades estão reestruturando os seus projetos curriculares, como por exemplo a Universidade Federal de Mato Grosso que, em seu *site*, possui tanto o curso de Cinema e Audiovisual quanto o curso de Comunicação Social com Habilitação em Radialismo. Apesar do nome diferenciado, as grades curriculares de ambas são iguais, pressupondo-se duplicidade do curso. O mesmo acontece com o curso de Comunicação Social com habilitação Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe, que recentemente remodelou o curso para ser somente Cinema e Audiovisual.

Vale destacar que as disciplinas quando listadas como optativa ou complementar/eletiva não são obrigatoriamente ofertadas em todos os semestres. Oficina de Computação Gráfica – Animação, por exemplo, apesar de constar na matriz curricular do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará, esteve disponível apenas duas vezes, no primeiro semestre de 2013 e no primeiro semestre de 2014, evidenciando a não periodicidade da disciplina. Algo similar ocorre com a disciplina Oficina de Animação do curso de Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em que não foi possível confirmar a frequência em que é ofertada aos discentes.

2.1.2 O caso da FAC

No próximo tópico deste capítulo, será abordado como as produções em animação são importantes para a Indústria Audiovisual Internacional e Nacional, tanto financeiramente quanto na geração de novas áreas de trabalho, e o papel de um curso estruturado e profissionalizante para formação de profissionais qualificados aptos a competir tanto com produções locais e quanto com empresas mais de renome.

A Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília possui dois cursos: Jornalismo e Comunicação Social – diurno, com habilitação em Audiovisual ou Publicidade e Propaganda, e noturno, com habilitação em Comunicação Organizacional. O foco deste estudo é argumentar sobre a importância da inserção do ensino da Animação nos cursos de graduação, em especial, o Audiovisual, por isso seguiremos a análise dessa habilitação ao falarmos da FAC.

O Projeto Político Pedagógico de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UnB informa que o curso foi criado em 1962, sendo o pioneiro de cinema em Universidades públicas brasileiras. No entanto, com golpe de 1964 a Universidade de Brasília, seja pelo seu pioneirismo e posicionamento, seja pela localidade, sofreu grandes baixas devido a repressão governamental e o curso foi fechado, retornando somente em 1969 como um setor em um conjunto de cursos que foram organizados no Departamento de Artes Visuais e Cinema, além de um Curso Profissionalizante de Cinema formado pelas disciplinas:

- Técnica Planejamento Cinematográfico I e II;
- Análise de Filme I,II e III;
- Técnica de Filmagem I, II e III;

- Técnica de Edição Cinematográfica I, II e III; e
- Projeto de Cinema I e II.

Em 1972, o Curso Profissionalizante de Cinema foi encerrado devido a novas pressões militares, levando o Departamento e a parte artística da Universidade de Brasília a outra ruptura estrutural. Apesar de tamanhas interrupções, a fim de assegurar a sobrevivência do curso sob outras terminologias, nasce o Departamento de Comunicação com as habilitações de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV e Cinema. A UnB era o polo central de criação, desenvolvimento e circulação do cinema brasiliense, com predominância da realização de documentários.

No final da década de 1980, após aposentadoria de docentes e funcionários do curso de cinema, disciplinas que antes eram ofertadas por eles agora estavam suspensas devido a falta de professores relacionadas com a disciplina em conjunto com a ausência de profissionais qualificados e aptos a lecionar. Com isso, ocorre a interrupção da entrada de novos alunos na Faculdade por seis anos, de 1990 até 1996, quando investimentos foram realizados com o objetivo de ajustar o corpo docente visando preencherem as lacunas de disciplinas existentes pela falta de professores. No mesmo período, foi elaborado um planejamento para a reforma curricular, ocorrida em 2001. Como consequência desta nova reforma, surge a habilitação em Audiovisual, tal como é hoje, fruto da união de Cinema e Rádio e TV.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da habilitação de Audiovisual da Faculdade de Comunicação, a base do curso

(...) é a compreensão da linguagem audiovisual enquanto expressão comunicativa sob seus aspectos técnicos, estéticos, éticos, culturais sociológicos e mercadológicos. (...) [As disciplinas] foram elaboradas para que o egresso seja capaz de desenvolver atividades de criação, produção, estruturação, formatação, direção e programação de produtos em áudio, TV, cinema e *outras mídias digitais* nas suas formulações diversas, seja documental, de narração, musicais, descritivas e expositivas, educativas etc; tenha domínio técnico, estético e de procedimentos expressivos pertinentes a essa elaboração audiovisual (UNB, 2019a, p. 74. Grifo nosso.)

No entanto, ao contrário do que se apresenta no Projeto Político Pedagógico sobre a exploração de outras mídias digitais ainda não há, em sua matriz curricular, algo direcionado a isso. O curso, apesar de ter passado por outra reformulação, em 2009, e revisão/atualização do

seu PPPC, em 2019, ainda se encontra com as disciplinas centralizadas na produção cinematográfica e pouco explora as outras vertentes do audiovisual.

Quadro 4 – Fluxo da habilitação em Audiovisual

1º Semestre	Modalidade
Fundamentos da Comunicação Visual	OBG
Introdução a Comunicação	OBG
Oficina Básica do Audiovisual	OBG
Comunicação e Universidade	OBG
Oficina de Texto	OBG
2º Semestre	
Linguagem Cinematográfica e Audiovisual	OBG
Ética na Comunicação	OBG
Introdução a Fotografia	OBG
História do Cinema	OBG
Teorias da Comunicação	OBG
3º Semestre	
Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação	OBG
Tecnologias de Comunicação	OBG
Introdução a Linguagem Sonora	OBG
Teoria Estética do Cinema e do Audiovisual	OBG
4º Semestre	
Estética na Comunicação	OBG
Argumento e Roteiro	OBG
Roteiro, Produção e Realização em Áudio	OBG
Documentário 1	OBG
Direção de Atores	OBG
5º Semestre	
Direção	OBG
Produção	OBG

Fotografia e Iluminação 1	OBG
Som 1	OBG
Edição e Montagem	OBG
Oficina de Argumento e Roteiro	OBG
Documentário 2	OBG
6º Semestre	
Direção em Audiovisual 2	OBG
Produção 2	OBG
Fotografia e Iluminação 2	OBG
Som 2	OBG
Edição e Montagem 2	OBG
7º Semestre	
Políticas de Comunicação	OBG
Pré-Projeto em Audiovisual	OBG
Legislação, Desenvolvimento e Produção de Projetos	OBG
8º Semestre	
Projeto Experimental	OBG
Comunicação e Sociedade	OBG
9º Semestre	
Análise da Imagem	OPT
Análise Audiovisual	OPT
Cinema Brasileiro Contemporâneo	OPT
Comunicação e Gênero	OPT
Direção de Arte para Audiovisual	OPT
Fotojornalismo	OPT
Tendências Cinema e Televisão	OPT
Tópicos Especiais em Comunicação	OPT

Fonte: Adaptado do Projeto Político Pedagógico de Audiovisual 2019.

Avaliando o fluxo de disciplinas, o currículo de habilitação Audiovisual busca formar potenciais profissionais críticos em Comunicação e conscientes socialmente do seu espaço,

notadamente, na indústria cinematográfica. Entretanto, conforme as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação de Cinema e Audiovisual aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, a habilitação em Audiovisual da Universidade de Brasília ainda apresenta espaços que precisam ser preenchidos a fim de criar uma base sólida para os alunos e alunas que desejam a ingressar no mercado de trabalho.

Mesmo a disciplina de Animação, pertencente ao Departamento de Artes Visuais da UnB, tem em sua ementa: “Instrumentação prática e teórica da animação como linguagem em filme ou computação. Processos Experimentais”. Já a disciplina de Oficina de Animação, esta do próprio Departamento de Audiovisuais e Publicidade, traz em sua ementa: “Contribuições que o desenho de animação pode trazer a construção de obras audiovisuais. A história do desenho animado. Estética do desenho animado. Métodos e técnicas do desenho animado em película. A produção gráfica associada ao desenho animado. Estrutura dos planos de filmagem. Composição e enquadramento. Planejamento e organização da produção do desenho animado”. Conforme dito, tais disciplinas são optativas na matriz curricular do curso de Comunicação Social, portanto não há garantia de oferta.

Acreditamos que um dos possíveis motivos para indisponibilidade da disciplina é a ausência de docentes especializados em Animação na Faculdade de Comunicação, aliado à uma possível falta de demanda e interesse por parte do corpo discente. Todavia, com os resultados obtidos no *Keyframes*, percebemos que há a demanda e o interesse por parte dos alunos e alunas, sendo plausível a oferta regular da disciplina. Diferentemente, a disciplina de Animação do Departamento de Artes Visuais tem uma oferta mais frequente, apesar do pouco número de vagas disponíveis. A intermitente oferta de ambas as disciplinas é causa de instabilidade e consequente arrefecimento do interesse coletivo.

Como exemplo de disciplinas que alimentam e são alimentadas pelo interesse das alunas e dos alunos, podemos citar “Introdução a Linguagem Sonora” e “Roteiro e ‘Produção e Realização em Áudio”, que geram uma cultura crescente de interesse em produtos sonoros, como *podcasts*. Tal interesse dos discentes gera produção de conteúdo, que alcança novos alunos, o que permite experimentar novos formatos, assim criando um ciclo de enriquecimento na formação sobre a linguagem sonora, que é contributiva à produção audiovisual.

Adiante, abordaremos a importância das produções em Animação para a indústria audiovisual, tanto financeiramente quanto na geração de novas áreas de trabalho, bem como a importância de um curso estruturado para formação de profissionais qualificados para o mercado.

2.1.3 A importância e atualidade do mercado da Animação

Não é só de cinema que vive a Animação brasileira. Na verdade, são diversos os serviços e produtos que fazem uso dessa área do audiovisual para atingir o seu público de interesse. A publicidade, por exemplo, utiliza-se do potencial imagético da Animação em peças publicitárias para apresentar e vender produtos. O jornalismo usa técnicas da Animação, como o *motion design*, para ilustrar eventos ou ressaltá-los. Empresas fazem uso da mesma técnica para compor vídeos institucionais e outros de cunho corporativo. Produtos educacionais em multimídia também concentram sua produção de conteúdo na Animação. A engenharia busca a Animação mecânica para reproduzir visualmente o *modus operandi* dos produtos mecânicos como pré-teste, demonstrações de produtos e suas funcionalidades antes de terem sido construídos. De livros físicos a museus, a Animação é combinada com a tecnologia de *softwares*, iluminação e aplicativos para tornar a interação com a obra ou com o espaço mais imersiva. Em síntese, espaço e variedade de formatos são desafios já ultrapassados para o universo da Animação dentro do mercado atual.

Em relação à atribuição de valores, distribuição e consumo, a Animação se tornou um instrumento de expansão e potencialização de ideias, como podemos observar em histórias originárias em quadrinhos que intensificaram seu alcance nas telas da televisão e cinema, com a produção de filmes e séries animados. Personagens de destaque são passíveis de licenciamento, atribuindo cada vez mais valor a produtos audiovisuais e de categorias distintas no meio de consumo, como estampas de camisetas, cadernos, brinquedos, colecionáveis, produtos alimentícios, entre outros.

Produtos se tornaram mais plurais, podendo explorar seu universo em plataformas variadas com interações diferentes para entreter e engajar cada vez mais os seus fãs, sendo transmidiáticos¹⁵, os tornando mais amplos e diversos para além de uma obra audiovisual primordial.

No Brasil, a animação também vem se destacando nos últimos anos: em 2017, foram lançadas 213 obras de animação, sendo 115 curtas-metragens, 13 médias-metragens, sete longas-metragens e 78 obras seriadas (...). Em relação a 2016, quando foram lançadas 164 obras brasileiras de animação, houve quase 30% de crescimento. (NYKO; ZENDRON, 2019. p. 12).

¹⁵ Elemento da mesma propriedade intelectual, que faz uso de diferentes mídias para complementar uma narrativa.

De acordo com os dados apresentados pela ANCINE, Agência Nacional do Cinema, e pesquisa realizada por Diego Nyko e Patrícia Zendron, publicada na Revista do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, a lógica por trás do crescimento sobre o consumo de animação "é resultado do aumento da demanda por entretenimento animado nos serviços de transmissão de TV a cabo e por satélite, bem como do avanço da *Internet* e de seus serviços de *video on demand (VoD)*" (NYKO; ZENDRON, 2019, p. 11).

Quadro 5 – Quantitativo de horas de programação de gêneros por emissora em 2016

Superintendência de Análise de Mercado



Tabela 8: Quantitativo de Horas de Programação de Gêneros por Emissora (2016)

Gênero	Band	CNT	Globo	Record	RedeTVi	SBT	TV Brasil	TV Cultura	TV Gazeta	Total Geral
Animação	-	-	-	-	-	730:00:00	40:49:00	-	-	770:49:00
Auditório	223:35:00	-	816:03:00	487:15:00	594:25:00	1124:58:00	-	-	-	3246:16:00
Colonismo Social	-	-	-	-	663:48:00	142:00:00	-	-	-	805:48:00
Culinário	-	-	-	-	-	-	41:00:00	-	-	41:00:00
Debate	209:50:00	-	1:41:00	-	27:30:00	-	696:15:00	613:08:00	102:20:00	1650:44:00
Documentário	151:43:00	-	258:13:00	52:45:00	81:26:00	157:00:00	731:16:00	328:45:00	87:19:00	1848:27:00
Educativo	-	-	-	-	-	-	435:08:00	552:18:00	-	987:26:00
Entrevista	102:21:00	279:10:00	55:44:00	-	89:21:00	-	314:33:00	188:35:00	139:00:00	1168:44:00
Especial	2:40:00	-	12:25:00	13:45:00	10:45:00	7:00:00	47:48:00	2:00:00	-	96:23:00
Esportivo	1598:37:00	101:25:00	774:04:00	221:10:00	286:40:00	-	567:59:00	27:25:00	274:30:00	3851:50:00
Eventos	46:37:00	-	56:28:00	7:15:00	13:00:00	29:30:00	19:45:00	12:20:00	-	184:55:00
Ficção	-	-	-	-	-	-	-	62:15:00	-	62:15:00
Filme	303:10:00	-	1681:25:00	254:28:00	-	258:46:00	835:52:00	282:51:00	-	3616:32:00
FORA DO AR	-	-	17:20:00	-	-	3:15:00	-	40:18:00	-	60:53:00
Game Show	-	-	-	-	-	70:45:00	-	-	-	70:45:00
Humorístico	186:25:00	-	80:09:00	110:15:00	301:35:00	75:15:00	-	-	-	753:39:00
Infantil	21:40:00	-	-	-	-	1236:15:00	212:07:00	452:01:00	-	1922:03:00
Instrutivo	24:35:00	2:45:00	212:43:00	-	15:00:00	-	370:52:00	366:32:00	130:30:00	1122:57:00
Musical	-	-	2:25:00	-	48:40:00	68:28:00	729:44:00	629:37:00	-	1478:54:00
Novela	251:05:00	-	1384:58:00	824:35:00	-	1391:30:00	72:40:00	-	-	3924:48:00
Político	15:15:00	15:15:00	15:15:00	15:15:00	26:18:00	15:15:00	15:15:00	15:15:00	15:15:00	148:18:00
Quiz Show	-	-	-	-	113:15:00	-	-	-	-	113:15:00
Reality Show	194:10:00	-	109:20:00	89:45:00	73:50:00	112:55:00	-	18:00:00	8:00:00	606:00:00
Religioso	1426:44:00	7867:53:00	53:56:00	2010:25:00	3840:15:00	-	132:39:00	52:00:00	1374:45:00	16758:37:00
Revista	20:35:00	38:00:00	119:11:00	188:00:00	836:53:00	-	287:05:00	429:43:00	47:59:00	1967:26:00
Série	1200:28:00	18:05:00	426:19:00	434:15:00	-	932:50:00	2582:35:00	3763:57:00	20:24:00	9378:53:00
Sorteio	201:10:00	-	-	-	82:50:00	9:00:00	-	-	26:50:00	319:50:00
Talk Show	-	21:10:00	-	72:00:00	66:25:00	224:15:00	-	-	-	383:50:00
Telecompra	93:30:00	-	-	-	376:59:00	-	-	-	3934:25:00	4404:54:00
Telejornal	2251:25:00	440:17:00	1939:26:00	3148:52:00	640:45:00	1667:50:00	557:38:00	830:10:00	445:43:00	11922:06:00
Variedades	258:25:00	-	766:55:00	854:00:00	594:20:00	527:13:00	93:00:00	116:50:00	2177:00:00	5387:43:00
Total	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	8784:00:00	79056:00:00

Fonte: ANCINE, 2016, p. 22.

De acordo com os dados da ANCINE, é possível observar que o SBT e a TV Brasil são os únicos canais abertos que disponibilizam programação do gênero Animação. É importante ressaltar que o presente gênero aqui abordado se enquadra em grande escala como programação de entretenimento infantil, podendo ser incluído também na categoria retratada, mas o inverso

não se enquadra no documento, já que o gênero infantil pode ser apresentado como “episódio único ou seriado, nos formatos de animação, auditório, brincadeiras, entrevistas, game shows, musicais etc., atrações marcadamente voltadas para crianças, ou seja, público infantil, comandadas por apresentadores ou personagens fantasiados” (ANCINE, 2016, p. 64), o que torna a busca por conteúdos audiovisuais do gênero em Animação mais procurados, permitindo supor que uma das razões seja a escassez nos canais abertos.

No entanto, considera-se que mesmo com pouca variedade na programação em canais abertos, o consumo em conteúdos animados permanece alto. De acordo com o Nyko e Zendron (2019, p. 20) “o consumo de animação em TV é o mais significativo, chegando a R\$ 2,05 bilhões em 2016”. Em canais pagos, TV a cabo ou satélite, “o segmento de animação alcançou R\$ 1,35 bilhão, ou 5,9% do valor total pago pelos assinantes de pacotes básicos e básicos estendidos da TV paga” (NYKO; ZENDRON, 2019, p. 20) em relação à TV aberta, que considerando os dados de 2016, “foi estimado em R\$ 698 milhões” (NYKO; ZENDRON, 2019, p. 20). No quadro abaixo, resumimos os valores financeiros movimentados pelo mercado de Animação no país.

Quadro 6 – Tamanho do Mercado Brasileiro consumidor de animações (R\$ em milhões)

Seguimento	Valor
Animação para TV paga	1.353
Animação para TV aberta	698
Animação para cinema	518
<i>VoD</i>	73
<i>Games</i>	1.678
Aplicações corporativas	559
Total	4.879

Fonte: Adaptado de NYKO; ZENDRON (2019) p. 20.

Os serviços de *streaming*, tais como a Amazon, Globoplay, Disney+ e Netflix, além de serem mais rentáveis do que a TV por assinatura, tornaram-se grandes palcos para produções de conteúdo audiovisual independente em larga escala, tendo em vista a necessidade de

acrescentar e/ou alterar o repositório de conteúdos exclusivos constantemente para continuar chamando a atenção dos consumidores e atrair novos.

Esses serviços potencializam a circulação e o consumo de conteúdos audiovisuais para usuários de tecnologias móveis, TVs e computadores pessoais. A atual concorrência entre as muitas plataformas existentes traz a necessidade constante de ampliar o catálogo com conteúdo original exclusivo. (NYKO; ZENDRON, 2019, p. 12).

O mercado audiovisual busca cada vez mais produções de conteúdo em Animação e, por parte da indústria brasileira de Animação vê-se uma oportunidade para o Brasil de produzir mais conteúdos animados com o foco no mercado internacional, obtendo cada vez mais apoio e financiamentos, inclusive do próprio BNDES, um dos maiores apoiadores nesse gênero.

(...) no Brasil, é possível produzir séries completas (13 a 26 episódios de 26 a 52 minutos de duração por temporada) por valores de produção equivalentes aos valores de produção de pilotos (primeiro episódio-teste) de séries americanas. O mercado internacional, portanto, é uma possibilidade para a produção nacional, graças às exigências de constante renovação dos catálogos de exibição, com interesse por maior diversidade cultural, e, principalmente, aos menores custos de produção local para produtoras que disponham de conteúdo com qualidade de nível global. (NYKO; ZENDRON, 2019, p. 24).

Segundo Nyko e Zendron, mesmo que as empresas de Animação, dentro do país, sejam de pequeno porte, o destaque nas produções é grande internacionalmente. A competitividade interna entre empresas, assim como entre produções internacionais *versus* as nacionais, exige um aumento na qualidade das obras e consequentemente profissionais mais capacitados, tendo em vista que “a indústria de animação caracteriza-se pela produção do tipo trabalho-intensiva, baseada na criatividade e em alta qualificação.” (NYKO; ZENDRON, 2019, p. 23).

2.2 Extensão

Foi através da Extensão universitária que tivemos a oportunidade de falar, e aprender, sobre a Animação dentro da FAC/UnB. O caminho da Extensão, até então não totalmente descoberto para nós, foi o que permitiu, ou propiciou, a realização do *Keyframes*. No primeiro momento, não o imaginávamos como ação de Extensão – sequer sabíamos ao certo o que era uma ação de Extensão. Ao perceber, enquanto discentes, o nosso desconhecimento e as possibilidades advindas da Extensão, entendemos que era necessário, além da realização do *Keyframes*, mostrar aos demais estudantes as perspectivas que surgem através da Extensão.

2.2.1 O que é extensão?

A extensão universitária, seguindo o princípio constitucional da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, é “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.” (FORPROEX, 2012, p. 28). Definido o conceito, é preciso entendê-la sob suas diretrizes, que são:

- a. a interação dialógica; a interdisciplinaridade e interprofissionalidade;
- b. a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão;
- c. o impacto na formação do estudante;
- d. e o impacto e transformação social.

Há um fator de aproximação social trazido pela Extensão. “Se existe, na história da universidade brasileira, uma área que se preocupou em manter vínculos com a sociedade é, certamente, a extensão, mesmo tendo enfrentado enormes resistências face ao elitismo que marca a educação brasileira” (SOUSA, 2000 *apud* GADOTTI, 2017, p. 1).

Neste movimento de integração em que estão imersas a universidade e a comunidade, o aluno atuante se depara com um grande número de tarefas novas e de situações que lhe cobram condutas de responsabilidade e autonomia no processo de formação profissional. A extensão aparece então como mecanismo que leva o aluno a participar e a buscar ações e soluções para o contexto social e, diante deste contexto, atuar, experimentar, conhecer e conviver de forma cívica e responsável. É, portanto, fundamental ao estudante a vivência prática, pois é a partir dessas experiências que ele irá obter “condições de refletir acerca das grandes questões da atualidade e, com base na experiência e nos conhecimentos produzidos e acumulados, construir uma formação compromissada com as necessidades [sociais] (SARAIVA, 2007, p.3)”. (SANTOS; ROCHA; PASSAGLIO, 2016, p. 25).

A interação dialógica propõe que a relação entre Universidade e sociedade seja caracterizada pelo diálogo, troca de saberes e pela ideia de congregação com a comunidade, em contraposição ao discurso hegemônico acadêmico. A interdisciplinaridade e interprofissionalidade aludem à necessidade de integrar os diversos saberes dispostos em várias disciplinas e áreas de conhecimento ofertados pela Universidade, formando elos intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais.

Paulo Freire, no livro “Extensão ou Comunicação?” coloca que

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la.

Se 4 vezes 4 são 16, e isto só é verdadeiro num sistema decimal, não há de ser por isso que o educando deve simplesmente memorizar que são 16. É necessário que se problematize a objetividade desta verdade em um sistema decimal. De fato, 4 vezes 4, sem uma relação com a realidade, no aprendizado sobretudo de uma criança, seria uma falsa abstração.

Uma coisa é 4 vezes 4 na tabuada que deve ser memorizada; outra coisa é 4 vezes 4 traduzidos na experiência concreta: fazer quatro tijolos quatro vezes.

Em lugar de memorização mecânica de 4 vezes 4, impõe-se descobrir sua relação com um quefazer humano. (FREIRE, 2013, p. 74-75)

A indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão reforça que as ações de Extensão devem ser vinculadas às de Ensino e Pesquisa, tornando-as mais eficazes. A diretriz relativa ao impacto na formação do estudante pressupõe que a Extensão enriquece a formação do discente, possibilitando maior experiência em termos teóricos e metodológicos. Por fim, o impacto na transformação social reitera a extensão como meio de conectar a Universidade com a sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional, assim como para o aprimoramento das políticas públicas (FORPROEX, 2012).

Tais diretrizes agregadas visam colaborar para que a Universidade Pública supere as três crises apontadas por Boaventura de Sousa Santos (2004), quais sejam a crise de hegemonia, a crise de legitimidade e a crise institucional. O próprio Boaventura de Sousa Santos, em discurso durante a conferência “Crise Global e consequências para Educação e Universidades Públicas: a defesa da Universidade e da Educação como justiça social”, organizada em 2017 pelo Decanato de Extensão (DEX) e pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade de Brasília, apontou que “para sobreviver, a universidade precisa fazer alianças”,

e que os “decanatos de Extensão são essenciais, integrando a população à academia” (SANTOS, 2017), servindo a Extensão como caminho possível para tal salvação.

A crise de hegemonia é resultado das incongruências entre a função tradicional da Universidade, de formar conhecimentos exemplares científicos e humanísticos, e a função de produzir padrões culturais médios e conhecimentos instrumentais, exigidos pelo desenvolvimento capitalista (FORPROEX, 2012).

Em relação à crise de legitimidade, Boaventura alega que se deve à

[...] Universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização dos saberes [...], por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da Universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidade para os filhos das classes populares, por outro (SANTOS, 2004, p. 14).

Já a crise institucional, segundo o autor, é fruto da “[...] contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e objetivos da Universidade e a pressão crescente para submeter esta última a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social” (SANTOS, 2004, p. 14).

A Extensão, como forma de ultrapassar as crises apontadas, utiliza novos métodos de ensino e aprendizagem, buscando a formação cidadã do aluno e não só sua capacitação técnica, ampliando sua consciência social e democratizando o acesso ao saber. Portanto, o conhecimento que o estudante adquire fora da sala de aula, a partir da interação com a comunidade, contribui para que este adquira uma visão diferenciada do mundo (NUNES; VIEIRA, 2012). Para além do aperfeiçoamento dos discentes, a Extensão trabalha na formação contínua dos docentes, resultando no estabelecimento de uma relação de ambos com a sociedade, visando a troca de saberes, a construção de um pensamento crítico e a melhoria da qualidade de vida da população (FERNANDES *et al.*, 2012).

O Plano Nacional de Extensão Universitária (2000), desenvolvido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), conceitua a Extensão como um processo educativo, cultural e científico, articulando Ensino e Pesquisa de forma indissociável, visando viabilizar uma relação transformadora entre Universidade e sociedade. Ademais, afirma que a Extensão deve ser de mão-dupla, em que a Universidade também abarque saberes, reforçando a troca de conhecimentos que a Extensão universitária proporciona.

A Extensão deve, também, direcionar seus interesses para as questões inerentes da sociedade e às demandas de sua comunidade, objetivando uma maior relação com a população local.

2.2.2 Ensino, pesquisa e extensão

A Pesquisa e o Ensino se complementam com o terceiro viés universitário (Extensão) para a impressão da experiência, da vida prática e cotidiana na academia, que por vezes se encontra deslocada da comunidade. Serve, então, como aproximação da Universidade com a realidade, que tanto atua como objeto, campo e fonte de inspiração de pesquisa. Essa aproximação se torna ainda mais fundamental na era de constantes cortes financeiros do setor educacional, de ataque às universidades públicas e descrença na ciência e na produção científica. Nas palavras de Luciana Castro (2004, p. 5), “a extensão universitária é a articuladora da universidade com a sociedade e que a redenção da universidade se fará através dela”.

O princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, é previsto no artigo 207 da Constituição Federal de 1988: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). O artigo determina a autonomia da Universidade, desatrelada de governos e ideologias e empenhada no desenvolvimento nacional, bem como a necessidade da formação crítica do estudante, ancorada na pesquisa e na Extensão universitária.

Mas o que seria, realmente, esta indissociabilidade? É realmente posta em prática? Rays (2003, p. 73) a conceitua como “um processo multifacetado de relações e de correlações que busca a unidade da teoria e da prática”. Carvalho (1996, p. 14) nos diz que

(...) um ensino alheio à pesquisa, torna-se repetitivo, não evolutivo, pouco demonstrável, rapidamente arcaizado e alheio ao processo de evolução sócio-político-técnica. A pesquisa, distante do ensino e da extensão, torna-se algo individualizado ou exclusivamente voltado ao lucro, ou à evolução tecnológica. Não há necessidade de se explicitar que a extensão perde seus objetivos, numa universidade sem o ensino e a pesquisa.

Tauchen sintetiza que:

O conceito de indissociabilidade remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia. Alteram-se, portanto, os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, por isso trata-se de um princípio paradigmático e epistemologicamente complexo (TAUCHEN, 2009, p. 93).

Paulo Freire (1996, p. 32) legitima a indissociabilidade ao afirmar que “faz parte da natureza docente a indagação, a busca, a pesquisa”. Na mesma obra, Freire reforça:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram no corpo um do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago, pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Freire ainda propõe que

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 2013, p. 29-30)

Silva Filho (1994, p. 9) assegura que o tripé de sustentação da universidade – Ensino, Pesquisa e Extensão – é intrínseco ao funcionamento dela, constituindo a Extensão como a mais crescente, a definindo como forma de “transmissão direta à sociedade dos conhecimentos acumulados na universidade, excluída a educação formal que conduz a diplomas de graduação e pós-graduação”. Diniz (2012, p. 10) preconiza que “a relação entre a Extensão Universitária e as políticas públicas está localizada, predominantemente, no âmbito da interação entre Estado, Universidade e Sociedade”.

Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária (2000), a inclusão da atividade de Extensão na Constituição Federal de 1988, bem como a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão “deram à comunidade acadêmica as condições e o lugar para uma conceituação precisa da extensão universitária”. A partir deste momento, a Extensão é institucionalizada e vista como impreterível para a universidade, porquanto

retira-se da extensão o caráter de “terceira função” para dimensioná-la como filosofia, ação vinculada, política, estratégia democratizante, metodologia, sinalizando para uma universidade voltada para os problemas sociais com o objetivo de encontrar soluções através das pesquisas básica e aplicada, visando realimentar o processo ensino-aprendizagem como um todo e intervindo na realidade concreta (FORPROEX, 2000, p. 5).

Vemos, portanto, a Extensão acadêmica como um caminho a ser “des(en)coberto” (SILVA, 2010 *apud* PINHEIRO, 2018, p. 204). Uma alternativa possível para trazer para a Universidade saberes externos a ela. Neste sentido, cremos ser importante que a Extensão seja horizontal, que o caminho seja de mão-dupla, e que a Universidade também aprenda e absorva os saberes propostos pela comunidade. Segundo Freire (2013, p. 26) “educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta”.

Retomando a fala de Boaventura de Sousa Santos (2017), é possível ver a Extensão como forma de conectar, de forma unida à Pesquisa e ao Ensino, seus discentes – e também docentes – às questões inerentes à sociedade, direcionando os esforços na construção de saberes para melhorar as relações e buscar mitigar problemas enfrentados pela sociedade. Nesse processo, a “extensão-caminho” (PINHEIRO, 2018), de forma horizontalizada, pode integrar Universidade e sociedade, uma a outra.

Das três funções da Universidade, sendo Ensino, Pesquisa e Extensão, esta última é a mais recente e a que mais carece de explorações e investigações (CASTRO, 2004). É também o caminho possível contra a crise na Universidade que “em muitos casos, consiste na perda da capacidade para definir corretamente os problemas aos quais a formação e as pesquisas devem servir” (BUARQUE, 1994, p. 225 *apud* CASTRO, 2004, p. 1).

Oliveira e Goulart (2015) em seu estudo “Fases e Faces da Extensão Universitária: Rotas e Concepções”, sintetizam o caminhar e o contexto da extensão universitária no Brasil, que adaptamos abaixo em forma de quadro-resumo.

Quadro 7 – Contexto da Extensão Universitária no Brasil

Ano	Ação	Qual extensão?
1911	Surgimento da extensão brasileira seguindo os modelos europeus e estadunidense.	Viés político e prestação de serviços.
1931	O Decreto Nº 19.851 de 11 de abril de 1931 afirma a extensão brasileira como prestação de serviço.	Prestação de serviços.
1968	Lei Nº 5.540 de 1968 (Lei da Reforma Básica Universitária) mantém o caráter de prestação de serviços da extensão.	Prestação de serviços.
Década de 1970	Inibição dos movimentos sociais pela ditadura militar e criação do Projeto Rondon.	Assistencialista.

Década de 1980	Contribuições de Paulo Freire e reestruturação dos movimentos sociais, especialmente UNE (União Nacional dos Estudantes)	Início da extensão dialógica.
Final da década de 1980	O fim da ditadura militar altera a concepção de universidade e sua visão assistencialista.	Extensão dialógica.
1987	Criação do FORPROEX e definição do atual conceito de extensão e suas diretrizes.	Extensão dialógica.

Fonte: Adaptado de OLIVEIRA, F.; GOULART, P. (2015), p. 14.

A criação do FORPROEX – definindo e estabelecendo os ritos da Extensão Universitária –, seguida da promulgação da Constituição Cidadã de 1988 – que conferiu legitimidade por previsão legal –, começa a estabelecer um caminho para a curricularização da Extensão. Entretanto, passados 30 anos destes dois marcos históricos, a integralização da Extensão ainda não é um caminho devidamente pavimentado.

2.2.3 Curricularização, integralização ou inserção curricular da extensão?

A Lei 13.005, de 2014, instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE), que em sua meta 12, estratégia 7, propõe “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (BRASIL, 2014). A Resolução Nº 7 do Conselho Nacional de Educação regulamenta o disposto em Lei e em seus artigos quinto e sexto, define:

Art. 5º Estruturam a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior:

I – a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

II – a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III – a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV – a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico.

Art. 6º Estruturam a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior:

I – a contribuição na formação integral do estudante, estimulando sua formação como cidadão crítico e responsável;

II – o estabelecimento de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira e internacional, respeitando e promovendo a interculturalidade;

III – a promoção de iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos e educação indígena;

IV – a promoção da reflexão ética quanto à dimensão social do ensino e da pesquisa;

V – o incentivo à atuação da comunidade acadêmica e técnica na contribuição ao enfrentamento das questões da sociedade brasileira, inclusive por meio do desenvolvimento econômico, social e cultural;

VI – o apoio em princípios éticos que expressem o compromisso social de cada estabelecimento superior de educação;

VII – a atuação na produção e na construção de conhecimentos, atualizados e coerentes, voltados para o desenvolvimento social, equitativo, sustentável, com a realidade brasileira (BRASIL, 2018).

Entretanto, qual Extensão buscamos curricularizar? Para isso, também é preciso questionar qual Universidade queremos. Historicamente, o ensino superior no Brasil é caracterizado por “sua natureza exógena, elitista e funcional, moldada sob influência clerical, colonialista e colonizadora” (CUNHA, 2014 *apud* IMPERATORE *et al.*, 2015, p. 2).

O contexto histórico também mostra o antagonismo entre conceitos acerca da educação, servindo a Universidade, por vezes, como mera certificadora para o mercado de trabalho, não havendo o interesse na formação cidadã e no entendimento da educação como bem público. Neste contexto, a tríade Ensino-Pesquisa-Extensão sucumbe aos interesses do “negócio educação” (IMPERATORE *et al.*, 2015), impondo à Extensão práticas assistencialistas, cursos complementares ao currículo, eventos visando a promoção e publicização da academia ou até servindo a práticas de negócios entre universidades e empresas.

É preciso que a Extensão curricularizada seja implementada conforme os preceitos do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2000, p. 7-11), sendo um “processo acadêmico definido e efetivado em função das demandas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade e da proposta pedagógica dos cursos, coerente com as políticas públicas e, indispensável à formação cidadã”.

A decana de Extensão da Universidade de Brasília, professora doutora Olgamir Amancia Ferreira, em sua fala durante o 1º Ciclo de Debates PROEX/PROGRAD (EXTENSÃO UFMG, 2020), com o tema “Por que integralizar a extensão nos currículos de graduação?”, realizado pela UFMG, defende que a integralização da Extensão nos currículos de graduação oportunizará uma Universidade inclusiva, democrática e comprometida com um projeto de desenvolvimento nacional e que seja vista, a Extensão, como um processo acadêmico e não como meio de prestação de serviços ou assistencialismo.

Aqui, cremos ser necessário uma pausa para analisarmos a nomenclatura. Em nossas pesquisas, o termo “curricularização” da Extensão foi amplamente encontrado e, por isso, é o que mais utilizamos no decorrer do texto. Entretanto, também consultamos publicações que tratam por “integralização” da Extensão. Citando novamente sua fala, a professora Olgamir alerta que é um debate em curso em relação ao termo, com cada IES utilizando conforme seu entendimento. Por exemplo, a citada UFMG utiliza o termo “integralização” (EXTENSÃO UFMG, 2020), enquanto a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “curricularização” (UFSC, 2020). A UnB, por sua vez, adota o termo “inserção curricular da extensão” (UNB, 2019c). Para nós, o termo “integralização” parece o mais próximo de externar o objetivo do processo, que, simplificando, seria integrar, ao menos uma parte, da Extensão ao Ensino. Entretanto, como em nossas pesquisas nos deparamos majoritariamente com o termo “curricularização”, o utilizamos preferencialmente neste trabalho.

Seguindo, outro ponto interessante exposto pela professora Olgamir é em relação aos cursos noturnos. A Resolução não diferencia cursos de graduação por seu período; a norma é válida para todos os cursos, sejam diurnos ou noturnos, sejam de instituições públicas ou privadas. Portanto, surge um novo desafio em compatibilizar o Ensino e a Extensão, agora unos, sem prejuízo à carga horária vigente. A professora também destaca que a diretriz é válida para educação a distância, prevendo atividades presenciais de Extensão.

Por fim, a professora Olgamir também propõe uma questão relevante ao pensar a extensão, que é: “Para que serve a Universidade?”. Ela a responde com uma citação de Darcy Ribeiro, referenciando a Universidade de Brasília, que retomamos:

O Brasil não pode passar sem uma universidade que tenha o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como um problema. Esta é a tarefa da Universidade de Brasília. Para isso ela foi concebida e criada. Este é o desafio que hoje, agora e sempre ela enfrentará. (RIBEIRO, 2016, p. 428).

Ainda na esteira da marcante fala de Darcy Ribeiro, podemos observar uma colocação de Olga Pombo (2005) sobre as diferenças entre pesquisas europeias e brasileiras. Para ela, o Brasil é um país propício ao debate, aberto ao novo.

É justamente este convite a incorporar outras formas de saberes, a se abrir para outras fontes de conhecimentos e a dialogar com o outro, dentro e fora da universidade, até mesmo de maneira interdisciplinar, que se apresenta como uma possibilidade para a inserção da Animação no currículo da FAC/UnB. A curricularização (ou integralização) da Extensão, no contexto desse trabalho, configura-se, portanto, como uma alternativa, dinâmica e transdisciplinar, para preencher uma lacuna, ao não contemplar a Animação, existente no Plano Político Pedagógico do Curso de Audiovisual da instituição.

2.2.4 Extensão na UnB

A Universidade de Brasília é um marco da modernização do ensino superior brasileiro na década de 1960 (ABAD, 2015). Um de seus fundadores, Darcy Ribeiro, aplicou o que de mais moderno havia em termos de pesquisas acadêmicas para a jovem Universidade, especialmente em relação ao desenvolvimento da Extensão universitária (ABAD, 2015). Tal caráter transformador está presente no Plano Orientador da Universidade de Brasília, de 1962, de autoria do próprio Darcy Ribeiro. Nele, é dito: “Só uma universidade nova, inteiramente planejada, estruturada em bases mais flexíveis, poderá abrir perspectivas de pronta renovação do nosso ensino superior” (RIBEIRO, 1962, s.p.).

Como fruto de sua época, no contexto da ditadura militar, são aprovados em 1970, pelo Conselho Federal de Educação, os capítulos especiais do Estatuto e Regimento Geral da UnB sobre a Extensão, tratando-a como prestação de serviços à comunidade geral, visando um caráter assistencialista, objetivando a divulgação de técnicas de trabalho. No mesmo ano, é implementada a Câmara de Extensão da UnB, que, em seu relatório, cita quatro tipos de atividades de extensão a serem desenvolvidas em 1971: prestação de serviços técnicos; promoções culturais; cursos extracurriculares; e reuniões científicas e de estudos. Em 1976, foi realizado um seminário interno a fim de avaliar as ações de Extensão realizadas. Os resultados de tal análise solidificaram as bases da regulamentação da extensão na UnB (DIAS, 2002 *apud* ABAD, 2015).

Em 1988, através da Resolução Nº 22 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, prevista no artigo 207 da recém promulgada Constituição Federal, é oficializada na UnB. O artigo segundo da Resolução dispõe:

Art. 2º – Para efeito desta Resolução a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (UNB, 1988).

Com o passar dos anos, tal definição foi refinada, abarcando outros aspectos, como a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade, conforme previsto na Resolução Nº 60/2015 do CEPE/UnB. Ainda nesta Resolução, em seu segundo artigo, parágrafo segundo, são definidos os eixos integradores das políticas de Extensão da UnB. Sendo:

- a) eixo Áreas Temáticas: promove a sistematização das atividades de extensão em oito áreas: Comunicação, Cultura, Educação, Meio Ambiente, Direitos Humanos e Justiça, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho;
- b) eixo Território: promove a integração, em termos espaciais das atividades extensionistas, assim como das políticas públicas com as quais elas se articulam;
- c) eixo Grupos Populacionais: promove a integração social de grupos excluídos, preferencialmente daqueles identificados como em situação de maior vulnerabilidade social, sendo mais efetivas se estiverem vinculadas ao processo de formação de competências docentes e discentes, assim como a geração de conhecimento;
- d) eixo Grandes Áreas do Conhecimento: promove a sistematização das atividades de extensão nas áreas de conhecimento, de acordo com as normas vigentes do Ministério da Educação (MEC) MEC, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação (MCTI), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (UNB, 2015).

Organizacionalmente, o estabelecimento das diretrizes e políticas de Extensão cabe ao Decanato de Extensão (DEX), enquanto à Câmara de Extensão (CEX) recai a deliberação acerca dos planos e propostas dessas políticas. À CEX também cabe a definição sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que compõe as ações de extensão das unidades acadêmicas proponentes. No quadro abaixo é possível perceber, em ordem cronológica, as alterações normativas visando implementar a cultura extensionista na UnB.

Quadro 8 – Normas relacionadas à Extensão Universitária na UnB

Documento	Data	Objetivo	Situação
Resolução do CEPE 016/1987	05/06/1987	Cria e disciplina normas do Programa de Bolsas de Extensão	Revogada pela Resolução do CEPE 060/2015
Ato da Reitoria 030/1987		Não localizada	Revogada pelo Ato da Reitoria 773/1996
Ato da Reitoria 038/1987		Não localizada	Revogada pelo Ato da Reitoria 773/1996
Resolução do CEPE 022/1988	31/10/1988	Dispõe sobre as atividades de Extensão na UnB	Revogada pela Resolução do CEPE 195/1996
Resolução do CEPE 073/1994		Não localizada	Revogada pela Resolução do CEPE 084/1994
Resolução do CEPE 084/1994	11/11/1994	Estabelece a composição e as atribuições da Câmara de Extensão	Vigente
Ato da Reitoria 773/1996	17/05/1996	Aprova a estrutura organizacional do Decanato de Extensão	Revogada pelo Ato da Reitoria 1113/2012
Resolução do CEPE 195/1996	22/11/1996	Define as políticas e diretrizes da Extensão na UnB	Revogada pela Resolução do CONSUNI 022/2000
Resolução da CEX 001/1999	09/09/1999	Estabelece normas para as atividades de prestação de serviços	Revogada pela Resolução da CEX 001/2003
Documento aprovado pela CEX em sua 295ª. reunião	14/10/1999	Reestruturação das atividades de extensão relacionadas ao Ensino	Sem indicação
Documento aprovado pela CEX em sua 300ª. reunião	02/12/1999	Define diretrizes do Decanato de Extensão da UnB	Sem indicação
Resolução da CEX 001/2000	15/05/2000	Não localizada	Revogada pela Resolução da CEX 001/2003
Resolução da CEX 002/2000	14/09/2000	Não localizada	Revogada pela Resolução da CEX 001/2003
Resolução da CEX 004/2000	04/10/2000	Não localizada	Revogada pela Resolução da CEX 001/2003
Resolução do CONSUNI 022/2000	28/12/2000	Define a Política de Extensão da UnB	Vigente
Resolução da CEX 001/2001	21/05/2001	Estabelece normas complementares para o encaminhamento de propostas de atividades de extensão	Revogada pela Resolução da CEX 001/2003
Resolução da CEX 002/2001	11/09/2001	Não localizada	Revogada pela Resolução da CEX 01/2003
Resolução da CEX 003/2001	28/07/2001	Estabelece normas complementares para o encaminhamento de propostas de atividades de extensão de Ação Conjunta	Revogada pela Resolução da CEX 01/2003

Resolução da CEX 001/2003	04/12/2003	Estabelece normas gerais para o funcionamento das atividades de extensão	Revogada pela Resolução da CEX 01 e 02/2012
Resolução da Reitoria 077/2004	17/12/2004	Regulamenta a expedição de documentação acadêmica, de capacitação de servidores e de atividades comunitárias na UnB	Vigente
Resolução do CEPE 87/2006	31/03/2006	Cria a concessão de créditos para os cursos de graduação	Vigente
Resolução do CEPE 146/2006	06/06/2006	Regula as atividades de extensionistas colaboradores, sem vínculo empregatício com a FUB, que participam de Projetos de Extensão de Ação Contínua na UnB	Vigente
Ato da Reitoria 497/2007	07/03/2007	Cria, na estrutura organizacional do Decanato de Extensão, o Centro Interdisciplinar de Formação Continuada (Interfoco), constitui seu Comitê e dá outras providências	Revogada pelo Ato da Reitoria 1113/2012
Ato da Reitoria 1189/2007	06/08/2007	Constitui o Conselho Científico do Centro Interdisciplinar de Formação Continuada (Interfoco) e dá outras providências	Vigente
Resolução do CEX 001/2007	06/09/2007	Estabelece normas gerais para o funcionamento das ações de extensão na Universidade de Brasília	Revogada pela Resolução da CEX 01 e 02/2012
Instrução da Reitoria 001/2008	22/09/2008	Disciplina os trâmites de convênios, contratos e outros atos bilaterais dos quais a FUB seja parte	Vigente
Resolução do CAD 010/2008	10/12/2008	Disciplina o exercício de cargos, empregos e funções por parentes, cônjuges e companheiros	Vigente
Resolução da Reitoria 103/2010		Disciplina o pagamento de pessoa física por serviços prestados no âmbito dos projetos aprovados pela FUB e dá outras providências	Vigente
Ato da Reitoria 1113/2012	09/10/2012	Estabelece a estrutura organizacional do Decanato de Extensão da UnB	Vigente
Resolução da CEX 001/2012	19/10/2012	Estabelece os fundamentos, os princípios e as diretrizes para as atividades de extensão da UnB	Revogada pela Resolução da CEPE 060/2015
Resolução da CAD 002/2012	14/11/2012	Estabelece normas para pagamento de auxílio financeiro a estudante e a pesquisador na forma de bolsas de estudos, pesquisa e extensão	Vigente

Resolução do CAD 004/2012	13/11/2012	Normatiza o pagamento, com recursos próprios ou de terceiros, da Gratificação por Encargo de Cursos ou Concursos (GECC) de que trata o art. 76-A da Lei nº 8.112, de 11/12/1990, regulamentada pelo Decreto nº 6.114, de 15/05/2007	Vigente
Resolução do CAD 045/2014	16/12/2014	Altera os parágrafos 2 a 9 do artigo 4 da Resolução CAD 001/2009 e regulamenta a cobrança dos custos indiretos e a destinação dos recursos obtidos	Vigente
Resolução do CEPE 060/2015	06/04/2015	Estabelece fundamentos, princípios e diretrizes para as atividades de extensão na UnB	Vigente

Fonte: Adaptado de ABAD, 2015, p. 31 – 33.

Instituído em caráter obrigatório pelo Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, o Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022 da Universidade de Brasília, em seu capítulo sobre políticas de Extensão dispõe uma série de diretrizes para as ações de Extensão universitária durante o período supracitado:

a promoção de parcerias com as diferentes organizações da sociedade, públicas e privadas, e com os grupos da sociedade civil organizada, em âmbito pedagógico e científico, mas evitando que seja orientada a atividades rentáveis com o intuito exclusivo de arrecadar recursos;

a viabilização de novos espaços dialógicos e de convivência entre esses saberes diversos que potencializem a participação ativa da UnB na construção da coesão social, do aprofundamento da democracia, da luta contra a exclusão social, degradação ambiental e defesa da diversidade, mas também a participação efetiva da sociedade na Universidade;

o estabelecimento de um papel estratégico para a UnB na Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno do DF (RIDE), por meio da consolidação de programas e projetos de extensão nessas cidades, contribuindo para a integração das diversas iniciativas que a UnB já desenvolve no Distrito Federal e Entorno;

priorização de questões emergentes da sociedade contemporânea, visando produzir conhecimentos que contribuam para qualificar debates importantes em nível local, regional e nacional;

o empoderamento das comunidades internas e externas envolvidas em processos extensionistas da UnB, fazendo retornar às comunidades o resultado da atividade de extensão por meio de estratégias diversas;

o atendimento das demandas emergentes das populações excluídas, por meio de metodologias sistêmicas e orgânicas, que direcionem a pesquisa, o ensino e a extensão para questões macro, locais e regionais;

a potencialização da prática extensionista nos processos educativos articuladores entre a Universidade e a sociedade, garantindo que estruturas curriculares incorporem programas e projetos de extensão;

a contribuição para o intercâmbio das ações de extensão de diferentes áreas de conhecimento;

a valorização, nas carreiras de docentes e técnicos, do trabalho extensionista, inclusive para fins de ascensão profissional;

a disponibilização de recursos para programas e projetos de extensão e a consolidação interna de linhas de pesquisa vinculadas à extensão, visando concorrer aos editais externos;

a garantia de que o estudante de graduação e de pós-graduação tenha incluído, em sua formação acadêmica, atividades de extensão, curriculares ou não, inclusive como parte da avaliação dos cursos, conforme regulamentação existente;

o estímulo e o apoio à participação dos extensionistas em eventos científicos, na medida em que a extensão é aqui concebida também como espaço de produção e de divulgação de conhecimentos científicos;

a visibilidade, inclusive em nível nacional e internacional, às atividades de extensão que são realizadas na UnB;

a realização periódica de censos integrados de ensino, pesquisa e extensão como ferramenta diagnóstica e norteadora das políticas acadêmicas;

a produção de indicadores de avaliação, de forma articulada com a Comissão Própria de Avaliação (CPA) da UnB, das atividades extensionistas, a fim de monitorar e qualificar a extensão da UnB;

a adoção de estratégias que visem à real indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e inovação;

o fomento a estudos e pesquisas que analisem a necessidade de articulação entre formação, currículo e mundo do trabalho, considerando as necessidades econômicas, sociais e culturais do país (UNB, 2019d, p. 68-70. Grifos nossos).

Entre tantos pontos importantes para o bom desenvolvimento e prática de atividades de Extensão universitária, destacamos a preocupação institucional em garantir a curricularização – ou integralização – da Extensão na formação dos estudantes, tanto os de graduação quanto os de pós-graduação, bem como a promoção de ações cujo objetivo é a indissociabilidade entre os eixos da Universidade, conforme previsto em legislações às quais já nos referimos.

2.2.5 Extensão na FAC

O Plano Político Pedagógico Curricular (PPPC) do curso de Comunicação Social, habilitação em Audiovisual, da Faculdade de Comunicação trata a Extensão como “parte orgânica do fazer acadêmico-social vivenciado no âmbito da Universidade de Brasília” (UNB,

2019a, p. 42). No Plano, também há direcionamentos acerca das atividades de Extensão realizadas pelo curso, seguindo os eixos temáticos:

- a) Comunicação e Informação;
- b) Arte, Cultura e Sociedade;
- c) Empreendedorismo, Tecnologia e Produção;
- d) Direitos Humanos, Justiça e Cidadania;
- e) Educação, Formação e Trabalho;
- f) Ambiente e Sustentabilidade;
- g) Universidade, Integração e Gestão Social.

Em relação ao aspecto normativo, a Resolução nº 2 do Conselho da Faculdade de Comunicação (FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, 2018) em 08/10/2008, regulamentou a formação e definiu as atribuições do Colegiado de Extensão da Faculdade de Comunicação, seguindo os preceitos e normas da UnB. O então diretor da FAC, professor doutor Fernando Oliveira Paulino, através do ato nº 33/2018, põe em prática o definido pelo Conselho, criando formalmente o Colegiado de Extensão, com o “intuito de promover, agilizar e deliberar sobre as iniciativas de extensão da Faculdade de Comunicação.”

As atribuições do Colegiado, previstas na Resolução nº 2, são:

Art. 2º. Ao Colegiado de Extensão da FAC compete observar as respectivas atribuições previstas no Regulamento Geral da UnB, no Regimento da Faculdade de Comunicação e em normas específicas, além das seguintes funções:

- I. Propor ao Conselho e às instâncias superiores da UnB a política de extensão da FAC em consonância com os objetivos institucionais, baseada no princípio da indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- II. Propor ao Conselho um calendário anual de atividades de extensão no âmbito da FAC, após consultar os Departamentos da FAC;
- III. Deliberar sobre atividades de extensão na forma proposta pelos Departamentos e FAC, observadas as justificativas e a relevâncias;
- IV. Representar a FAC nas atividades de Extensão Acadêmica;
- V. Apreciar e emitir parecer a respeito de propostas de atividades de extensão;
- VI. Facilitar e apoiar a participação de servidores docentes, técnico-administrativos e discentes em atividades de extensão;
- VII. Articular a cooperação entre os projetos, programas e demais ações de extensão no âmbito da FAC;
- VIII. Manter e disponibilizar banco de dados e informações sobre projetos de extensão na FAC;

IX. Informar ao Conselho da FAC os programas, os projetos e demais atividades de extensão da unidade;

X. Elaborar relatório anual de atividades;

XI. Elaborar e revisar as normas específicas do Colegiado de Extensão da FAC, que serão submetidas à aprovação do Conselho da FAC (FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, 2018).

Portanto, todas as ações de Extensão propostas na Faculdade de Comunicação passam pela análise do Colegiado, que delibera, em reuniões abertas, conforme determina a Resolução, sobre sua viabilidade, relevância e boas práticas da Extensão e, por conseguinte, resolve acerca de sua realização.

Falando das ações de Extensão bem-sucedidas desenvolvidas na Faculdade de Comunicação, citamos, como exemplo, o Programa de Extensão de Ação Contínua “Comunicação Comunitária”, que trabalha políticas de comunicação e cultura, através da mobilização social e promoção do patrimônio artístico e cultural em Planaltina-DF (UNB, 2019a, p. 48). Outro projeto de destaque é o SOS-Imprensa, que através de atividades compartilhadas de *media literacy* faz o estudo comparativo de códigos de ética na área da comunicação. Há mais exemplos, como a MOStRa CineSOM – Universo Sonoro Cinematográfico, atividade realizada anualmente integrada às disciplinas Introdução à Linguagem Sonora, Roteiro, Produção e Realização em Áudio e Projeto Final em Audiovisual, com o apoio do Laboratório de Áudio (LabAudio) e do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS). Outra ação de Extensão exitosa, desenvolvida no âmbito do LabAudio e NEPLIS, foi o projeto Produção Radiofônica Educativa e Conexões Culturais, cujo objetivo era contribuir – de modo sistemático, didático e participativo – com a criação, desenvolvimento e produção do programa “Pauta Musical”, transmitido pela Rádio Câmara. O projeto recebeu apoio da própria Rádio Câmara, da Rede Legislativa de Rádio e TV e da MUSICABILE – Produções e Projetos em Arte, Educação e Cultura, rendendo a produção de vinte episódios inéditos, com versões específicas para a *Internet*. Tais projetos dão aos alunos participantes vivência no processo profissional de criação de conteúdo, além de propiciar um caminho possível para o diálogo com o mercado de trabalho, bem como às suas práticas e necessidades. Isto, aliás, foi um dos principais pontos que pensamos ao formular o *Keyframes*: a construção de um caminho de mão-dupla para aprender-ensinar. Retornaremos a esta questão adiante.

Em uma breve perspectiva futura, em que a Extensão estará integrada ao Ensino e à Pesquisa, é de se supor que situações como as citadas sejam mais frequentes, bem como o

interesse dos discentes em buscar saberes pouco ou não facilmente disponíveis na esfera acadêmica. Num exercício imaginativo, é provável que trajetórias como a nossa – dois alunos com interesses comuns reunidos em prol da organização de uma ação de extensão que promova os saberes almejados – sejam cada vez mais frequentes, com grupos de alunos organizados propondo atividades no âmbito da extensão para que tenham seus anseios por novos saberes supridos, para que tenham espaço e representação social, para que tragam seus saberes empíricos aos domínios da academia. Acreditamos que, se bem aproveitado, será um caminho transformador para a Universidade.

3 REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO

A produção do *Keyframes* foi uma ação de Extensão coletiva, fruto de esforço de um grupo de alunos e professores engajados. Portanto, nos próximos tópicos deste capítulo buscaremos abordar, através de uma análise feita pela observação participante, como foi o planejamento, a pré-produção e a produção do *Keyframes*, assim como os desafios enfrentados durante todo o processo de realização do projeto, em diálogo com relatos dos integrantes e registros fotográficos. O quadro 9, a seguir, revela um panorama geral de todo o processo de planejamento e execução do *Keyframes*.

Quadro 9 – Panorama geral

Mês	Atividade	Etapa
Abril	<ul style="list-style-type: none"> – Idealização do projeto; – Encaminhamento ao Colegiado de Extensão; – Aprovação do projeto. 	Planejamento
Maio	<ul style="list-style-type: none"> – Criação da identidade visual do Projeto; – Apuração de palestrantes convidados; – Formalização do Projeto para Semuni; e preparação para a disciplina de Comunicação em Extensão (equipe de organização). 	Planejamento
Junho	<ul style="list-style-type: none"> – Chamada aos palestrantes convidados; – Formulário para proposição de atividades da Semuni; – Reserva de salas e equipamentos; – Confirmação de palestrante. 	Pré-produção
Julho	<ul style="list-style-type: none"> – Confeção das artes para divulgação; – Produção de conteúdo para redes sociais; – Pesquisa e tabelamento orçamentário; – Confirmação de palestrantes; – Produção do edital MUCA. 	Pré-produção
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> – Lançamento do edital MUCA; – Produção do formulário de inscrição no <i>Keyframes</i> (<i>Google Forms</i>); – Confeção dos produtos; – Chamada para MUCA; – Confirmação com os palestrantes. 	Produção
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> – Abertura do formulário de inscrição no DEX/SIEX; – Confirmação das locações; – Chamada inscrição na MUCA; – Chamada para inscrição no <i>Keyframes</i>. 	Produção
	<ul style="list-style-type: none"> – Dia 24: Credenciamento e mesa de abertura com Luciana Eguti, palestrando 	Realização

	sobre "A Produção de Animação no Brasil"	
	– Dia 25: Oficina de Direção de Arte & <i>Design</i> de Personagem com Hudson Araújo. Oficina de <i>Storyboard</i> com Ítalo Cajueiro Painel temático sobre Processo Criativo e <i>Storytelling</i> , com Fábio Leal e Ciro Marcondes.	
	– Dia 26: Palestra de <i>Concept Art</i> com André Rocca. Painel temático sobre Cinema de Animação, Séries e Formatos, com Fernando Gutierrez e Márcio Moraes. MUCA, Mostra Universitária de Curtas de Animação.	
Outubro	– Apuração dos resultados obtidos; – Certificação dos participantes; – Depoimentos de participantes e palestrantes; – Reunião de <i>feedback</i> com a equipe organizadora.	Resultados

Fonte: elaboração própria.

3.1 O Keyframes

Conforme justificamos, a produção do curta de animação ‘JACK, Aventuras’ (JACK, 2018), no escopo do grupo de disciplinas que comumente chamamos de Bloco 1 e Bloco 2, nos instigou a falar sobre animação dentro da Faculdade de Comunicação. A partir desta inquietação, percebemos que não havia a disponibilidade da Animação como saber plenamente disponível na Faculdade. Ao pesquisarmos, percebemos haver uma disciplina, Oficina de Animação, do Departamento de Audiovisuais e Publicidade (DAP), com carga de 60 horas, e que há algum tempo, o qual não conseguimos precisar, não é ofertada por motivos diversos.

Durante a realização do curta de animação JACK, enfrentamos algumas dificuldades para aprender a fazer Animação. Sabíamos o básico, aquilo que aprendido no autodidatismo e em tutoriais, palestras etc., vistos pela equipe. As entranhas de uma produção de Animação eram – e ainda o são, em parte – um mistério para nós. Mesmo com suporte de alguns docentes que nos acompanharam durante a realização do curta-metragem animado, era perceptível que havia um esforço a mais para nos auxiliar e entender o que queríamos. Pensamos que isso se deve a falta de uma cultura do ensino de Animação na Faculdade de Comunicação.

Percebendo isso, ainda durante a produção do JACK, começamos, em conjunto com outros colegas participantes da realização do curta, a pensar numa forma de pautar a Animação como tema de relevância dentro da Faculdade. Como já relatado, sabíamos ser um

conhecimento pouco acessível, caro e que demandaria investimentos estruturais, em equipamentos, *softwares* e capital humano. Também sabíamos que, em decorrência da conjuntura política, não ocorreria qualquer tipo de investimento que possibilitasse os meios para o estudo da Animação. A ideia, portanto, sem vislumbrarmos outra opção, ficou adormecida.

Continuamos a produção do curta utilizando a bagagem adquirida ao longo da graduação. Muito do conteúdo aprendido, que é normalmente aplicado às produções *live action*, adaptamos para uma produção de Animação. Adequamos tabelas de produção, conceitos, organização de equipes e fomos, ao longo da produção, nos reorganizando conforme percebíamos o que nos era válido numa produção de Animação.

O *Keyframes* surge, efetivamente, após a conclusão do filme. Com a sensação de superação pela conclusão do curta, a ideia, então adormecida, ressurge. Buscamos, então, orientação com o professor Dr. Elton Bruno Pinheiro. A ideia inicial era saber como poderíamos propor a criação de uma disciplina sobre produção de obras em Animação. Pensamos no Ensino por ser, até então, o caminho que conhecíamos na academia. O professor, porém, nos apresentou o caminho da Extensão e que, através dela, poderíamos organizar um ciclo de palestras, colóquio ou similar para introduzir à Faculdade o tema Animação. Através do caminho “des(en)coberto” (SILVA, 2010), formulamos uma proposta de ação de Extensão, com orientação do professor Elton. O projeto elaborado, que será pormenorizado nos tópicos seguintes, foi aprovado pelo Colegiado de Extensão da Faculdade de Comunicação como atividade integrante das atividades da Semana de Extensão Universitária da FAC em 2019.

Assim como na produção do curta de Animação, em que utilizamos experiências do audiovisual para organizar a realização, o mesmo ocorreu com o *Keyframes*. Aplicamos, da forma possível, os saberes obtidos para produção de obras audiovisuais à realização de uma ação de Extensão. Portanto, entendemos que ao utilizarmos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de audiovisual, em especial as etapas de produção, e transpô-los para a criação de uma ação de Extensão, participamos do que entendemos ser um processo inovativo da integração de saberes.

3.2 Pré-produção

Com a aprovação da proposta, iniciamos as tratativas para realização do *Keyframes*. Desde o início, nosso intuito foi aproximar a academia dos profissionais da área, possibilitando integrar à Faculdade saberes empíricos, sobre o mercado de Animação no país, experiências profissionais e distribuição de conteúdo, criando um caminho possível para o diálogo com os profissionais e com a sociedade externa à Universidade que, em boa parte, obtiveram seus conhecimentos fora do ensino formal.

Como as principais produtoras nacionais de Animação são sediadas no eixo Rio-São Paulo, estruturamos uma lista de possíveis profissionais reconhecidos pelo mercado que pudessem participar do *Keyframes*, percebendo ser uma oportunidade para termos contato em Brasília e na Universidade de Brasília com conceituados artistas profissionais da Animação. Nos decidimos por uma e por um profissional: Luciana Eguti, sócia e produtora executiva da Birdo, estúdio de animação responsável pela criação das mascotes olímpicas Tom e Vinícius e da animação seriada “Oswaldo”, transmitida pelo canal por assinatura *Cartoon Network*; e Bruno Honda, então *designer*-chefe da Maurício de Sousa Produções. Com a confirmação do apoio financeiro disponibilizado pelo Decanato de Extensão da UnB, enviamos os convites.

Para nossa felicidade, Luciana Eguti aceitou de imediato o convite. Bruno Honda, por compromissos profissionais já firmados na data de realização do *Keyframes*, não pode nos atender. Porém, gentilmente nos indicou um membro da sua equipe: o André Rocca, à época ilustrador da Maurício de Sousa Produções.

Definidos os convidados “externos”, partimos para as confirmações dos palestrantes residentes no Distrito Federal. Buscando mesclar a experiência acadêmica com a profissional, convidamos professores, pesquisadores e profissionais do mercado de Animação visando miscigenar o saber acadêmico com o saber mercadológico. Com isto em mente, convidamos:

- a) Ciro Marcondes, Doutor em Comunicação pela linha Imagem e Som no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília;
- b) Fábio Leal, mestrando do curso de Inovação em Comunicação e Economia Criativa pela Universidade Católica de Brasília;
- c) Fernando Gutiérrez, Doutor em Artes pela Universidade de Brasília (UnB) e professor do Instituto Federal de Brasília;

- d) Hudson Araújo, *designer* e diretor de arte;
- e) Ítalo Cajueiro, Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília, professor universitário, cineasta, animador, roteirista, ilustrador e diretor; e
- f) Márcio Moraes, produtor, diretor, animador e professor.

Quando os convidamos, também propusemos atividades pensadas para cada, que foram prontamente aceitas por todos. Portanto, tivemos palestras magnas de Luciana Eguti e André Rocca; painéis temáticos com as duplas Ciro Marcondes e Fábio Leal e Fernando Gutiérrez e Márcio Moares; e oficinas com Hudson Araújo e Ítalo Cajueiro.

Além da dificuldade de acesso ao tema Animação, outro ponto que nos inquietava desde a produção do JACK era como e onde poderíamos exibir nosso curta. Com isso em mente, idealizamos a Mostra Universitária de Curtas de Animação (MUCA), a ser realizada como atividade de encerramento do *Keyframes*. Em conjunto com a equipe, definimos os termos e o edital da Mostra (que pode ser lido no apêndice H), restringindo a participação à curtas de animação feitos em contexto acadêmico aqui no Distrito Federal. Tal restrição geográfica se justifica pelo nosso interesse de fomentar a Animação aqui em Brasília e dar espaço às produções locais.

Ao nosso ver, a Mostra Universitária de Curtas de Animação – MUCA teve um papel fundamental como meio de exibição de produções audiovisuais realizadas por estudantes universitários. Apesar de aceitarmos, para a mostra competitiva, apenas curtas realizados no Distrito Federal, possibilitamos o espaço para exibição, fora de competição, de curtas em Animação realizados em outros estados, visando manter a MUCA como plataforma de exibição de tais filmes. Ao todo, foram 25 inscrições de produções em Animação, e destas, quatro declararam ser a primeira exibição do curta em mostras ou festivais. Importante destacar que a MUCA teve uma equipe de produção própria, conduzida pelo aluno participante Kallyo Aquiles, que coordenou a curadoria e a escolha do júri, o qual foi decidido que seria composto por um(a) professor(a) da UnB, um(a) professor(a) de outra Instituição do DF e por um(a) profissional da área de Animação. A contagem dos votos também ficou a cargo desta equipe “separada”, buscando maior transparência no processo. As categorias de premiação, decididas pela equipe, foram: Melhor Animação, Melhor Roteiro, Melhor Direção de Arte e Melhor *Design* de Som. O quadro 10 sintetiza os curtas participantes – incluindo os enviados por estudantes de outros estados, que não participaram competitivamente–, bem como os premiados.

Quadro 10 – Curtas participantes da MUCA¹⁶

Nome do filme	Responsável pela inscrição	Instituição de Ensino Superior e curso	Premiação
"A viagem à lua", uma adaptação animada	Júlia Câmara Cunha	UnB – <i>Design</i>	Melhor Animação
A corda, acorda	Clara Barros	PUC-Rio – <i>Design</i> de Mídia Digital, Domínio Adicional em Animação	
A corte e a Realeza	Leonardo Wagner Ferreira Júnior	IESB – Publicidade e Propaganda	
Alexia no Mundo de Topia	Ana Clara Sousa de Matos	UnB – <i>Design</i>	Melhor Direção de Arte
Artista	Victoria Franco de Paula	UnB – Comunicação Social	
Carnaval das crianças - A folia de um bloco infantil	Maria Eduarda da Cunha Vasconcellos Borges Pereira	PUC-Rio – <i>Design</i> de Mídia Digital	
Carnaval das Crianças - A manha da Pierrete	Maria Eduarda da Cunha Vasconcellos Borges Pereira	PUC-Rio – <i>Design</i> de Mídia Digital	
Carnaval das Crianças - As Peripécias do Trapeirozinho	Clara Barros	PUC-Rio – <i>Design</i> de Mídia Digital, Domínio Adicional em Animação	
Carnaval das Crianças - As Traquinices do Mascarado Mignon	Leticia de Vicq de Cumptich Valle	PUC-Rio – Desenho Industrial	
Colcha de Retalhos	Bruna Campos	CAV-São Bernardo do Campo – Animação	
<i>Cookies</i>	Matheus Santos Da Silva	Centro Universitário SENAC – <i>Design</i> de Animação	
Desmemórias de Isabela	Érica Marques Filgueiras	UFJF – Cinema e Audiovisual	
Laboratório Suicida - 313 experimentos de Gerson	Emmanuelle Schiavon Melgarejo	UFPel – Cinema de Animação	
<i>Low Light</i>	Marcilene Damasceno de Araújo	UFC – Sistemas e Mídias Digitais	
mefisto noite adentro	Brida de Carvalho Ribeiro Silveira	UnB – Artes Visuais	Melhor Roteiro
<i>MooN.exe</i>	Leonardo Monteiro Bustamante	UnB – <i>Design</i>	
O Chicote do Diabinho	Clara Braem	PUC-Rio – <i>Design</i> de Mídia Digital, Domínio Adicional em Animação	

¹⁶ De acordo com o edital da MUCA, cada participante poderia inscrever até dois curtas. Por isso, no quadro, aparecem, em alguns casos, mais de uma inscrição por pessoa.

O Círculo da Vida	Pedro Henrique Correa Sarmiento	UniCEUB – <i>Marketing</i>	
O Comedor de Sementes	Victoria Farina Meyer	UNISINOS – Realização Audiovisual	
Os Pássaros	Clara Braem	PUC-Rio – <i>Design</i> de Mídia Digital, Domínio Adicional em Animação	
Pagode Russo	Rafael Cardim Bernardes	UnB – Audiovisual	
<i>The Incredible Show of Mr. N</i>	Fernanda dos Santos	UnB – Comunicação Organizacional	
Tudo o que você quer - Banda Ensaio Livre [Lyric Video]	Marcilene Damasceno de Araújo	UFC – Sistemas e Mídias Digitais	
<i>Yesterday</i>	Gabriela Rodrigues Takemae Figueiredo	FMU – <i>Design</i> de Animação	
ヌードル☆ファイ ト: 主役女の子と世界	Igor de Paiva Duarte	UnB – <i>Design</i>	Melhor <i>Design</i> de Som

Fonte: elaboração própria, 2019.

Um fator determinante para a formação da equipe foi a oferta da disciplina Extensão em Comunicação 1, ministrada pelo professor Elton Bruno Pinheiro, que foi de suma importância, tanto para apresentar aos alunos, nós incluídos, o funcionamento da Extensão, bem como serviu de ponto de encontro da equipe, como meio de mobilização e até como forma recompensatória para os participantes.

Neste ponto, já pensávamos no *Keyframes* como um possível projeto de conclusão de curso. Inicialmente, não era nossa intenção, queríamos apenas falar e ouvir sobre Animação. Com a orientação do professor Elton, revimos nossa posição e, ainda nesta fase de pré-produção, percebendo que poderíamos, num processo de observação participante, analisar o *Keyframes*, enquanto ação de Extensão proposta por estudantes, como objeto de pesquisa deste trabalho.

A observação participante pode ser definida como

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação. (LOFLAND, LOFLAND, 1984, p.12 *apud* MAY, 2004, p. 177)

Complementando,

(...) um pesquisador participa como membro do grupo que está estudando. Às vezes, o pesquisador informa ao grupo que ele é um observador e também um participante, e às vezes o pesquisador finge ser um membro comum. (VOGT, 1999, p. 208 *apud* MÓNICO, *et al.*, 2017, p. 725)

Desde que decidimos que o *Keyframes* seria nosso objeto de estudo, comunicamos aos participantes, nos colocando de forma transparente como observadores-participantes, nos tornamos agentes realizadores e, concomitantemente, analisadores da realização do *Keyframes* e seu impacto na Faculdade de Comunicação. Para Triviños (1987, p. 142), “na pesquisa qualitativa participante, o investigador, sem dúvida, é um sujeito engajado no processo de melhoria de vida de algum grupo ou comunidade” e este foi um dos nossos objetivos: usar o *Keyframes* como uma plataforma para trazer a Animação para dentro da Faculdade, bem como mostrar aos demais discentes que é possível inserir na academia saberes não contemplados por ela. Buscamos, portanto, desmistificar a “extensão-caminho” (PINHEIRO, 2018) para que novos projetos surjam, aproximando a Universidade da sociedade, permitindo uma experiência plural e diversificada.

3.3 Produção

Logo no início das atividades, nos deparamos com uma questão em relação ao Sistema de Extensão da UnB (SIEX). Levando nossas experiências em conta, e em conversas com os colegas da equipe de produção, concluímos que o sistema utilizado pela Extensão era pouco intuitivo, sendo complexo de ser utilizado – até pelos próprios alunos da Universidade, que poderia vir a ser uma barreira que dificultasse a participação da comunidade, o que iria de encontro com um dos nossos principais objetivos. Para contornar o problema, decidimos disponibilizar duas formas de inscrição: tanto pelo SIEX, o sistema oficial, quanto por um formulário próprio, desenvolvido pela equipe através da plataforma *Google Forms*.

Em análise posterior dos dados coletados pelo formulário, constatamos que 44,4% dos inscritos através do *Google Forms* não tinham qualquer ligação com a UnB. Dos 55,6% restantes que indicaram ter alguma relação, estudante ou profissional, com a Universidade, 71,8% alegaram não ter feito a inscrição através do SIEX, o que, para nós, evidencia um ponto a ser melhorado no âmbito da Extensão na UnB. Quando a maioria dos entes da própria Universidade evita a utilização do sistema, é um indicativo de que melhorias devem ser feitas.

Enfrentamos, também, problemas estruturais. Há uma semana do início do *Keyframes*, soubemos, casualmente, que o ar-condicionado do auditório da FAC não estava funcionando. Buscamos solução junto à Direção da Faculdade, que acionou a Prefeitura do *Campus*. Infelizmente, o reparo não foi feito a tempo, sendo concluído apenas alguns dias após o término do *Keyframes*. Para piorar, uma obra de troca dos corrimãos na escada de acesso ao auditório foi iniciada um dia antes da primeira atividade, causando sua interdição. O auditório da FAC, localizado no subsolo, ficou acessível apenas por outra escada, em que devíamos – equipe, participantes e palestrantes – nos locomover através de um corredor em que há aparelhos de ar-condicionado, permitindo um pequeno espaço para passagem. O pior, entretanto, foram os ruídos e faíscas gerados pela solda dos novos corrimãos. Tentamos, através da Direção, a suspensão temporária da obra, sem sucesso. O *Keyframes* estava previsto para ocorrer desde o mês de junho de 2019 – pelo menos três meses antes da realização da Semana de Extensão da UnB –, com datas e local estipulado. Em momento algum nos foi alertado ou informado acerca de manutenção prevista na Semana Universitária. Portanto, realizamos as atividades num auditório sem ar-condicionado e com as portas fechadas devido aos ruídos causados pela manutenção das escadas.

Ainda sobre relatos de problemas, tivemos uma questão grave no segundo dia, em que foi ofertada a oficina “Direção de Arte e *Design* de Personagem”. Por uma falha de organização, de ordem administrativa da Faculdade, o auditório não estaria “agendado” e disponível para o *Keyframes*. Novamente salientamos que as atividades estavam confirmadas junto à Faculdade meses antes da data de realização. Os inscritos para a atividade e o *designer* Hudson Araújo, que ministrou a oficina, ficaram aguardando em frente ao auditório fechado até que a situação fosse solucionada. A oficina ocorreu sem maiores transtornos, apesar do inicial. Felizmente, o terceiro dia de atividades ocorreu sem maiores problemas.

Sintetizamos, no quadro abaixo, as atividades desenvolvidas durante o *Keyframes*, apresentando os temas abordados, os palestrantes e as datas de realização. As atividades foram transmitidas na íntegra através do canal da FAC no *YouTube*, expandindo ainda mais o alcance da ação de Extensão. Os *links* para visualização estão disponíveis no apêndice F.

Quadro 11 – Cronograma de atividades do *Keyframes*

Data	Atividade	Palestrante
24 de setembro de 2019 (tarde)	Palestra “A Produção de Animação no Brasil”	Luciana Eguti
25 de setembro de 2019 (manhã)	Oficina “Direção de Arte e <i>Design</i> de Personagem”	Hudson Araújo
25 de setembro de 2019 (tarde)	Oficina “Storyboard”	Ítalo Cajueiro
25 de setembro de 2019 (noite)	Painel temático “Processo Criativo e Storytelling”	Ciro Marcondes e Fábio Leal
26 de setembro de 2019 (manhã)	Palestra “Concept Art e Animação”	André Rocca
26 de setembro de 2019 (tarde)	Painel temático “Cinema de Animação: Séries e Formatos”	Fernando Gutiérrez e Márcio Moraes
26 de setembro de 2019 (noite)	Mostra Universitária de Curtas de Animação	Equipe organizadora da MUCA

Fonte: Elaboração própria.

Em termos gerais, entendemos que a realização da ação de Extensão foi satisfatória. Mesmo com os problemas estruturais, tivemos boa participação, que detalharemos adiante. Também cremos ter alcançado o objetivo de fomentar a discussão sobre Animação no âmbito acadêmico, servindo como um catalisador para este e para novos saberes.

3.4 Pós-produção

Conforme comentado, disponibilizamos as inscrições também por formulário próprio, além do SIEX. O ponto complicador desta escolha foi em relação à emissão dos certificados de participação da ação de Extensão. O SIEX os emite de forma automática, vinculando ao CPF do usuário cadastrado, podendo ser impresso na página do sistema. Portanto, os participantes inscritos através do formulário próprio não teriam a emissão da certificação pelo SIEX. Para contornar isto, decidimos que estes inscritos receberiam um certificado de participação emitido pela organização do *Keyframes*. Elaboramos, então, o certificado para emissão aos participantes inscritos pelos *Google Forms*, criando o leiaute, grafismo e organizando a base de dados para emissão correta dos certificados, disponibilizados de forma digital.

Foi também o momento de análise e compilação dos dados dos participantes. Pudemos perceber uma boa quantidade de inscritos externos à UnB, bem como de pessoas que se

inscreveram no momento das palestras, sendo atraídas para o evento por amigos ou colegas, gerando mídia espontânea calcada no boca-a-boca.

Neste ponto, cumprimos as obrigações burocráticas, como confecção e entrega de listas de presença para envio ao Decanato de Extensão, pagamentos remanescentes de fornecedores e hospedagem dos convidados de fora de Brasília, bem como apresentação de planilha de orçamento, notas fiscais, justificativas de gastos etc.

Nas reuniões com a equipe posteriores à realização da ação de Extensão, coletamos depoimentos dos participantes do grupo de organização e fizemos rodas de conversas para obtermos o retorno individual de cada um em relação ao *Keyframes*. Os resultados, no geral, foram positivos em relação ao alcance e execução do projeto. As críticas foram em relação à gestão de pessoas, que consideramos plausíveis, tendo em vista a inexperiência em organização e gestão de equipes de ambos os idealizadores. Em anexo, disponibilizaremos alguns depoimentos da equipe de produção, assim como entrevistas realizadas posteriormente com dois dos palestrantes.

4 RESULTADOS E INFERÊNCIAS COMPREENSIVAS

Como abordado no capítulo sobre a Extensão, esta abarca conceitualmente: a) a interação dialógica; a interdisciplinaridade e interprofissionalidade; b) a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; c) o impacto na formação do estudante; d) o impacto e transformação social. Neste capítulo voltaremos a refletir sobre como o *Keyframes* dialogou com tais indicadores. Para tanto, cotejaremos nossas inferências compreensivas com alguns depoimentos que coletamos junto a estudantes que colaboraram para a consecução do Projeto.

4.1 *Keyframes*: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade

Acreditamos que, no âmbito do *Keyframes*, a interação dialógica da comunidade acadêmica da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília com a sociedade se deu em vários níveis: a) na própria FAC foi possível reunir estudantes dos seus diversos cursos (Audiovisual, Comunicação Organizacional, Publicidade e Propaganda, Jornalismo e até do Programa de Pós-graduação em Comunicação) na referida ação de Extensão, seja diretamente em nossas equipes de trabalho ou como participantes de cada uma das atividades realizadas; b) para além da FAC, o *Keyframes* mobilizou estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) de outros cursos/departamentos/institutos, também tanto nas equipes de trabalho quanto como convidados ou participantes das atividades. Destacamos que na equipe de trabalho tivemos estudantes de cursos como *Design*, Ciência da Informação, Artes, Música e História; docentes de diferentes departamentos (internos e externos à FAC/Departamento de Audiovisuais e Publicidade) puderam contribuir com a ação: destacamos a participação mais direta de professores do Departamento de *Design*, do Departamento de Jornalismo e pesquisadores (mestrandos e doutorandos) do Instituto de Artes (IdA); c) Professores e Pesquisadores de outras IES – públicas e privadas – participaram como convidados/palestrantes nos diferentes painéis temáticos realizados. Destacamos docentes do Instituto Federal de Brasília, da Universidade Católica de Brasília e do Centro Universitário IESB.

A troca de conhecimentos, a participação desses diferentes atores e o que isso proporcionou em termos de contato com questões complexas e contemporâneas do universo da Animação revelam tanto a interação dialógica vivenciada no *Keyframes* quanto a sua *interdisciplinaridade*.

A questão da *interprofissionalidade*, que é um aspecto preconizado nos próprios dispositivos que estruturam a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior, no contexto de uma curricularização ou integralização da Extensão, pode ser evidenciada pela participação de profissionais, externos à UnB, que atuam em diferentes área da Animação, por exemplo: Direção de Arte e *Design* de Personagem, *Storyboard*, Processo Criativo e *Storytelling*, *Concept Art* e Animação, Cinema de Animação: Séries e Formatos, além da área executiva e de pesquisa. O quadro 11 ilustra bem essa visão da interprofissionalidade que o *Keyframes* buscou valorizar, dialogando com os preceitos da Extensão Acadêmica.

Esse processo de interação dialógica cultivado por nós quando da criação e realização do *Keyframes* pode ser percebido na fala de alguns(mas) dos(as) integrantes em seus depoimentos, coletados no processo de avaliação da nossa ação de Extensão. A estudante Aimê Rivero do Carmo, por exemplo, destaca como a importância da viabilização de uma ação gratuita voltada para a comunidade e que contou com diversos profissionais compartilhando suas experiências na área da Animação:

[O *Keyframes*] (...) primeiro evento da história da Faculdade voltado para animação e que *reuniu profissionais da área dispostos a transmitir seus conhecimentos e experiências*, bem como houve a primeira mostra de curtas universitários de animação; tal estreia proporcionou aos alunos e às alunas da área uma espécie de vislumbre das produções existentes além de *reunir pessoas com esse interesse em um ambiente acadêmico*, o que é muito raro de acontecer tendo em vista o ainda engessado modo acadêmico de entender e operar os cursos. (...) é um primeiro passo para *reduzir as desigualdades agravadas pelo esquema da meritocracia que orbitam o ramo cinematográfico* em geral, e esse em questão. (...) o *Keyframes* entrou como um diferencial moderno na FAC, buscando revolucionar os velhos formatos estruturais *com o intuito de viabilizar e proporcionar um evento gratuito para a comunidade* (...). (CARMO, 2019. Depoimento. Apêndice C. Grifos nossos).

A interação dialógica a que fazemos referência na consecução do *Keyframes*, em nossa visão, também permitiu a reflexão sobre a importância desse referido aspecto tão valorizado pela extensão. O palestrante Ítalo Cajueiro, realizador audiovisual, sobre a relação academia e mercado da animação, em entrevista concedida aos autores pós *Keyframes*, afirmou:

A academia precisa ser cada vez mais ágil e atenta para não deixar de ser relevante em todos os campos do saber. Isso será determinante para sua existência de forma conectada ao que o mercado quer e precisa.

Se ela não tiver a capacidade de se atualizar e de até de antecipar o futuro aos alunos, quando estes se formarem, já estarão defasados. É um grande desafio para a educação conseguir fazer isso diante das amarras burocráticas nas quais as instituições de ensino estão inseridas. Há o risco de os cursos técnicos atuarem de forma mais ágil, promovendo as atualizações necessárias, enquanto a academia atuaria de forma mais centrada no pensamento e na reflexão, mas isso não seria o ideal. *É preciso um mix entre o conhecimento formal, reflexivo e mais profundo que embasa o pensar, com a agilidade das atualizações tecnológicas a que a sociedade está submetida.* (CAJEIRO, 2019. Entrevista aos autores. Apêndice B. Grifos nossos).

Ainda sobre a relação Academia e Mercado da Animação, Luciana Eguti, animadora da Birdo que proferiu a Conferência de Abertura do *Keyframes*, em entrevista aos autores desse trabalho, afirma:

Acho que essa relação ainda é um pouco distante na medida que muitas pesquisas feitas na academia acabam não sendo divulgadas entre os profissionais do mercado. Muitas análises, estudos históricos e estudos de narrativa e técnica são produzidos na academia e creio que seria interessante se houvesse eventos e publicações que fizessem de forma mais constante essa divulgação. (EGUTI, 2019. Entrevista aos autores. Apêndice A. Grifos nossos).

A partir destas ponderações, inferimos que a criação e realização do *Keyframes* se configurou, de fato, como uma ação contributiva à formação profissional e cidadã dos(as) estudantes participantes, e, assim como preconizam as Diretrizes da Extensão na Educação Superior, ofereceu a eles e elas uma experiência “marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, [pode ser] “valorizada e integrada à matriz curricular” do Curso de Audiovisual da FAC/UnB ou, de modo contextual, até mesmo por outro curso correlato de uma IES Pública.

De modo mais geral, e ainda em diálogo com as referidas Diretrizes da Extensão na Educação Superior, consideremos que os resultados obtidos com o *Keyframes* podem produzir “mudanças na própria instituição superior”, neste caso, no âmbito da própria FAC/UnB, em relação ao Ensino e Produção Experimental no campo da Animação, “e nos demais setores da sociedade”, neste caso, nas demais Instituições (Universidades, Estúdios, Produtoras e realizadores/as) convidados/as, exatamente pela natureza dialógica da ação, “a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais” que possam surgir a partir da referida ação de Extensão Acadêmica.

4.2 O *Keyframes* e a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão

As Diretrizes da Extensão na Educação Superior destacam a “necessidade da articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico”. A realização do *Keyframes* buscou dialogar com essa diretriz a todo momento, seja: a) pelo fato de que a própria elaboração/criação do *Keyframes* nasceu no contexto de um componente curricular voltado à preparação para pesquisa acadêmica – a matéria Pré-projeto em Audiovisual – e foi alicerçada a partir das práticas pedagógicas de outros dois componentes curriculares: “Comunicação e Extensão” e “Projeto Experimental em Audiovisual”.

Conforme abordado nos eixos de articulação teórica desse trabalho, especificamente no tópico 2.2.2 *Ensino, pesquisa e extensão*: “A pesquisa, distante do ensino e da extensão, torna-se algo individualizado ou exclusivamente voltado ao lucro, ou à evolução tecnológica. Não há necessidade de se explicitar que a extensão perde seus objetivos, numa universidade sem o ensino e a pesquisa. (CARVALHO, 1996, p. 14)”. Foi nesse sentido que toda a execução do *Keyframes* prezou pelo diálogo com o Ensino e a Pesquisa. Percebemos ainda mais que essa indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão é fundamental quando refletimos sobre a fala de Luciana Eguti sobre o crescimento da animação no audiovisual brasileiro e a sua menção à necessidade de uma qualificação profissional:

Eu acredito que a formação na universidade permite um aprofundamento da análise crítica e da visão global dos projetos, com metodologia e foco, o que é muitas vezes é difícil de empreender durante o exercício profissional. (...) Apesar de estarmos em um momento muito complicado no audiovisual brasileiro, a produção de animação, nas áreas de televisão e games, está se consolidando e crescendo no Brasil. Creio que a área de games, em especial, ainda terá uma expansão nos próximos anos. Está havendo uma maior qualificação de profissionais na mesma medida em que as exigências e a qualidade do material sendo produzido também está aumentando. (EGUTI, 2019. Entrevista aos autores. Apêndice A. Grifos nossos).

Em sua resposta, Ítalo Cajueiro evidencia o quanto essa indissociabilidade é benéfica:

O estudo acadêmico proporciona uma sistematização do conhecimento, além de ampliar a visão e o aprendizado dos alunos. Otimiza o tempo e dá mais segurança e legitimidade ao estudante. Por fim fecha um ciclo virtuoso no audiovisual que envolve mostras e exposições, trabalho e ensino. (CAJEIRO, 2019. Entrevista aos autores. Apêndice B. Grifos nossos).

4.3 O *Keyframes* e o impacto na formação do(a) estudante

O *Keyframes* oportunizou uma compreensão mais aprofundada dos(as) estudantes a respeito do sentido e da função da própria Extensão no contexto da formação acadêmica. É o que podemos perceber a partir das reflexões registradas pelo depoimento de André Tenório Nery, aluno do Curso de *Design* que integrou a equipe de organização da referida ação. Para ele, além da percepção da Extensão como uma via de colaboração e compartilhamento de conhecimento, o *Keyframes* ofereceu perspectivas para a sua carreira na área da Animação:

As atividades de extensão, no sentido clássico, podem ser entendidas como momentos em que a população externa pode entrar em contato com a Universidade e aprender sobre conteúdos específicos que sejam de seu agrado, ou seja, um momento de abertura das portas da Universidade para aqueles que normalmente não teriam a oportunidade de ali aprender. Porém, *no processo de realização do evento aprendi que a atividade extensão vai muito além da definição clássica, a população geral não é a única que se beneficia dessa interação, isso significa que a Universidade, professores e seus alunos não devem se portar com prepotência por deterem os conhecimentos teóricos e técnicos dos diversos saberes, pois a atividade de extensão é uma troca de experiências radial entre a população geral, os estudantes e a própria instituição, é um ambiente de colaboração e não de transmissão unilateral de conhecimentos. (...) Todas essas vivências me motivaram a continuar estudando o que amo, continuar ilustrando e buscando melhorar em diversos aspectos, até então eu estava sempre tão ocupado e focado em resolver problemas que não necessariamente eu tivesse escolhido que por vezes eu esquecia de me agarrar ao que de fato são os meus propósitos e objetivos.* Além disso, o evento me deu novas perspectivas de atividades que eu poderia realizar no futuro, dentro ou fora da Universidade. (NERY, 2019. Depoimento. Apêndice C. Grifos nossos).

A estudante Giovanna Sborz, do Curso de Comunicação Organizacional, que integrou a equipe de trabalho, em seu depoimento, também relatou os impactos do *Keyframes* em sua formação, de modo a destacar o quanto foi rica a possibilidade de colocar em prática outros conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação e de aprender com acertos e erros (*sic*):

Participar de um evento sobre animação (...) abriu espaço para discutir uma lacuna na Faculdade de Comunicação, na Universidade de Brasília, no próprio Distrito Federal e talvez no Brasil como um todo. Estar em contato com coisas alheias à nossa realidade nos faz enxergar diversidade de saberes, nichos mercadológicos que possam ser expandidos e eventuais carências no mercado e na formação profissional. É interessante pensar em quantas vezes, o curso de

Comunicação Organizacional, nos permite acesso e contato com teorias e conceitos que parecem burocráticos demais e não fazem sentido, mas que na hora da prática eles retornam carregados de necessidade e aplicabilidade. Por fim, a disciplina acabou se tornando algo que eu precisava: um choque prático da produção e comunicação. E ver algumas coisas que não deram certo e poderiam ser consertadas me trouxe mais aprendizados do que se tudo tivesse saído perfeito, ou conforme o esperado. Os erros nos proporcionam maiores aprendizados, e quanto mais cedo pudermos lidar com esses erros mais fáceis serão as próximas etapas e nos farão evoluir cada vez mais. (SBORZ, 2019. Depoimento. Apêndice C. Grifos nossos).

Em seu relato, Luiza de Almeida Cardoso ressalta outro ponto importante que serve como uma espécie de termômetro sobre esse aspecto do impacto das ações de Extensão nos estudantes: o desejo de continuidade do *Keyframes* e de compartilhamento de conhecimentos sobre Animação no contexto acadêmico, além da própria percepção mais aprofundada sobre o próprio papel da Universidade:

Acho muito importante que o conhecimento continue sendo compartilhado, pois ele é tão importante quanto as animações em si. Foi incrível reunir tantas pessoas da cidade que se interessam pelo assunto, assim como ver palestras de profissionais. As palestras foram algumas das melhores que vi por que traziam trajetórias bem realistas e palpáveis, de pessoas que foram crescendo aos poucos na indústria e hoje estão indo bem. Os palestrantes não pareciam querer guardar nada para si e eram muito simpáticos. Ver seus relatos me deixou bastante motivada e me mostrou as várias facetas que a indústria criativa tem que nem sempre enxergamos. Como entrarei no mercado de trabalho em breve, ter visto os bastidores de um evento me inspirou a participar da comunidade mais ativamente no futuro. *Não quero apenas produzir meu próprio trabalho, quero ajudar pessoas mais jovens a se informar sobre as profissões possíveis, seja organizando eventos futuros ou até mesmo participando e divulgando eles. É por meio da comunidade que nós evoluímos, o que é visível dentro da própria Universidade depois de projetos como este*, trazendo conteúdo sobre animação a um lugar onde ele falta, provando que há muitas pessoas nesse mundo, provando que ninguém estará sozinho. (CARDOSO, 2019. Depoimento. Apêndice C. Grifos nossos).

A questão do desejo de continuidade, em nossa opinião, é um aspecto bastante revelador do grau de impacto de uma atividade de Ensino, Pesquisa e Extensão na vida de um estudante. Kallyo Aquiles, estudante de Audiovisual da FAC/UnB, relata um pouco sobre isso em seu depoimento:

(...) vale ressaltar o protagonismo estudantil nessa empreitada e como isso pode acarretar coisas além do projeto de extensão: núcleo de estudos, por exemplo, é um dos maiores potenciais do projeto. Visto

que “animação” não está no currículo estudantil do curso, uma vez que a troca de experiências se dê por esses alunos que participaram e revelaram dominantes das técnicas, com a vinda semestral de novos estudantes e interessados, a possibilidade de um local onde possa suprir essa necessidade do curso é animadora. *Não só isso, mas com o tempo pode, de fato, se tornar uma atividade oficial da Faculdade de Comunicação, basta o evento e a marca Keyframes se firmar mais e continuar a fazer o que está fazendo: ser um evento coletivo e focado em exaltar a produção deste tipo em nossa cidade.* (AQUILES, 2019. Depoimento. Apêndice C. Grifos nossos).

Por fim, no que se refere aos impactos de uma atividade como o *Keyframes* na vida dos(as) estudantes, destacamos o relato de Paloma Martins, no qual ela reporta o quanto ações de Extensão oportunizam aprendizados e crescimento acadêmico e pessoal, sobretudo quando são, de fato, realizadas num contexto em que a diversidade das áreas interessadas na ação enriquece o processo e, consequentemente, os resultados.

Em meu processo de formação acadêmica tenho tido experiências excelentes de extensão e que obtiveram bons resultados, em sua maioria por serem propagados e orientados por professores engajados com seus projetos e que possibilitam aos alunos participantes atuar de maneira efetiva e autônoma, reconhecidos como parceiros de trabalho e não como mão de obra gratuita validada pela hierarquia institucional. Nesses casos, a parceria docente-discente gera não só excelentes resultados no trabalho como um desenvolvimento de relações humanas saudáveis e produtivas, oferece um ambiente que promove saúde e estabilidade emocional, uma rotina de produção leve e constante com comprometimento de ambas as partes. *[No caso do Keyframes]*, integrar um grupo tão diverso, com alunos de audiovisual, *design*, arquivologia, ciência da informação, composto por pessoas que ilustram, produzem animação e aquelas que apenas apreciam, onde me enquadro, oferece várias oportunidades de aprendizado e crescimento a partir da interação com os membros da equipe, tanto o grupo geral, quando as subequipes em que fomos divididos para a organização do evento. No momento da minha entrada no grupo, tive a tarefa de junto com outros colegas escrever o edital da Mostra Universitária de Curtas de Animação, a MUCA, que faz parte da programação do Keyframes. Esse foi um exercício inédito para mim, que exigiu uma pesquisa inicial nos principais editais de mostras do país e então a adaptação dos artigos escolhidos para a realidade da MUCA, levando em consideração a visão e as necessidades do evento. (MARTINS, 2019. Depoimento. Apêndice C. Grifos nossos).

4.4 *Keyframes*: seu impacto e transformação social

Acreditamos que, em termos de inscrições e participações, o *Keyframes* foi um sucesso. O formato do projeto, como ciclo de atividades com diferentes modelos, incentivou a participação da comunidade acadêmica e externa, alcançando um público maior que o imaginado e com retorno positivo por parte dos(as) participantes. Por isso, acreditamos que o *Keyframes* possui replicabilidade, podendo se tornar de execução anual, fomentando a cultura da Animação na Faculdade de Comunicação e, por conseguinte, na Universidade de Brasília.

Figura 2 – Público da Abertura do *Keyframes*



Fonte: elaboração própria, 2019.

Os resultados obtidos nas inscrições prévias para as atividades de Extensão do projeto, registradas de forma *online* na plataforma do SIEX e através do *Google Forms*, disponibilizado pela organização para atender estudantes e membros da comunidade externa, totalizaram 1030 inscrições e 492 certificados emitidos pela organização do *Keyframes*. Os demais certificados foram emitidos pelo Decanato de Extensão, através do SIEX.

Quadro 12 – Síntese, por atividades, do número de participantes do Keyframes

Atividades		Palestra “A Produção de Animação no Brasil”	Oficina “Direção de Arte e Design de Personagem”	Oficina “Storyboard”	Painel temático “Processo Criativo e Storytelling”	Palestra “Concept Art e Animação”	Painel temático “Cinema de Animação: Séries e Formatos”	Mostra Universitária de Curtas de Animação
Meio de inscrição e número de participantes	Sistema de Extensão Universitária - SIEX	77	40	40	110	119	77	75
	Google Forms	87	61	66	58	80	52	88
Total por atividades		164	101	106	168	199	129	163

Fonte: elaboração dos autores com dados próprios e do SIEX.

Posteriormente, apurando os dados de inscrições feitas pelo *Google Forms* e através de pesquisas nos canais criados para divulgação do projeto, como *e-mail* e redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), percebemos a eficácia no sistema proposto com palestras, oficinas, mostra e painéis temáticos a fim de transformar a Faculdade de Comunicação neste espaço de debate sobre Animação e aproximação com a sociedade e o mercado de trabalho.

Figura 3 – Público da Oficina ministrada por Hudson Araújo



Fonte: elaboração própria, 2019.

Dos extensionistas inscritos pelo *Google Forms*, 44,4% responderam não ser estudantes ou funcionários da UnB e foi percebida também a participação de estudantes de diversas instituições privadas de diversas áreas do conhecimento. Com isso, cremos que conseguimos plantar uma semente e criando um caminho possível para internalização de novos saberes.

Ademais, sobre a questão da transformação social, o que podemos assinalar, de maneira geral, é que o *Keyframes*, de fato, se configurou como uma ação-instrumento de reflexão sobre o papel da Universidade Pública na oferta pública e gratuita de conhecimentos que, assim como no caso da Animação, parecem ainda alcançar um grupo de pessoas muito restrito, por serem ofertados com mais recorrência em Instituições Privadas/Particulares.

Além disso, gostaríamos de evidenciar que a Universidade Pública, enquanto promotora da Extensão Acadêmica, contribui para a formação crítica e responsável de seus alunos e alunas e, conforme orientam as Diretrizes da Extensão na Educação Superior, é capaz de estabelecer o “diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira”, como comprovado pelo *Keyframes*, que oportunizou o diálogo da comunidade acadêmica da UnB e

externa a ela com representantes de grandes produtoras/estúdios da área da Animação (como a Birdo e a Maurício de Sousa) bem como com IES privadas.

Assim, consideramos que o *Keyframes* favoreceu, da forma como foi possível a sua realização, o cultivo de uma “atuação na produção e na construção de conhecimentos, atualizados e coerentes” (BRASIL, 2018) no campo da Animação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar o tema da Animação a partir da criação e da realização da ação de Extensão *Keyframes*, com a oferta de seminários, palestras, painéis temáticos, oficinas e mostra universitária de cinema de animação e refletir analiticamente sobre a Extensão como um caminho metodológico para o estudo da Animação no contexto da FAC/UnB foi o exercício ao qual nos dedicamos ao longo desse estudo.

Acreditamos que o exercício teórico e aplicado aqui empreendido a partir da observação participante e das reflexões teóricas e metodológicas tanto do campo da Animação quanto da Extensão proporcionaram uma experiência fundamental ao nosso processo de formação acadêmica, justamente por nos permitir, ao mesmo tempo, aprender e contribuir com a Instituição que escolhemos e que nos acolheu enquanto graduandos da área do Audiovisual.

Consideramos que as reflexões analíticas registradas aqui revelam o cumprimento dos objetivos aos quais nos propomos cumprir, isto é: a realização do *Keyframes*, em nossa visão, *fomenta*, no âmbito de Instituições Ensino Superior públicas, a formação – teórica, técnica e crítica – e a produção experimental em Animação a partir do contato da Academia com profissionais/técnicos do mercado, especializados no tema, e funcionou com um incentivo ao crescimento e à inovação da área no âmbito da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

O trabalho também *promoveu* importante intercâmbio de conhecimentos em Animação de forma horizontalizada, por meio do compartilhamento de diferentes saberes entre estudantes, animadores profissionais, professores(as) e pesquisadores(as) da área – externos e internos à UnB –, sobre aspectos da história, linguagem, produção e mercado da Animação. Destacamos a possibilidade que tivemos de realizar isso com a participação de animadores profissionais que convidamos pelo reconhecimento de suas trajetórias, como Luciana Eguti (Birdo), André Rocca (Maurício de Sousa), Hudson Araújo e Ítalo Cajueiro. Os depoimentos de alguns(mas) dos(as) integrantes da equipe (apêndice C) também corroboram esse nosso entendimento.

Eguti, em entrevista que nos concedeu pós evento, ressaltou a importância de ações como o *Keyframes*. Para ela, atividades “como o *Keyframes* fazem a interface entre a experiência acadêmica com o mercado, o que é essencial e produtivo para as duas frentes, uma vez que a troca de informações, processos e referências permite a evolução da área como um todo (EGUTI, 2019, entrevista aos autores). Cajueiro também reforçou a importância da ação

que criamos e realizamos: “O *Keyframes* possibilita a troca de experiências, o contato com profissionais renomados, estimula e amplia o interesse dos alunos e da comunidade. Uma iniciativa das mais louváveis que desejo vida longa” (CAJUEIRO, 2019, entrevista aos autores).

Ademais, a realização do *Keyframes*, de fato, nos permitiu compreender e elucidar como a Extensão Acadêmica pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Animação, no contexto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília; a estabelecer contatos e pontes com profissionais, externos à UnB, e estúdios de animação de outras cidades do país; o aperfeiçoamento na área dos estudos e da produção experimental em Animação, tanto para nós, enquanto autores desse trabalho, quanto para estudantes e comunidade interna e externa à UnB; e favoreceu a abertura de novas possibilidades para a cultura dos estudos sobre a Animação no âmbito da Faculdade de Comunicação da UnB e, até mesmo em outras IES públicas que possam vir a ter acesso à nossa produção experimental. Acreditamos, portanto, que as hipóteses de trabalho, expostas no item 1.3, foram confirmadas.

Em nossa trajetória, descobrimos, portanto, novos caminhos e possibilidades a partir da Extensão e também conseguimos, de certo modo, dar os passos importantes em prol de uma cultura de estudos e produção experimental da Animação na Faculdade de Comunicação. Nos alegra perceber que, através do empenho, nosso e de alunos e docentes interessados, conseguimos trazer para a academia uma parte do saber que almejávamos obter e compartilhar, postura típica do fazer Extensão. Assim, com este trabalho, ficamos esperançosos em propiciar aos demais colegas entenderem a Animação como relevante à formação do discente do Curso de Comunicação – Audiovisual e compreender a Extensão como o caminho transformador possível para a Universidade e para o que é produzido por ela.

Durante a realização do *Keyframes*, pensávamos em estruturar o projeto visando a tentativa de oficializá-lo como ação contínua, além de deixar um legado, o “caminho das pedras”, para os estudantes que quisessem seguir nossos passos e trazer para a Universidade saberes que julgam pertinentes ao meio do qual são parte. Acreditamos que é através da Extensão que poderemos encontrar a via transformadora para o Ensino na Universidade. De forma horizontal, a Universidade precisa ir até a comunidade e trazê-la para próxima de si, numa via dupla de ensinar-aprender.

No futuro, também temos expectativa em relação à criação de um núcleo de estudos em Animação na Faculdade de Comunicação, tanto por sua importância histórica quanto pela crescente necessidade do profissional de Audiovisual de estar familiarizado com as técnicas e preceitos da área.

Finalmente, esperamos ter conseguido plantar a semente da Animação na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Almejamos que tal semente seja constantemente regada para que floresça, gere frutos e, destes frutos, novas sementes, possibilitando um possível ciclo de modernização dos saberes dispostos no curso de Audiovisual, rompendo algumas estruturas ainda engessadas da Universidade, que com a Extensão, certamente renova não apenas seu dinamismo, ousadia e capacidade de desenvolvimento, mas também seu papel social na formação de cidadãos e cidadãs críticos, criativos e inovadores, capazes de atuar dentro e fora dela, especialmente na área da Animação, de maneira inventiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

ABAD, Maristela. **Extensão universitária e sua eficácia**: estudo de caso do UnB Idiomas. 2015. 134 f., il. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ANCINE. Superintendência de Análise de Mercado. **TV Aberta** – Informe Anual 2016 (01/01/2016 a 31/12/2016). Publicado no Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – OCA em 23/08/2017. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_tvaberta_2016.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

ANCINE. **Emprego no Setor Audiovisual**. Estudo Anual 2018 (Ano-base 2016). Publicado no Observatório Brasileiro de Cinema e do Audiovisual – OCA em 09/05/2018. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/emprego_no_setor_audiovisual_0.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

ANCINE. **Gênero na direção das obras brasileiras veiculadas na TV Paga** – 2017. Publicado no Observatório Brasileiro de Cinema e do Audiovisual – OCA. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/genero_na_direcao_das_obras_brasileiras_veiculadas_na_tv_paga_2017.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

ANDRADE, Leilane Lima Sena de; SCARELI, Giovana; ESTRELA, Laura Ramos. As animações no processo educativo: um panorama da história da animação no Brasil. In. **VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**. São Cristovão – SE/Brasil, 20 a 22 de setembro de 2012.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENETTI, P. C.; SOUSA, A. I.; SOUZA, M. H. N. Creditação da extensão universitária nos cursos de graduação: relato de experiência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**. v. 6, n. 1, p. 25-32, 2015.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Acervo – o TICO-TICO a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa Alienada e Ensino Alienante**: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade de São Carlos; Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. *Comunicação & Educação*, 10(3), 2005, pp. 288-296.

BRASIL. **Lei nº 6.281, de 9 de dezembro de 1975**. Extingue o Instituto Nacional de Cinema (INC), amplia as atribuições da Empresa Brasileira de Filme S.A. – MBRAFILME – e dá outras providências.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto nº 9.235**, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino.

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão 1999-2001**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. MEC/CNE. **Resolução nº 10, de 27 de junho de 2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Cinema e Audiovisual e dá outras providências.

BRASIL. MEC/CNE. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: < https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808 >. Acesso em: 29 nov. 2020.

BUARQUE. C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Ed. UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CARNEIRO, Gabriel. **Os percursos da animação Brasileira**. ItaúCultural, 2017. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/os-percursos-da-animacao-brasileira> . Acesso em 07 de dez. 2020.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A Universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipados. **27a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2004.

CARVALHO, Eduardo Búrigo. **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades catarinenses**. Salamanca: KADMOS, 1996.

CORDEBELLO, Pedro Dolosic. Cinema de Animação. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares na Comunicação. **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. Vol. I. Conceitos. São Paulo, 2010.

DINIZ, Flávio Pereira. **A Extensão Universitária como Instrumento de Política Pública**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1614>. Acesso em: 2 nov. 2020.

DOURADO, Pedro. **História da Animação no Brasil**. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/historia-da-animacao-no-brasil>. Acesso em: 17 nov. 2020.

EXTENSÃO UFMG. 1º Ciclo de Debates PROEX/PROGRAD: Por que integralizar a extensão nos currículos de graduação?. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXJtwukxSLI> . Acesso em: 29 nov. 2020.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO. **Resolução do Conselho da Faculdade de Comunicação nº 02/2018**. Regulamenta e define formação e atribuições do Colegiado de Extensão da Faculdade de Comunicação, previstas nas normas da UnB. Universidade de Brasília, 2018.

FERNANDES, Marcelo Costa; SILVA, Lucilane Maria Sales da; MACHADO, Ana Larissa Gomes; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, vol. 28, n. 4, p. 169-19, 2012.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

FRANÇA, Sandro Alves de. A Lei do Curta e seus efeitos: quando curtas eram exibidos no cinema. **Curtacurtas**. 14 de julho de 2020. Disponível em: <https://medium.com/curtacurtas/a-lei-do-curta-e-seus-efeitos-quando-curtas-eram-exibidos-no-cinema-ada2daf3fd25> . Acesso em: 29 nov. 2020.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Prática docente universitária e a construção coletiva de conhecimentos: possibilidades de transformações no processo ensino-aprendizagem. **Cadernos de Pedagogia Universitária**, vol. 10. São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Curso – #2911 – Audiovisual – Bacharelado**. Disponível em: <https://ensino.ufms.br/cursos/prerequisitomatriz/2911>. Acesso em: 29 nov. 2020.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. CONSEPE. **Resolução nº 005/2007**. Aprova a Regulação sobre a Natureza/Tipo das Disciplinas dos Cursos de Graduação da Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Disponível em: <http://secon.udesc.br/consepe/resol/2007/005-2007-cpe.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2020.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Componentes Curriculares, Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf?id=117>. Acesso em: 29 nov. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf Acessado em: 20 out. 2020.

GOMES, Andréia Prieto. **História da Animação Brasileira**. CENA Universitária: Rio de Janeiro, 2008. 28p.

IFG. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. **Projeto Pedagógico**. 2015. Disponível em: <http://cursos.ifg.edu.br/arquivo/download/814>. Acesso em 29 novembro de 2020.

IMPERATORE, Simone Loureiro Brum; PEDDE, Valdir; IMPERATORE, Jorge Luis Ribeiro. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU, 15, 2015, Mar del Plata, Argentina. **Anais...** Mar del Plata: INPEAU/UFSC, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/136064>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ISRAEL Daniela; CONTE Daniel. O Cinema de Animação Nacional: O trânsito entre experiências cinematográficas, séries para televisão e a expectativa dos consumidores brasileiros. **Anais**: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

JACK, Aventuras. Direção de Renata Acioli. Brasília: UnB, 2018. (2:38min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0DBSM5Qq1MM>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MARQUES DE MELO, José. Prefácio. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Org.). **Mídias Digitais: Convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÓNICO, Lisete *et al.* A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Atas – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**. v. 3. 2017.

NOGUEIRA, Cícero de Brito. Arnaldo Albuquerque: uma animação para além da lente do estereótipo. **Artes, relações, implicações: o VI Congresso CSO'2015**. 26 de março a 1 de abril de 2015, Lisboa, FBAUL, pp. 139-146. Disponível em: http://cso.belasartes.ulisboa.pt/ACTAS_CS02015.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

NUNES, Roseane da Silva.; VIEIRA, Leylianne Alves. Contribuição da extensão universitária para a autonomia do estudante. **Em Extensão**, vol. 11, n. 2, p.118-125, 2012.

NYKO, Diego; ZENDRON, Patrícia. O Mercado consumidor de animação no Brasil. **BNDES**, Set., Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 7-27, mar. 2019.

OLIVEIRA, Fernanda; GOULART, Patrícia Martins. Fases e faces da extensão universitária: rotas e concepções. **Rev. Ciênc. Ext.** vol. 11, n. 3, p. 8-27, 2015.

OLIVEIRA, Rebeca. Muito além da Disney: mercado de animação autoral cresce no DF e no Brasil. **Correio Braziliense**. Postado em 21 de junho de 2017. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/06/21/interna_diversao_arte,603732/a-hora-e-a-vez-dos-animadores-em-brasilia.shtml. Acesso em: 29 nov. 2020.

PINHEIRO, Elton Bruno. A política de extensão acadêmica nas diretrizes curriculares nacionais do curso de jornalismo. In: PINHEIRO, E. B.; VARÃO, R.; BARCELLOS, Z. **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.

PINTO, Leonor Souza. **O Cinema Brasileiro face à censura imposta pelo regime militar no Brasil – 1964/1988**. Disponível em: http://www.memoriacinebr.com.br/textos/o_cinema_brasileiro_face_a_censura.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 1, p. 3-15, março 2005.

RAYS, Oswaldo Alonso. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Revista Cadernos de Educação Especial**, n. 21, 2003, p. 71-85.

RIBEIRO, Darcy. **Universidade para quê?** "Série UnB". Brasília: Editora UnB, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **Plano Orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora UnB, 1962.

RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como Problema**. 1ª edição digital. São Paulo: Global, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. Coimbra: Almedina; 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. Conferência **Crise Global e consequências para Educação e Universidades Públicas: a defesa da Universidade e da Educação como justiça social**. Brasília, 2017.

SANTOS, João Henrique de Souza; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Kátia Tomagnini. **Extensão Universitária e formação no Ensino Superior**. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016.

SARAIVA, José Leite. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. **Brasília Médica**, v.44, n.3, p.220-5, 2007.

SERRANO, Rosana Maria Souto Maior. **Conceitos de Extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/extelar/pt/index.php/atividades/78-artp>. Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVEIRA JUNIOR, Potiguara Mendes da; PRADO, Laryssa Gabriele Moreira do. Desenhos Animados e Representação Feminina: uma trajetória em produções brasileiras. **Sessões do imaginário**, Porto Alegre, v. 22, n. 38, 2017, p. 130-141.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais. **Em Questão**, Porto Alegre. v. 12, n. 1. jan/jun 2006. p. 131.
Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/14/4>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A História da Extensão Universitária**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

SOUZA, Danielle Beatriz dos Reis Santos. **SIV para a produção de um Longa Metragem de Animação**. Relatório do projeto apresentado como trabalho final da disciplina Diplomação em Programação Visual. Departamento de Desenho Industrial, UnB, 2017.

TAUCHEN, Gionara. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão**. 2009. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

UFC. Universidade Federal do Ceará. **Currículos**. Disponível em: <https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf> . Acesso em: 29 nov. 2020.

UFES. Universidade Federal do Espírito Santo. **Comunicação Social – Grande Curricular**. Disponível em: <https://comunicacaosocial.ufes.br/pt-br/grade-curricular> . Acesso em: 29 nov. 2020.

UFF. Universidade Federal Fluminense. **Matriz curricular do curso de Audiovisual**. Disponível em: <https://app.uff.br/iduff/consultaMatrizCurricular.uff>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Bacharelado em Cinema e Audiovisual**. Maio de 2019 (reforma curricular). Disponível em: <https://www.ufjf.br/cinema/files/2018/06/PPCCINEMANOVOVALE.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFMT. Universidade Federal de Mato Grosso. **Regime do Curso: Crédito.** Disponível em: <http://sistemas.ufmt.br/matrizcurricular/index.html#campus=1&curso=232&estrutura=20181%7C99999> . Acesso em: 29 nov. 2020.

UFPA. Universidade Federal do Pará. **Dados do Currículo.** Disponível em: <https://sigaa.ufpa.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/152179>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFPB. Universidade Federal da Paraíba. **Estrutura Curricular.** Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFPEl. Universidade Federal de Pelotas. **Cinema e Audiovisual.** Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/5010>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Estrutura curricular do curso de Cinema e Audiovisual.** Disponível em <https://sistemas.ufrb.edu.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/2000001189>. Acesso em: 30 nov. 2020.

UFRN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Estrutura curricular do curso de Comunicação Social – habilitação Audiovisual.** Disponível em: https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&id=119512361. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. **Curricularização da Extensão.** 2020. Disponível em: <https://curricularizacaodaextensao.ufsc.br/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UFSCar. Universidade Federal de São Carlos. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Imagem e Som.** Disponível em: <http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/imagem-e-som/imagem-e-som-projeto-pedagogico.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Universidade de Brasília. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 022/1988.** Dispõe sobre as atividades de Extensão da UnB. Disponível em: https://atom.unb.br/uploads/r/fundacao-universidade-de-brasil/6/a/c/6ac21056c94d182a5a60c1a01ec8ed5a1b99e3989ed63fb7b516433a49019824/re-solucao_cepe_1988_0022.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Universidade de Brasília. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 006/2015.** Estabelece fundamentos, princípios e diretrizes para as atividades de extensão da UnB. Disponível em: https://atom.unb.br/uploads/r/fundacao-universidade-de-brasil/6/2/0/620acaef68e33a16999a543e3263086267ada3a7568d8561758cb4b22da8be76/re-solucao_cepe_2015_0060.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Universidade de Brasília. **Ato da Faculdade de Comunicação nº 033/2018.**

UNB. Faculdade de Comunicação. **Regimento interno da Faculdade de Comunicação.** 2016. Disponível em: http://fac.unb.br/wp-content/uploads/2018/11/Regimento-FAC-versao-28_06.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Faculdade de Comunicação. Departamento de Audiovisuais e Publicidade. **Projeto Político Pedagógico Curso de Comunicação Habilitação Audiovisual.** 2019a. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1X6BmehUj3tSktxeTo1Xid6FnLNxuc0YG/view>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Decanato de Extensão. **Programa Especial Semana Universitária da UnB – 2019.** 2019b. Disponível em: <http://www.dex.unb.br/editalsemuni2019?download=1086:editalsemana-universitaria-2019>. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Decanato de Extensão. Decanato de Graduação. **Ato Conjunto dos Decanatos de Extensão e Graduação Nº 1/2019.** 2019c. Disponível em: <http://dex.unb.br/normasdecurricularizacao/relatorios?download=1182:ato-conjunto-n-01-2019-insercao-curricular>. Acessado em: 29 nov. 2020.

UNB. Universidade de Brasília. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022.** 2019d. Disponível em: http://dpo.unb.br/images/phocadownload/documentosdegestao/planodesenvinstitucional/PDI_2018-2022_-_VAtualizada.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

UNB. Universidade de Brasília. **Matriz curricular da habilitação em audiovisual.** Disponível em <https://matriculaweb.unb.br/graduacao/curriculo.aspx?cod=8354>. Acessado em 29 de novembro de 2020.

UNILA. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. **Matriz Curricular do Curso de Cinema e Audiovisual.** Disponível em: https://portal.unila.edu.br/graduacao/cinemaeaudiovisual/arquivos/02_Matriz_Cinema_.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM LUCIANA EGUTI

Keyframes: Conte-nos sobre como você ingressou no mercado da animação e um pouco da sua trajetória até o momento.

Luciana: Eu sempre tive muito interesse em animação e ingressei no mercado trabalhando numa empresa que produzia CD-ROM com aplicativos para crianças, onde tive oportunidade de realizar pequenas animações. Cursei arquitetura na USP, e a faculdade permitiu que eu fizesse um curta metragem animado como trabalho de graduação. Ou seja, o início da minha formação foi autodidata e grande parte do meu aprendizado foi através de projetos pessoais e oportunidades profissionais. Meu primeiro trabalho num estúdio de animação foi na TV Pinguim, onde comecei atuando como *designer*. Porém, tive a oportunidade de atuar como animadora, em projetos de vinhetas, comerciais e séries, que foi um grande aprendizado. Em 2004 fui estudar computação gráfica no Sheridan College, no Canadá, por um ano, experiência que me permitiu aprofundar e consolidar meus conhecimentos em animação.

Em 2005, juntamente com meu sócio, Paulo Muppet, fundei o estúdio Birdo, onde a proposta sempre foi trabalhar com animação de personagens. Nos últimos 14 anos produzimos mais de 100 projetos animados (videoclipes, virais, curtas e longas metragens, comerciais, projetos artísticos e séries) e fomos homenageados no Anima Mundi 2015. Em 2015 fomos a empresa vencedora do concurso de criação das mascotes dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, e produzimos a série em animação “Vinicius & Tom – Divertidos por Natureza”. Entre os projetos de série recentes do estúdio estão “Oswaldo” (Cartoon Network), “Cupcake e Dino” (Netflix) e “Corta Essa, Ninjin” (Cartoon Network).

Keyframes: No mercado de animação brasileiro é comum que a maioria dos profissionais sejam autodidatas, que tenham aprendido o ofício já trabalhando com outros profissionais mais experientes ou através de cursos técnicos. Nesse contexto, qual a sua opinião sobre a relevância do estudo da animação na universidade?

Luciana: Eu acredito que a formação na universidade permite um aprofundamento da análise crítica e da visão global dos projetos, com metodologia e foco, o que é muitas vezes é difícil de empreender durante o exercício profissional.

Keyframes: E qual importância da realização de eventos como o Keyframes no ambiente acadêmico?

Luciana: Eventos como o Keyframes fazem a interface entre a experiência acadêmica com o mercado, o que é essencial e produtivo para as duas frentes, uma vez que a troca de informações, processos e referências permite a evolução da área como um todo.

Keyframes: Que outra(s) área(s)/tema(s) você apontaria como atualmente importante(s) para o desenvolvimento de estudos/pesquisas e produção no âmbito da animação?

Luciana: Atualmente novas possibilidades narrativas e técnicas surgiram com o VR e considero uma área muito bacana a ser explorada.

Keyframes: Na sua opinião, qual o grande atrativo da animação? O que faz dessa área tão atrativa tanto para o público quanto para realizadores e pesquisadores?

Luciana: A animação permite que se conte histórias, expresse ideias e conceitos com grande liberdade e possibilidades infinitas. “Quase tudo” é possível em animação, e eu acho que é isso que atrai tantos criadores, artistas e pesquisadores.

Keyframes: Na sua opinião, quais aspectos podem ser trabalhados para facilitar o ingresso do aluno universitário no mercado da animação?

Luciana: Um dos fatores mais importantes na contratação de profissionais em animação é o portfólio. Dessa forma, eu acho que seria importante se a grade curricular tivesse espaço para que o aluno pudesse desenvolver desenhos e projetos que possam ser agregados ao portfólio.

Keyframes: O que você acredita que as novas tecnologias oferecem enquanto possibilidades para a produção e circulação de animação no ambiente universitário?

Luciana: Creio que as novas tecnologias facilitam a transmissão e exploração de conceitos de animação de forma menos excludente, uma vez que alunos que não dominam 100% técnicas de desenho, por exemplo, podem explorar e estudar animação usando outras técnicas.

Keyframes: Como você entende a importância da relação entre a academia e o mercado no que se refere ao estudo e a produção de animações? Como ela deveria acontecer?

Luciana: Acho que essa relação ainda é um pouco distante na medida que muitas pesquisas feitas na academia acabam não sendo divulgadas entre os profissionais do mercado. Muitas análises, estudos históricos e estudos de narrativa e técnica são produzidos na academia e creio que seria interessante se houvesse eventos e publicações que fizessem de forma mais constante essa divulgação.

Keyframes: Sobre os impasses que geralmente se apresentam nos estudos e produção na área de Animação, de modo particular naquelas da atuação no mercado, qual(is) o(s) principal(is) desafio(s) enfrentado(s) por você no decorrer da sua carreira?

Luciana: Não sei se entendi muito bem a pergunta. Sobre impasse com relação a atuação no mercado, eu posso dizer pessoalmente (não sei se considero um impasse) determinante para mim se eu iria seguir como animadora em um estúdio ou atuar de forma independente abrindo meu próprio estúdio – o que me permitiu ter um outro tipo de controle sobre os projetos que eu estaria executando, mas ao mesmo tempo trouxe todos os desafios inerentes a empreender um negócio. E outro momento foi quando eu passei a atuar mais como produtora/diretora do que como animadora, é um exercício grande para deixar de executar diretamente a animação e passar a ter visão global dos projetos.

Keyframes: Como você percebe a valorização da profissão de animador(a)? Você acredita que o reconhecimento social dessa profissão é importante para o desenvolvimento dela?

Luciana: Eu acho que a profissão é bem mais valorizada, especialmente nos últimos 5 anos, e com o destaque de profissionais do mercado internacional (como o Carlos Saldanha, por exemplo). Principalmente, a profissão passou a ser conhecida, e é importante esse reconhecimento para que haja mais investimentos e interesse especialmente das instituições de formação públicas e privadas.

Keyframes: Qual a perspectiva para o futuro da animação brasileira? Você acredita que está havendo uma maior qualificação dos profissionais da área? Há perspectiva de crescimento neste mercado?

Luciana: Apesar de estarmos em um momento muito complicado no audiovisual brasileiro, a produção de animação, nas áreas de televisão e games, está se consolidando e crescendo no Brasil. Creio que a área de games, em especial, ainda terá uma expansão nos próximos anos. Está havendo uma maior qualificação de profissionais na mesma medida em que as exigências e a qualidade do material sendo produzido também está aumentando.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM ÍTALO CAJUEIRO

Keyframes: Conte-nos sobre como você ingressou no mercado da animação e um pouco da sua trajetória até o momento.

Ítalo: Entrei no universo da animação em 1996, por meio de um curso realizado na 508 sul pelo professor cubano Ernesto Padron. Essa formação foi uma atividade rara naquela época e posteriormente descobrimos que houve uma parceria com uma produtora local, a Mister Grafix que estava trazendo dois desenhos animados da Turma da Mônica para serem finalizados em Brasília: Chico Bento no Shopping e O Mônico. Houve uma seleção e fui escolhido para participar dessas produções.

Depois desses desenhos, fiz algumas produções institucionais e publicitárias, porém como desejava atuar no entretenimento comecei a desenvolver uma ideia com um amigo, Elvis Kleber, que resultou em um curta metragem que se tornou a primeira animação brasileira a conquistar o prêmio de melhor filme no Animamundi. “O Lobisomem e o Coronel” não apenas nos deu essa alegria como permitiu que ingressássemos no universo do cinema, onde pudemos realizar mais quatro animações e conquistamos quase 50 prêmios em festivais e passamos em mostras no mundo todo.

Keyframes: No mercado de animação brasileiro é comum que a maioria dos profissionais sejam autodidatas, que tenham aprendido o ofício já trabalhando com outros profissionais mais experientes ou através de cursos técnicos. Nesse contexto, qual a sua opinião sobre a relevância do estudo da animação na universidade?

Ítalo: O estudo acadêmico proporciona uma sistematização do conhecimento, além de ampliar a visão e o aprendizado dos alunos. Otimiza o tempo e dá mais segurança e legitimidade ao estudante. Por fim fecha um ciclo virtuoso no audiovisual que envolve mostras e exposições, trabalho e ensino.

Keyframes: E qual importância da realização de eventos como o Keyframes no ambiente acadêmico?

Ítalo: O Keyframes possibilita a troca de experiências, o contato com profissionais renomados, estimula e amplia o interesse dos alunos e da comunidade. Uma iniciativa das mais louváveis que desejo vida longa.

Keyframes: Que outra(s) área(s)/tema(s) você apontaria como atualmente importante(s) para o desenvolvimento de estudos/pesquisas e produção no âmbito da animação?

Ítalo: A web é o grande palco da produção no futuro, embora os canais a cabo, cinemas e TVs exibam uma produção pujante e de grande visibilidade, a *Internet* já é mais consumida pelas novas gerações. Entender esse ambiente e pesquisar formas de atuar nesse mercado é fundamental para inserção dos alunos no futuro da animação. Ampliar as pesquisas nos formatos, linguagens e modelos de negócio mais promissores nas novas plataformas é fundamental para inserir os estudantes nas novas formas e possibilidades de trabalho. Da mesma maneira, esse olhar pode inspirar e abrir a cabeça dos futuros realizadores a não ficarem a reboque do que se faz, mas criar novas formas de fazer e de ocupar essa seara que é o universo da web.

Keyframes: Na sua opinião, qual o grande atrativo da animação? O que faz dessa área tão atrativa tanto para o público quanto para realizadores e pesquisadores?

Ítalo: A animação faz parte de uma memória afetiva de todas as pessoas. É o reino da fantasia por excelência, onde tudo se torna possível. Desde que o cinema surgiu, a animação entrou junto, permitindo um salto maior de emoção e de criatividade nas produções. É impossível não ser cativado por esse tema, apesar de ainda haver certo preconceito. A animação possui um forte caráter simbólico e uma perenidade atemporal. Branca de Neve foi lançada na década de 30 e até hoje é vista e revista pelas novas gerações. A emoção de se assistir a um Pernalonga ou a um Pica-Pau persiste, mesmo nos formatos dos desenhos clássicos produzidos em meados do século passado. A animação, assim como os quadrinhos e o cartum conseguem condensar temas e situações complexas de forma simples, universal e repleta de emoção como nenhum outro meio de comunicação. Isso não se alterou com as novas tecnologias. Pelo contrário, esses atributos tornam-se ainda mais necessários nessa nova era.

Keyframes: Na sua opinião, quais aspectos podem ser trabalhados para facilitar o ingresso do aluno universitário no mercado da animação?

Ítalo: Entender o mercado em suas múltiplas variações, não apenas no entretenimento, mas no mercado publicitário, de games, educativo e nas possibilidades de interação com as redes sociais.

Keyframes: O que você acredita que as novas tecnologias oferecem enquanto possibilidades para a produção e circulação de animação no ambiente universitário?

Ítalo: Elas facilitam o acesso, conhecimento, aprendizado, a produção e a divulgação. Qualquer pessoa pode produzir e divulgar suas ideias de forma independente ou por meio de uma atuação em rede. As novas tecnologias ampliam as possibilidades de troca e divulgação não apenas no ambiente universitário, mas no mundo todo.

Keyframes: Como você entende a importância da relação entre a academia e o mercado no que se refere ao estudo e a produção de animações? Como ela deveria acontecer?

Ítalo: A academia precisa ser cada vez mais ágil e atenta para não deixar de ser relevante em todos os campos do saber. Isso será determinante para sua existência de forma conectada ao que o mercado quer e precisa. Se ela não tiver a capacidade de se atualizar e de até de antecipar o futuro aos alunos, quando estes se formarem, já estarão defasados. É um grande desafio para a educação conseguir fazer isso diante das amarras burocráticas nas quais as instituições de ensino estão inseridas. Há o risco de os cursos técnicos atuarem de forma mais ágil, promovendo as atualizações necessárias, enquanto a academia atuaria de forma mais centrada no pensamento e na reflexão, mas isso não seria o ideal. É preciso um mix entre o conhecimento formal, reflexivo e mais profundo que embasa o pensar, com a agilidade das atualizações tecnológicas a que a sociedade está submetida.

Keyframes: Sobre os impasses que geralmente se apresentam nos estudos e produção na área de Animação, de modo particular naquelas da atuação no mercado, qual(is) o(s) principal(is) desafio(s) enfrentado(s) por você no decorrer da sua carreira?

Ítalo: Conseguir produzir em um país tão imprevisível e em uma cidade (Brasília) cujo mercado é instável.

Keyframes: Como você percebe a valorização da profissão de animador(a)? Você acredita que o reconhecimento social dessa profissão é importante para o desenvolvimento dela?

Ítalo: Sem dúvida, todo mundo busca o reconhecimento. Ninguém deseja atuar em uma área que seja marginal ou desconhecida. Antes era capaz de muita gente pensar em “animação de festa” quando se deparava com um “animador”. Hoje a animação tem proporcionado empregos, mostras e visibilidade impensáveis se compararmos com a realidade de vinte ou trinta anos atrás.

Keyframes: Qual a perspectiva para o futuro da animação brasileira? Você acredita que está havendo uma maior qualificação dos profissionais da área? Há perspectiva de crescimento neste mercado?

Ítalo: A perspectiva é de crescimento, o audiovisual como um todo irá crescer e as possibilidades de qualificação tem se ampliado. Ainda há carência de formação e o mercado brasileiro ainda está se consolidando e amadurecendo. Apesar do vácuo proporcionado pelas políticas públicas neste ano, a cadeia produtiva do audiovisual deve prevalecer e resistir apesar dessas inconstâncias indesejáveis e que se espera, sejam momentâneas.

APÊNDICE C – DEPOIMENTOS DA EQUIPE *KEYFRAMES*

DEPOIMENTO 1

Aimê Rivero do Carmo

O evento *Keyframes* foi realizado durante a Semana Universitária de 2019 na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como atividade de extensão, coordenada pelo professor Elton Bruno. Foi o primeiro evento da história da Faculdade voltado para animação e que reuniu profissionais da área dispostos a transmitir seus conhecimentos e experiências, bem como houve a primeira mostra de curtas universitários de animação; tal estreia proporcionou aos alunos e às alunas da área uma espécie de vislumbre das produções existentes além de reunir pessoas com esse interesse em um ambiente acadêmico, o que é muito raro de acontecer tendo em vista o ainda engessado modo acadêmico de entender e operar os cursos.

A possibilidade ampla de riqueza cultural e de aprendizado que as atividades de extensão proporcionam é não só importante como louvável. E isso está alinhado com a Constituição Brasileira, que afirma no artigo 207 que as universidades possuem autonomia didático-científica, no que diz respeito a liberdade usufruída pelos membros do *Keyframes* na concepção do evento bem como de criação do formato dele.

O nascimento de *Keyframes* aconteceu através da estudante Renata e do estudante Elnatan, que com muito vigor lutaram para que fosse possível. Ambos se interessavam por animação, porém, dentro do curso de audiovisual isso não é trabalhado, assim eles buscaram por conta própria uma solução, que agora reverbera em muito mais gente do que o que eles imaginaram.

A animação nos acompanha desde criança, porém não damos a devida atenção para ela e isso faz com que nosso contato seja apenas na infância, e que a animação fique sempre num imaginário coletivo, ocupando esse lugar infantil. Vejo que isso torne o assunto em algo não tão falado tendo em vista esse estigma, assim como aos artistas não são levados a sério, os animadores também não o são.

Para tal credibilidade, acredito que este evento tenha como efeito colateral servido justamente para trazer essa reafirmação de que a animação deve ser levada a sério e de que merece seu espaço dentro das universidades. A questão é que existe uma grande contradição entre estrutura do espaço, dos cursos e mercado de trabalho. Estamos vivendo uma época em que cada vez mais as transformações tecnológicas acontecem com um intervalo de tempo menor, e isso faz com o mercado se reinvente, uma vez que os moldes não são mais os mesmos, bem como as demandas também não o são. Fazendo extremamente necessária a existência de eventos como este para, de um lado, abrir espaço para àqueles interessados no meio como espectador ou como atuante seja como ilustrador de *storyboard*, criador de personagem, dublador, roteirista, diretor, sendo que nenhuma dessas áreas são estudadas na Faculdade, tornando o acesso a esses conhecimentos/técnicas mais restrito àqueles que podem custear cursos da área que lhes interessa. Ou seja, para além de entreter/enriquecer os estudantes com palestras, oficinas e curtas de animação no ambiente acadêmico, é um primeiro passo para reduzir as desigualdades agravadas pelo esquema da meritocracia que orbitam o ramo cinematográfico em geral, e esse em questão.

Pelo ângulo que vejo, o *Keyframes* entrou como um diferencial moderno na FAC, buscando revolucionar os velhos formatos estruturais com o intuito de viabilizar e proporcionar um evento gratuito para a comunidade acadêmica. Mesmo em condições não ideais (ar-condicionado quebrado em um auditório no subsolo, falta de acesso aos banheiros e ao próprio evento por causa de uma obra não comunicada), foi um evento de sucesso, que lotou em todos os horários da programação, que trouxe pessoas muito experientes e renomadas do Brasil e que reverbera até hoje tanto para quem organizou como para quem participou do mesmo.

DEPOIMENTO 2

André Tenório Nery

Vim do curso de *Design*, estudo a área há nove semestres, porém de tempos em tempos me envolvo com a Faculdade de Comunicação seja por meio de matérias ou amizades. No semestre passado estava presente da matéria de Introdução à Comunicação, e através de colegas da matéria fui informado que ocorreria uma atividade de extensão para organização de um evento de animação durante a semana universitária no semestre subsequente. Imediatamente me interessei pela atividade, assim cruzei meu caminho com o *Keyframes*. Trabalho profissionalmente com animação para área de jogos digitais há três anos, além disso, como muitos tive contato com desenhos animados durante a infância, interesse que perdura até os dias de hoje. Portanto a animação é algo que permeia minha vida há um bom tempo.

Devido ao contato constante com a área de animação e o interesse pela mesma (além claro, dos créditos, pois ninguém é de ferro), não pude deixar de participar da organização do evento *Keyframes*, principalmente pois penso que a Universidade é o espaço ideal para realizar esse tipo de atividade que visa a aproximação de estudantes e o público geral do mercado profissional, creio que isso seja de extrema importância, já que ao sair da faculdade muitos alunos não tem experiência prática e não fazem ideia das possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, além de que o conhecimento de animação da UnB circula entre os alunos mas são raras as oportunidades de estudo da área em matérias, projetos de pesquisa ou extensão, o *Keyframes* se propôs a iniciar a mudança desse *status quo*.

Inicialmente, eu não sabia ao certo o que pensar do evento, estava ansioso para contribuir e descobrir, mas por ser uma experiência nova para mim e também uma forma de evento que eu nunca havia visto da Universidade, estava receoso sobre o processo e sucesso do projeto. Porém, para a minha surpresa, devido a uma equipe de pessoas sensacionais e o suporte constante dos professores, o evento foi um completo sucesso. Ainda que problemas tenham ocorrido, o que é normal em qualquer atividade como esta, a maturidade e agilidade com a qual a equipe lidou com os obstáculos foi exemplar, pôde-se confirmar este fato através dos elogios dos participantes e até mesmo dos próprios palestrantes convidados.

As atividades de extensão, no sentido clássico, podem ser entendidas como momentos em que a população externa pode entrar em contato com a Universidade e aprender sobre conteúdos específicos que sejam de seu agrado, ou seja, um momento de abertura das portas da Universidade para aqueles que normalmente não teriam a oportunidade de ali aprender. Porém, no processo de realização do evento aprendi que a atividade extensão vai muito além da definição clássica, a população geral não é a única que se beneficia dessa interação, isso significa que a Universidade, professores e seus alunos não devem se portar com prepotência por deterem os conhecimentos teóricos e técnicos dos diversos saberes, pois a atividade de extensão é uma troca de experiências radial entre a população geral, os estudantes e a própria instituição, é um ambiente de colaboração e não de transmissão unilateral de conhecimentos.

Ao pé da letra, extensão pode significar “ato ou efeito de estender” ou “dimensão de algo em qualquer direção”, sendo o primeiro o caso da palavra que chamou minha atenção. Fazendo um paralelo com o trabalho desenvolvido por todos no evento *Keyframes*, aprendi muito sobre o tal ato de estender, estender não apenas a Universidade, mas estender as próprias barreiras do conhecimento, estender as relações entre as pessoas, estender a universidade para a sociedade, mas estender a todos individualmente também, gerando riqueza de saber em cada etapa, pessoa ou vivência inserida na atividade de extensão.

Durante o evento houve um momento especialmente marcante para mim, conheci um dos artistas que mais admiro há pelo menos cinco anos. O convidado André Rocca estava presente para palestrar sobre *concept art* e falar um pouco mais sobre o mercado de animação. Eu já sabia que ele estaria no evento durante os meses anteriores e fiquei animado para conhecê-lo pessoalmente. No dia em que o Rocca palestrou, fui escolhido para me sentar à mesa junto ao professor André Maya e ao palestrante. Apesar de eu não ter feito nada além de estar ali parado, foi simbolicamente um privilégio estar ao lado de um profissional que acompanho há tanto tempo, que já me ensinou tanto mesmo que ele nem soubesse quem eu era. Após a palestra a equipe do *Keyframes* almoçou com o André Rocca, foi outro momento que tive um prazer de estar presente, conversei diretamente com ele e creio que tenha sido um momento muito valioso de troca de experiências.

Todas essas vivências me motivaram a continuar estudando o que amo, continuar ilustrando e buscando melhorar em diversos aspectos, até então eu estava sempre tão ocupado e focado em resolver problemas que não necessariamente eu tivesse escolhido que por vezes eu esquecia de me agarrar ao que de fato são os meus propósitos e objetivos. Além disso, o evento me deu novas perspectivas de atividades que eu poderia realizar no futuro, dentro ou fora da Universidade.

Me sinto grato por poder ter participado dessa experiência, ter conhecido pessoas incríveis que com certeza reencontrarei ao longo da minha jornada pela vida, também por fazer parte de um movimento de expansão do conhecimento de animação que partiu inicialmente de alunos, isso mostra apenas que é possível, com as oportunidades certas, fazer e aprender sobre o que quisermos na universidade, não restringindo isso ao espaço acadêmico mas abrangendo fronteiras cada vez mais amplas para que possamos colaborar cada vez mais com a população geral e quem sabe, com o tempo criar uma cultura colaborativa entre esses agentes que seja cada vez mais fluída.

DEPOIMENTO 3

Giovanna Sborz

Trajetória Pessoal e Motivação

Em seis semestres como aluna da Universidade de Brasília, nunca me senti realmente pertencente à vida acadêmica. A habilitação de Comunicação Organizacional, por ser um curso noturno dentro da Faculdade de Comunicação, possibilita que a maioria dos estudantes possam ter uma jornada de trabalho aliada aos estudos (como aconteceu comigo durante todos os semestres). Essa possibilidade acaba afastando um pouco as atividades de extensão e experimentação durante nossa formação, por conta dos horários livres restritos durante o período diurno. Como a grade exige créditos de matérias não obrigatórias para conclusão da graduação, precisei adiar a saída da academia por mais um semestre e decidi buscar mais projetos e disciplinas que me proporcionariam as experiências que eu sentia falta na graduação.

Com o fim da graduação se aproximando e com a necessidade de cursar matérias optativas e de módulo livre, priorizei a escolha de matérias mais práticas e que pudessem me ajudar a explorar mais a universidade, de preferência ainda dentro da área da comunicação. Com isso, me deparei no Matrícula Web com a disciplina de Extensão em Comunicação para a Semana Universitária. Essa matéria me chamou a atenção, acreditei que se tratava da organização da Semana Universitária da Faculdade de Comunicação como um todo e decidi me matricular, acreditando que com ela teria esse apelo prático que eu buscava para esse semestre.

Na primeira aula do semestre da matéria em questão, fui surpreendida com a notícia de que a mesma seria para colocar em prática um evento idealizado por dois alunos da habilitação de Audiovisual, e que o evento traria para a Universidade de Brasília a temática da animação. Mesmo sem conhecimento prévio nenhum sobre animação, numa turma prioritariamente de alunos do *Design* e do Audiovisual, decidi permanecer, contribuir e aproveitar o máximo que conseguisse do novo ambiente no qual eu estava inserida. Cair de paraquedas num lugar tão segmentado e sem contato prévio com o assunto (tanto no que diz respeito ao tema do evento que estava sendo construído, quanto a própria produção de um evento) nunca é uma coisa fácil, te tira totalmente da zona de conforto, te faz questionar se sua presença é necessária naquele lugar, pensar sobre suas possíveis contribuições e acaba te desafiando de muitas maneiras.

Impressões Pessoais e Aprendizados

Parte da turma já estava trabalhando junta desde as férias para possibilitar a realização do evento, então no início do semestre que me matriculei, as demandas burocráticas e a programação já estavam encaminhadas, bem como os convidados, que já haviam sido selecionados e a verba para a realização do evento disponibilizada.

A necessidade do início do desenvolvimento do projeto ainda durante o período de férias era real, para que tornasse tudo viável, visto que um projeto assim não pode ser pausado por férias escolares. É um posicionamento super compreensível e necessário, porém foi algo que dificultou o acompanhamento dos novos participantes na matéria. Entrar em um projeto praticamente todo pronto dá a impressão de inutilidade em algumas horas, uma sensação de mãos atadas.

Me senti assim, de mãos atadas, por um tempo até começar a entender melhor o que foi desenvolvido e o que seria necessário desenvolver ainda, até por não saber muito do universo de produção (na prática) e de animação, precisei de um tempo para digerir informações e me colocar no andamento das coisas.

Com a ajuda dos participantes mais inseridos no processo, fui me encaixando e podendo contribuir com a “força de trabalho”, conhecimentos advindos da graduação de Comunicação Organizacional (a qual somente eu pertencia, e isso pode agregar ao grupo, acredito) e sobretudo as vivências como expectadora e participante de eventos para fomentar algumas discussões e assim tentar deixar o evento o mais próximo possível do que seria o ideal.

O evento de forma geral foi um sucesso, os participantes estavam interessados, os palestrantes eram referências, conseguimos conduzir a semana mesmo com as adversidades e fizemos o possível com o espaço e os recursos que tivemos. O time de organização estava completamente alinhado, todas as pessoas foram prestativas, presentes e animadas. As considerações de avaliação do que realizamos têm caráter avaliativo e de aprendizado para as próximas edições, próximos eventos que eventualmente participaremos e podem ser aplicadas em vários outros contextos.

1. O time tem que estar em sintonia, tanto na preparação quanto na execução. Acredito que um time engajado tem mais chances de engajar e influenciar outras pessoas. O *Keyframes* e a MUCA tiveram isso, com pessoas de diferentes áreas unidas num mesmo propósito.
2. Organização. Não é fácil organizar nada, mesmo com um time engajado, as pessoas precisam de planos, metas e cronogramas quando trabalham em equipe, para que nenhuma demanda atrole a outra e acarrete problemas à outras áreas do time.
3. Comunicação é parte de tudo. A organização e a comunicação andam de mãos dadas. Devemos achar sempre o melhor jeito de comunicar (interna e externamente). Comunicação não é apenas marketing, é informação também. Vários problemas podem ser minimizados ou evitados com o uso correto da comunicação. No *Keyframes* ela poderia ser aprimorada, afinal, ela sempre deve evoluir, este é um tópico de anotação e não de crítica.
4. Liderança para o controle da organização, demandas, prazos e planos de contingência.
5. Lidar com burocracias, órgãos superiores, locação e funcionamento do espaço de realização do evento também são coisas que só aprendemos na prática. Nenhum livro conta como é desgastante e chato lidar com tantas pessoas em situações de pressão e relações de superioridade.

O que temos que ter sempre em mente é que a necessidade de alguns planos de contingência, pois a realização de um evento consiste no trabalho de muitas pessoas, que envolvem várias áreas e podem ter problemas. Além de um plano B, é de suma importância haver sempre líderes, pessoas que podem decidir em casos isolados e ser a base do time, para atuar como fiscais (apesar de não gostar dessa palavra, é um trabalho necessário fiscalizar o andamento das tarefas atribuídas à cada peça do time).

De certa forma, quando se tem professores no time, se espera que esse papel seja deles, porém, como o projeto teve um posicionamento horizontalizado, sentíamos que nossos líderes eram os próprios alunos idealizadores

Perspectivas: Impacto e Motivações Futuras

Participar de um evento sobre animação não me fez gostar dessa área, não me fará uma fã também. Porém, abriu espaço para discutir uma lacuna na Faculdade de Comunicação, na Universidade de Brasília, no próprio Distrito Federal e talvez no Brasil como um todo. Estar em contato com coisas alheias à nossa realidade nos faz enxergar diversidade de saberes, nichos mercadológicos que possam ser expandidos e eventuais carências no mercado e na formação profissional.

É interessante pensar em quantas vezes, o curso de Comunicação Organizacional, nos permite acesso e contato com teorias e conceitos que parecem burocráticos demais e não fazem sentido, mas que na hora da prática eles retornam carregados de necessidade e aplicabilidade.

Por fim, a disciplina acabou se tornando algo que eu precisava: um choque prático da produção e comunicação. E ver algumas coisas que não deram certo e poderiam ser consertadas me trouxe mais aprendizados do que se tudo tivesse saído perfeito, ou conforme o esperado. Os erros nos proporcionam maiores aprendizados, e quanto mais cedo pudermos lidar com esses erros mais fáceis serão as próximas etapas e nos farão evoluir cada vez mais.

DEPOIMENTO 4

Júlia Câmara Cunha

Desde pequena sempre gostei de desenhos animados. Eu sabia as horas do dia baseada na programação da TV. Eu constantemente recitava falas dos meus filmes e séries favoritas para amigos e família. E foi por causa dessa paixão por desenhos animados que eu comecei a desenhar. Queria aprender a desenhar os personagens das histórias e foi uma vontade que me motivou por muitos e muitos anos, evoluindo meu estilo ao longo do caminho. A minha paixão por animação não diminuiu ao envelhecer. Eu não tinha vergonha de assumir que ainda assistia desenhos animados com frequência, mesmo na adolescência. Mas, por algum motivo, nunca levei esse gosto para uma perspectiva profissional. Eu havia formado a ideia na minha cabeça que trabalhar com animação era algo distante e inatingível. Algo que apenas estrangeiros conseguiam, nunca no contexto brasileiro. Foi só depois de ter terminado o ensino médio que essa visão foi confrontada.

Ao terminar o ensino médio, eu não sabia direito o que queria fazer na vida. Eu tinha afinidade com o jornalismo, o audiovisual e o *design*, mas não sabia ao certo qual queria. A animação sempre esteve me rondando inconscientemente até que eu admiti para mim mesma que era isso que eu queria de fato. Meus pais me incentivaram e tive que parar para pensar nos meus próximos passos: como conseguiria atingir meus objetivos. Primeiro de tudo, não existem cursos de graduação específicos para animação em Brasília e essa era a condição que meu pai estabeleceu. Teria que procurar algo que fosse um meio termo entre os dois, e a solução que encontrei foi o *design* na UnB.

Mesmo não sendo ideal, percebi que no *design* teria uma formação que poderia ter conhecimentos em comum com a animação e poderia pegar matérias na Comunicação para complementar minha formação. Era o que eu estava fazendo quando peguei Oficina Básica de Audiovisual, ou OBAV, em 2017. Lá entrei num grupo com pessoas de vários cursos, dentre elas, a Renata Acioli, do Audiovisual. Fizemos uma adaptação de um dos capítulos da história em quadrinhos de um outro participante do grupo, meu amigo Samuel Walber. Descobrimos durante as reuniões que Renata também tinha interesse por animação e que compartilhávamos um sentimento: não havia tanto espaço para o estudo da animação na universidade.

Alguns meses mais tarde, recebi um convite de Renata para participar de outro projeto: seu curta animado, Jack Aventuras. Nesse projeto conheci também o Elnatan Bernardo. Entrei como uma das três animadoras e *designers* de personagens do curta e foi uma experiência de grande aprendizado. O resultado final foi muito satisfatório.

Por volta de junho de 2019, novamente Renata e Elnatan entram em contato com uma nova ideia: o evento *Keyframes*, que aconteceria durante a universidade e seria uma forma de preencher essa lacuna do estudo de animação na UnB. Me juntei ao projeto muito entusiasmada e disposta a ajudar no que pudesse para que outras pessoas tivessem as oportunidades que gostaria de ter tido logo no início do meu curso.

Começamos as reuniões bem antes do semestre iniciar, e fazíamos tarefas remotas de planejamento para que garantirmos o sucesso do evento. Como nos projetos anteriores, consegui perceber a organização de Renata e Elnatan, tinha confiança que seríamos bem-sucedidos. A vinda dos convidados de São Paulo me deixou extremamente animada para suas palestras.

A semana do evento foi intensa. Estávamos muito animados e ansiosos, mas também apreensivos de que algo fosse dar errado. Tirando o problema com o ar-condicionado no auditório e a lista de inscritos no SIEX, consideraria que tudo foi um grande sucesso. Tivemos grande público, as palestras foram ótimas e os convidados ficaram satisfeitos com nossa recepção. Se pudesse sugerir algo para a edição seguinte seria talvez diminuir um pouco o tempo de palestras e dar mais espaços para as perguntas na plateia, senti que muitas dúvidas não foram sanadas.

O contato com os convidados depois foi excelente. Algo que aprendi durante a graduação e que é muito pertinente é que você tem que conhecer as pessoas e conversar com elas. Os palestrantes foram super receptivos, simpáticos, dispostos a responder dúvidas e compartilhar experiências. Conversei por algum tempo com a Luciana Eguti e percebi que estou trilhando uma jornada similar à dela. Fiquei feliz em saber que estava possivelmente seguindo o caminho certo. No último dia de evento, eu, Elnatan e Samuel mostramos a cidade para o André Rocca e foi um dia incrível. Fiquei surpresa com meus conhecimentos sobre Brasília e foi um momento muito descontraído. Durante o almoço, ele disse que foi a melhor recepção de eventos que ele já havia participado. Fiquei orgulhosa do nosso grupo.

No fim da noite tive a maior surpresa de todo o evento: meu grupo ganhou o prêmio de melhor animação na Mostra de Universitária de Curtas de Animação, a MUCA. Estávamos tão incrédulos que mal conseguimos fazer o discurso de agradecimento. O curta que havíamos produzido havia sido para a matéria de Fotografia e Vídeo, do departamento de *Design*, ministrada pelo professor André Maya (que inclusive é meu orientador de TCC). Ele se mostrou um professor bastante receptivo na questão da animação e nos deu a oportunidade de produzir algo que, além de ser algo que nos agrada, contribuiu para nossa especialização da área.

Consideraria o evento um grande sucesso. Foi a primeira vez que participei da organização de algo assim na universidade e senti orgulho de fazer parte disso. Algo, de certa forma inesperado, que aconteceu foi a aproximação com a equipe durante o evento. Apesar de nos vermos pelo menos uma vez por semana durante as reuniões de organização, foi só durante o evento que tivemos a chance de conversar de fato. Vi ali pessoas apaixonadas, comprometidas e interessadas em aprender o quanto pudessem sobre animação.

Acredito que essa primeira edição tenha sido a faísca inicial para uma maior abertura da universidade para animação. Espero que o evento continue nos anos seguintes e engaje um número maior pessoas. Idealisticamente, espero que um dia a UnB tenha um curso específico para essa área, para que pessoas como eu, que gostem de animação e se sintam perdidas em qual curso fazer, tenham a oportunidade de serem acolhidas.

DEPOIMENTO 5

Luíza de Almeida Cardoso

Desde minha infância eu quis ser artista, e no ensino médio percebi o tanto que eu adoraria trabalhar com animação, decidindo seguir uma carreira na área criativa e entrando no curso de *Design* na Universidade de Brasília. Eu imaginava que acabaria tendo que focar em outras habilidades ao fazer este curso, como *design* gráfico e editorial, mas ele se mostrou mais aberto do que eu esperava. Desde o primeiro semestre encontrei vários alunos com os mesmos interesses que eu, assim como uma liberdade por parte dos professores de incorporarmos esses interesses nos nossos projetos.

Mesmo assim, como nenhum professor atua na área de animação, consequentemente não existem matérias fixas sobre animação na universidade. A criação de atividades relacionadas a esse assunto fica por responsabilidade dos alunos. Pode parecer uma deficiência, mas minhas experiências com esses projetos de animação feitos por alunos foram sempre ótimas. Acredito que mais atividades devem ser ministradas pelos próprios alunos da universidade, não apenas na Semana Universitária. Os estudantes trazem o que há de mais novo no mundo, trazem ideias inusitadas e abordagens diferentes, trazem muita paixão. Isso é notável quando trabalhos de conclusão de curso são voltados para animação, que é o caso do trabalho da Renata e do Elnatan, os criadores do evento *Keyframes*.

Então, começaram as atividades para organizar o evento. Como tudo na animação, não tem como fazer tudo com uma equipe limitada. Um grande grupo de pessoas foi reunido para que fizessem o evento acontecer. O projeto chegou ao meu conhecimento por meio de amigos que já haviam trabalhado com os organizadores. Para um evento que aconteceria no segundo semestre de 2019, as primeiras reuniões aconteceram antes mesmo das férias do meio do ano, os estudantes produzindo o que podiam no seu tempo livre. No segundo semestre, foi possível criar uma matéria para o próprio evento, de forma que haveria dia e horário definidos de reuniões semanais e os participantes obteriam créditos.

Confesso que me senti um pouco pressionada (por mim mesma) a ser muito produtiva por conta de ser uma matéria de seis créditos. Porém, sendo da área de *design* gráfico, eu não me envolvi muito como liderança no projeto ou com tarefas muito importantes. Eu estava apenas criando artes para as mídias sociais, que era o que eu me sentia capaz de contribuir. Na minha opinião, acho que a atividade teria sido mais prática se tivesse sido um tópico especial ou uma extensão mais simples, que dão geralmente apenas dois créditos. Isso deixa a equipe mais autônoma e a atividade não precisa se enquadrar em requisitos de disciplinas comuns, como ter que se estender do início ao fim do período, haver lista de presença e precisar de uma avaliação final. Dessa forma, seria mais funcional, apenas para organizar o evento em si.

Como participei da organização de uma forma mais passiva, foi o evento mesmo que mais me impactou no final das contas. Acho muito importante que o conhecimento continue sendo compartilhado, pois ele é tão importante quanto as animações em si. Foi incrível reunir tantas pessoas da cidade que se interessam pelo assunto, assim como ver palestras de profissionais. As palestras foram algumas das melhores que vi por que traziam trajetórias bem realistas e palpáveis, de pessoas que foram crescendo aos poucos na indústria e hoje estão indo bem. Os palestrantes não pareciam querer guardar nada para si e eram muito simpáticos. Ver seus relatos me deixou bastante motivada e me mostrou as várias facetas que a indústria criativa tem que nem sempre enxergamos.

Como entrarei no mercado de trabalho em breve, ter visto os bastidores de um evento me inspirou a participar da comunidade mais ativamente no futuro. Não quero apenas produzir meu próprio trabalho, quero ajudar pessoas mais jovens a se informar sobre as profissões possíveis, seja organizando eventos futuros ou até mesmo participando e divulgando eles. É por meio da comunidade que nós evoluímos, o que é visível dentro da própria Universidade depois de projetos como este, trazendo conteúdo sobre animação a um lugar onde ele falta, provando que há muitas pessoas nesse mundo, provando que ninguém estará sozinho.

DEPOIMENTO 6

Kallyo Aquiles

Sempre fui fascinado por filmes de animação, sendo assim em grande parte da minha infância e me acompanhando na vida adulta – uma vez que o mercado é crescente e meu curso é audiovisual. Ao adentrar a universidade, tive um choque de realidade com a ausência de várias técnicas que, por muito tempo na minha vida, acreditei ser imprescindíveis para a formação de um profissional completo, e animação era uma delas. Com o passar dos semestres, me acomodei nesta situação, e felizmente isso mudou no segundo semestre de 2019 com o projeto *Keyframes*.

Tudo começou quando uma de minhas melhores amigas, Ayana Saito, falou sobre sua participação em um curta de animação realizado no Bloco II de Audiovisual em 2018 – matéria ao qual a UnB concede ao estudante apoio para realizar um filme. Aquilo já foi um choque para mim, visto que é raro na universidade ter pessoas envolvidas de fato com o mundo da animação. Na apresentação do projeto, presenciei o nascimento do curta Jack, realizado por Elnatan Bernardo e Renata Acioli, e me encantei com a possibilidade de realizar esse tipo de trabalho dentro de nosso departamento. Obviamente, não imaginava que esse trabalho traria tantos frutos para mais estudantes e teria grande importância no curso dali para frente, como prevejo que terá. No ano seguinte, em 2019, fiquei sabendo sobre o *Keyframes*, o que me despertou total interesse: unicamente e exclusivamente pelo interesse em entender mais o mundo da animação, e resgatar um encanto que eu tinha na minha infância.

No início, senti toda a equipe um pouco perdida – não era de se surpreender, afinal Elnatan e Renata nunca tinham comandado um evento daqueles, e sua iniciativa por si só, seja para um inexperiente ou para um super profissional da área, era desafiadora. Era claro que seria um processo não só para nós, que nos matriculamos na matéria, mas como para os próprios fundadores desta. Todavia, aos poucos, semanalmente, era nítido o empenho e dedicação que nossos líderes tinham e, aos poucos, foi se formando um espírito de equipe que tornou a montagem do evento *Keyframes* mais interessante e engajadora, sendo um mérito total dos alunos sua capacidade de cativar e unir pessoas em prol de um objetivo final. Tal habilidade é uma coisa rara, principalmente dentro da comunicação, e a sensação de coletivo mantém-se mesmo após o fim do evento.

Animado com o empenho e dedicação que via nos coordenadores do projeto e em toda a turma, me coloquei na posição de coordenador do MUCA, a Mostra Universitária de Curtas de Animação, ao qual se tornou, despretensiosamente, uma de minhas principais experiências profissionais em eventos e é incrível como um projeto iniciado por alunos tenha tido a capacidade de me proporcionar isso. Além de tudo, pude mergulhar mais no mundo das animações como um “organizador-observador”, já que, aproveitando de minha posição como organização, presenciei a maioria das palestras que foram feitas nos dias do evento, criando, em mim, um sentimento de querer aprender mais animação, algo que eu já tinha descartado a muito tempo em minha graduação. É importante pontuar que nem tudo são flores, e apesar das qualidades serem bem maiores que os defeitos, devemos apontar algumas falhas que ocorreram durante a semana do *Keyframes*. Foi extremamente frustrante e desconfortável a situação do ar-condicionado nas salas de exibição, tornando a experiência da palestra uma prova de resistência em quem conseguia permanecer sentado mais tempo antes de derreter no calor. Outra coisa que senti foi uma falta de integração entre as diferentes equipes que se formaram dentro do projeto. No *Keyframes* existiam diferentes segmentos assim como no MUCA, que por si só já era um seguimento do projeto inicial. Essa fragmentação dificultou a real efetividade do projeto no quesito de divulgação, tendo uma inconstância nas redes sociais e diferentes identidades visuais

nos posts. É natural que isso iria acontecer, uma vez que os alunos quem coordenava o projeto estavam muito ocupados conversando com convidados, palestrantes, comida, organização etc. Portanto, no futuro, talvez seria interessante designar uma pessoa responsável apenas por essa integração: juntar os setores em uma unidade, de forma que, embora trabalhando paralelamente, ambos estejam falando da mesma forma com o público.

Do mais, vale ressaltar o protagonismo estudantil nessa empreitada e como isso pode acarretar coisas além do projeto de extensão: núcleo de estudos, por exemplo, é um dos maiores potenciais do projeto. Visto que “animação” não está no currículo estudantil do curso, uma vez que a troca de experiências se dê por esses alunos que participaram e revelaram dominantes das técnicas, com a vinda semestral de novos estudantes e interessados, a possibilidade de um local onde possa suprir essa necessidade do curso é animadora. Não só isso, mas com o tempo pode, de fato, se tornar uma atividade oficial da Faculdade de Comunicação, basta o evento e a marca *Keyframes* se firmar mais e continuar a fazer o que está fazendo: ser um evento coletivo e focado em exaltar a produção deste tipo em nossa cidade.

Sem dúvidas agradeço a todos os envolvidos que me permitiram fazer parte deste acontecimento incrível. Finalizo o semestre com a certeza de que participei de um momento histórico em nossa Faculdade, que, com o tempo, dará frutos e florescerá como uma bela iniciativa de alunos determinados a melhorar e expandir suas técnicas audiovisuais.

DEPOIMENTO 7

Paloma Ferreira Martins

Ao ingressar numa universidade pública, um estudante tem a oportunidade de passar por experiências de ensino, pesquisa e extensão. Essas, separadamente ou combinadas, contribuem para uma formação autônoma e significativa, que vai além de se estar preparado para entrar no mercado de trabalho ou seguir uma carreira acadêmica, mas ser capaz de produzir benefícios para a sociedade, transformar a sua realidade e contribuir para o seu campo de conhecimento. Para o cumprimento dessas missões o conteúdo do currículo regular não basta. “O desafio é criar espaços que viabilizem o discurso da integração, onde o saber popular seja respeitado e valorizado, unindo-se aos conhecimentos da academia e dos profissionais das instituições públicas e privadas, como também das organizações não governamentais” (Ellery *et al*, 2010).

Perante essa necessidade, a extensão revela-se um importante instrumento de significação do conhecimento. Para Nogueira (2000), a universidade tem hoje como princípio que, para a formação do profissional cidadão, é imprescindível sua efetiva interação com a sociedade, para que este identifique sua formação técnica com os problemas que se surgem no cotidiano, e que eventualmente terá que enfrentar. Por isso, se reconhece que a universidade deve superar o enfoque da extensão universitária como um mero mecanismo de projeção e reconhecimento social, a partir da realização de ações bem intencionadas direcionadas a determinada comunidade. A função principal da extensão é a formação profissional, a produção de conhecimentos, o desenvolvimento social e a melhoria da qualidade de vida da comunidade interna e de seu entorno (RIBEIRO, 2011).

Em 1980, Paulo Freire trouxe uma importante reflexão conceitual para a extensão ao publicar o ensaio “Extensão ou Comunicação?”, postulando a extensão como uma situação educativa, em que educadores e educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto que ambos desejam conhecer. Para ele ou acontece um processo de extensão dialógico, ou então se incorre o risco de adotar uma interpretação errônea da realidade. Isso quando não se mostra explicitamente como um instrumento de dominação, ou de invasão cultural. O diálogo tem sua centralidade destacada também por Santos (2004), para quem é o princípio básico para que a universidade possa cumprir o seu papel de instância formadora.

Em meu processo de formação acadêmico tenho tido experiências excelentes de extensão e que obtiveram bons resultados, em sua maioria por serem propagados e orientados por professores engajados com seus projetos e que possibilitam aos alunos participantes atuar de maneira efetiva e autônoma, reconhecidos como parceiros de trabalho e não como mão de obra gratuita validada pela hierarquia institucional. Nesses casos, a parceria docente-discente gera não só excelentes resultados no trabalho como um desenvolvimento de relações humanas saudáveis e produtivas, oferece um ambiente que promove saúde e estabilidade emocional, uma rotina de produção leve e constante com comprometimento de ambas as partes.

A experiência a que esse relato se refere, o *Keyframes*, foi possibilitada através do convite recebido por amigos com quem realizei trabalhos anteriores e que idealizaram o evento de animação e do professor Elton Bruno Pinheiro, com quem já havia realizado um projeto de extensão em radiodifusão do qual fui bolsista por alguns meses. Eu já estava à procura de um projeto de extensão para me integrar por já ter tido boas experiências e me senti atraída pela temática da animação assim como a intenção de fortalecer o estudo e a produção da área em nossa faculdade, sendo um dos meus tipos audiovisuais favoritos que foi de grande influência na minha escolha por esse campo de formação.

Integrar um grupo tão diverso, com alunos de audiovisual, *design*, arquivologia, ciência da informação, composto por pessoas que ilustram, produzem animação e aquelas que apenas apreciam, onde me enquadro, oferece várias oportunidades de aprendizado e crescimento a partir da interação com os membros da equipe, tanto o grupo geral, quando as subequipes em que fomos divididos para a organização do evento. No momento da minha entrada no grupo, tive a tarefa de junto com outros colegas escrever o edital da Mostra Universitária de Curtas de Animação, a MUCA, que faz parte da programação do *Keyframes*. Esse foi um exercício inédito para mim, que exigiu uma pesquisa inicial nos principais editais de mostras do país e então a adaptação dos artigos escolhidos para a realidade da MUCA, levando em consideração a visão e as necessidades do evento.

Depois disso, com as subdivisões, passei a integrar o grupo de logística, com a incumbência de cuidar de aspectos organizacionais como hospedagem, alimentação, encomenda dos produtos personalizados, recepção dos palestrantes, organização do espaço e posterior assistência durante a ocorrência do evento. Vale ressaltar que boa parte do trabalho como a escolha, contato e confirmação dos palestrantes e a compra de passagens já havia sido feita pelos idealizadores do evento, Renata Acioli e Elnatan, que também atuaram como facilitadores em todas as outras atividades que realizamos como grupo administrativo. Outras equipes, como a de criação (*design*) foram muito importantes para o fluxo do nosso trabalho, cumprindo os prazos de entrega dos projetos para a confecção de produtos. Esse é apenas um dos exemplos de como a integralização, ainda que as funções sejam repartidas entre a equipe, é importante para que os objetivos do projeto se concretizem. As partes isoladas, ainda que feitas com excelência e criatividade, não são capazes de alcançar o potencial que o todo executado possui, quando em bom funcionamento. A coletividade é o espírito da extensão, o meio e o fim de sua existência.

Nos dias de realização do evento observei uma crescente melhora na atuação da equipe, a caoticidade do primeiro dia quanto ao cumprimento dos horários, o credenciamento dos participantes, foi agravada por outras situações como o atraso do voo da palestrante Luciana Eguti, problemas estruturais da Faculdade de Comunicação e a ansiedade característica do primeiro dia de evento, mas houve uma superação a partir do entrosamento e dedicação da equipe buscando soluções paliativas bem como uma surpreendente colaboração e compreensão do público que permaneceu frequente em toda a programação apesar das condições de espaço não serem as mais propícias.

Para as próximas edições do *Keyframes*, indico a busca por outras formas de financiamento, uma vez que muitas vezes tivemos que nos submeter a limitações estruturais devido a questões orçamentárias. O projeto é bem estruturado, possui grande relevância acadêmica e mercadológica, bem como atratividade junto a um público com possibilidade de expansão, o que o valida para a disputa por editais de evento bem como para parcerias com apoiadores e investidores que queiram suas marcas associadas a ele.

Referências:

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas/UFMG, 2000.

RIBEIRO, R. M. C. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social, p81-88. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária, Brasília, v.15, n.1, jul, 2011.

DEPOIMENTO 8

Samuel Farion Walber

Sempre fui fascinado por animação, desde criança. Desenhava constantemente personagens que via na televisão e criava minhas próprias histórias e universos no papel. Ainda na escola despertei o interesse por histórias em quadrinhos graças à influência de um amigo e de professores. Mesmo ao crescer mantive o interesse por desenhos animados e quadrinhos, meios que muitos dizem serem exclusivos para crianças. Era tão apaixonado por desenho que decidi transformar esse amor em uma carreira.

Ao participar do ritual chamado vestibular – que na época parecia ser onipresente e inescapável – me deparei com uma dúvida: que curso universitário poderia me levar adiante no caminho que escolhi? Sem ter muita noção do que fazia, escolhi cursar *Design*, pensando equivocadamente que tinha tudo a ver com desenho. Não foi nem de perto o que esperava – cheguei a ouvir de uma professora no primeiro dia de aula a frase “você está no curso errado” ao declarar minhas intenções de trabalhar com animação e quadrinhos – mas não me arrependo de forma alguma. Desde então aprendi conhecimentos valiosíssimos, cresci muito como artista e conheci muitas pessoas que também tinham metas parecidas. Estou desenvolvendo no momento um quadrinho como Trabalho de Conclusão de Curso.

No entanto, não pude deixar de notar que há uma certa “má vontade” do meio acadêmico, pelo menos da UnB, com animação. Tanto por experiências no departamento de *design*, quanto interagindo com estudantes de outras áreas, como artes visuais, arquitetura e comunicação, cheguei à essa conclusão. Em meu quarto semestre, em 2017, peguei minha primeira matéria no departamento de comunicação, OBAV – Oficina Básica de Audiovisual – disciplina em que o objetivo é produzir um curta ao longo do semestre. Junto de uma colega e amiga do *Design*, Júlia Câmara, conheci a Renata Acioli, do Audiovisual. Juntos fizemos um curta metragem baseado em um de meus roteiros de história em quadrinhos e ao longo da produção, percebemos que compartilhávamos esse sentimento de falta de espaço da animação na universidade.

Após esse projeto, fomos convidados por Renata para fazer parte de outro projeto, dessa vez uma animação, um curta animado chamado Jack Aventuras. Foi nesse período, trabalhando como um dos três animadores e *designers* de personagem, ao lado de Júlia e Rafaela Sukiyama, que conheci o Elnatan Bernardo, produtor do curta. Foi um período de grande aprendizado, minha primeira vez animando. Fiquei bem contente com o resultado. Renata e Elnatan voltaram a entrar em contato por volta de junho de 2019, apresentando seu novo projeto, o *Keyframes*. Fui imediatamente cativado pela proposta, um evento que daria atenção à animação na universidade, que poderia trazer esse assunto para ainda mais estudantes.

Muito antes do novo semestre se iniciar, começamos a fazer reuniões semanais, para planejar a divulgação e execução do evento. Como *designer*, trabalhei na área de divulgação, projetando peças publicitárias, trabalho que não era restrito às reuniões – que na maioria das vezes se resumiam a pontos de controle. Desde o início e assim como em outros projetos, Renata e Elnatan foram muito organizados e percebia-se o quanto estavam dedicados e, principalmente, apaixonados pelo projeto.

Com a chegada da semana universitária todos estavam bastante ansiosos e apreensivos, pois era algo que nunca havia sido feito antes, executado por estudantes. A visita de nomes importantes do mercado de animação, de Brasília e de fora, davam um peso ao evento, que

empolgava e assustava. Apesar de contratemplos com a reforma das escadas – fora do controle da organização – e o não funcionamento do ar-condicionado do auditório, o evento fluiu como planejado e foi um grande sucesso.

Os palestrantes convidados foram muito calorosos e simpáticos, abertos a perguntas e dispostos a passar adiante seus conhecimentos. No último dia de evento, eu, Júlia e Elnatan mostramos a cidade para o André Rocca, que tinha vindo de São Paulo. Ele ficou fascinado por Brasília e foi uma excelente oportunidade para trocar experiências. Ele afirmou que havia sido a melhor recepção de evento da qual ele tinha participado.

Na mesma noite houve a premiação da MUCA (Mostra Universitária de Curtas de Animação) e tínhamos um curta participando. Junto da Júlia, da Rafaela e da Luíza Cardoso, que também estava participando da organização do *Keyframes*, produzimos uma animação como trabalho final da disciplina de Foto e Vídeo, ministrada pelo professor André Maya, meu orientador de TCC. O curta era uma adaptação do clássico “Viagem à Lua”, de Georges Méliès. Vencemos o prêmio de melhor animação. Foi uma grande surpresa, o que pode ser percebido pela nossa incapacidade de fazer um discurso de agradecimento no palanque.

Fiquei bastante satisfeito e orgulhoso com o evento, principalmente sendo esta a primeira vez em que trabalhei na organização de algo dentro da universidade. Considero que foi um sucesso e espero que a paixão e o comprometimento de todos os envolvidos nessa primeira edição possa inspirar aqueles que virão em seguida. Espero que essa lacuna seja finalmente preenchida, de ano em ano, semestre em semestre, para que os estudantes que se interessam por animação tenham essa oportunidade de ter seu próprio espaço para crescer e aprender.

APÊNDICE D – FOTOGRAFIAS TIRADAS DURANTE O *KEYFRAMES*

Figura 4 – Mesa de abertura do *Keyframes*



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

Figura 5 – Luciana Eguti durante sua palestra



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

Figura 6 – Hudson Araújo durante sua oficina



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

Figura 7 – Ítalo Cajueiro durante sua palestra



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

Figura 8 – André Rocca durante sua palestra



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

Figura 9 – Troféus distribuídos aos vencedores da MUCA



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

Figura 10 – Vencedores da MUCA na categoria *Design de Som*



FONTE: registro equipe *Keyframes*, 2019.

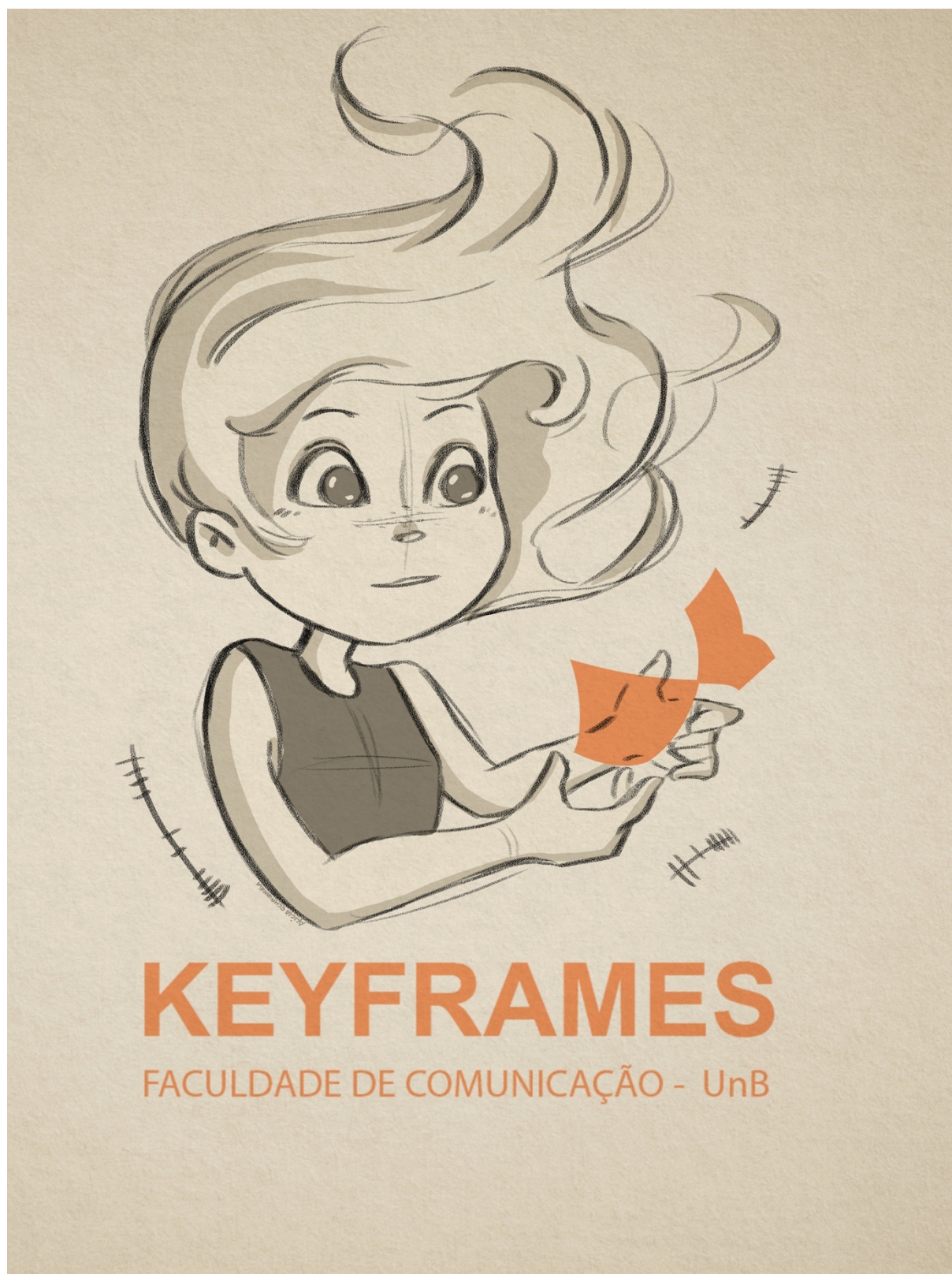
APÊNDICE E – ARTES PRÓPRIAS CRIADAS PARA O KEYFRAMES

Figura 11 – Identidade visual do *Keyframes*



FONTE: elaboração própria, 2019.

Figura 12 – Arte original criada para *ecobag* entregue aos palestrantes



FONTE: elaboração própria, 2019.

Figura 13 – Cartaz de divulgação do *Keyframes*

**24 a 26
de setembro**

**Três dias de oficinas e palestras com
profissionais do mercado de animação
brasileiro.**

LUCIANA EGUTI Conferência de Abertura | **HUDSON ARAÚJO**
Design de Personagem | **ÍTALO CAJUEIRO** Storyboard
FÁBIO LEAL Processo criativo | **CIRO MARCONDES** Storytelling
FERNANDO GUTIERREZ & MÁRCIO MORAES Animação,
Séries e Formatos | **MUCA**

Mais informações em:

f /keyframesunB
i keyframes_unb

KEYFRAMES
Faculdade de Comunicação - UnB

UnB

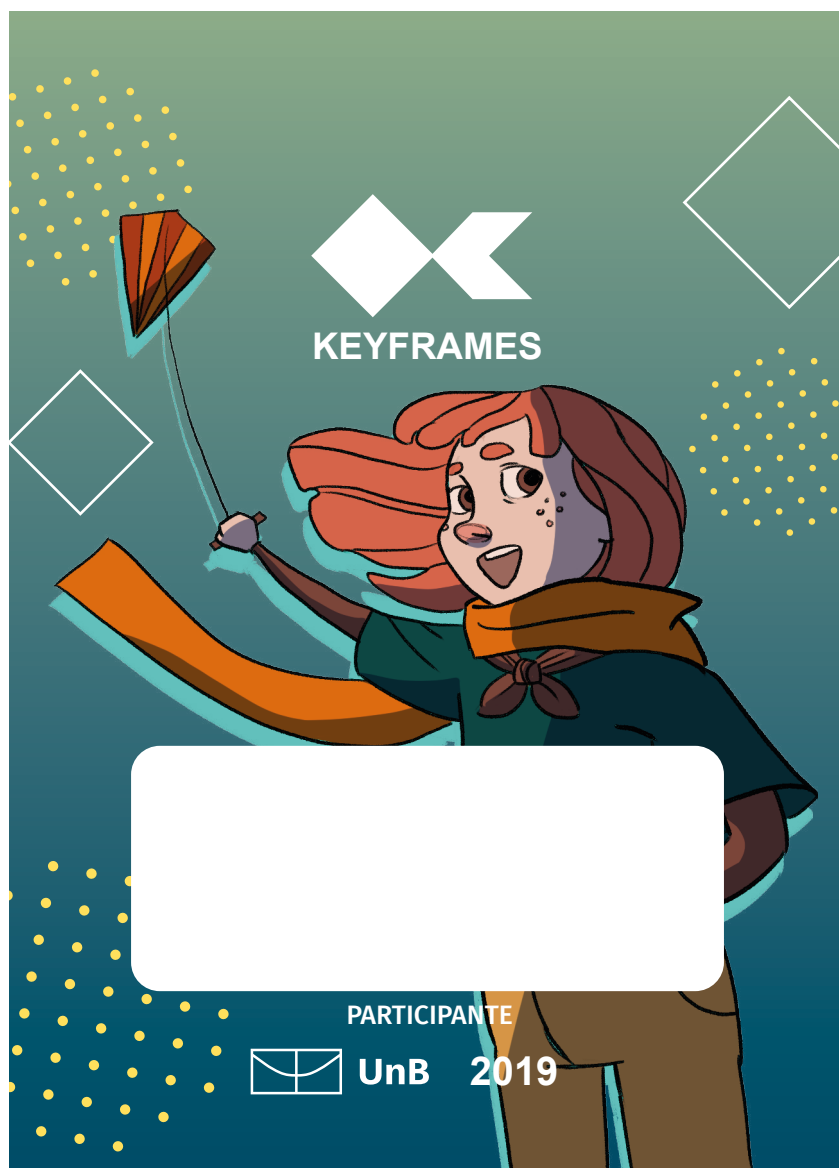
FONTE: elaboração própria, 2019.

Figura 14 – Cartaz de divulgação do *Keyframes*



FONTE: elaboração própria, 2019.

Figura 15 – Arte original criada para o crachá entregue aos participantes



FONTE: elaboração própria, 2019.

Figura 16 – Cartaz de divulgação da MUCA



INSCRIÇÕES ABERTAS
Inscreva sua animação até 08 de Setembro

MUCA

MOSTRA UNIVERSITÁRIA DE CURTAS DE ANIMAÇÃO

ANIMAÇÕES DE ATÉ
15 MINUTOS!

is.gd/MUCA2019

TROFÉU PARA O **MELHOR FILME!**

@keyframes_unb

O **PRIMEIRO**
FESTIVAL UNIVERSITÁRIO
DE **ANIMAÇÃO!**

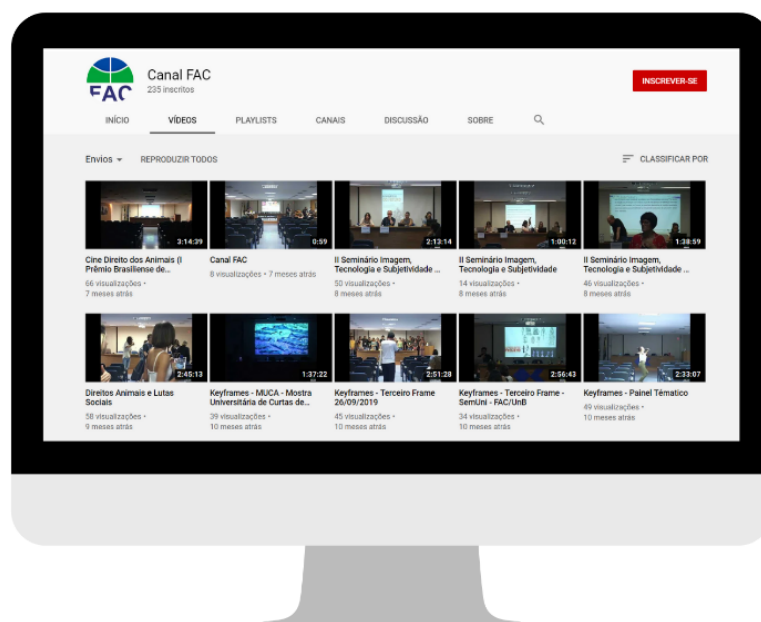
FONTE: elaboração própria, 2019.

Figura 17 – Certificado de participação entregue aos palestrantes e participantes



FONTE: elaboração própria, 2019.

APÊNDICE F – LINKS PARA GRAVAÇÃO DAS ATIVIDADES DO KEYFRAMES



Palestra “A produção de Animação no Brasil”, Luciana Eguti

Link: https://www.youtube.com/watch?v=5zVQGx45_DI

Oficina “Direção de Arte e *Design* de Personagem”, Hudson Araújo

Link: https://www.youtube.com/watch?v=1E_p_ywt-Vs

Oficina “*Storyboard*”, Ítalo Cajueiro

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=tY7hFktKLEs>

Painel temático “Processo criativo e *Storytelling*”, Ciro Marcondes e Fábio Leal

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=6BJ3ELuxvR4>

Oficina “*Concept Art* e Animação”, André Rocca

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HPQoEqpo5Vg>

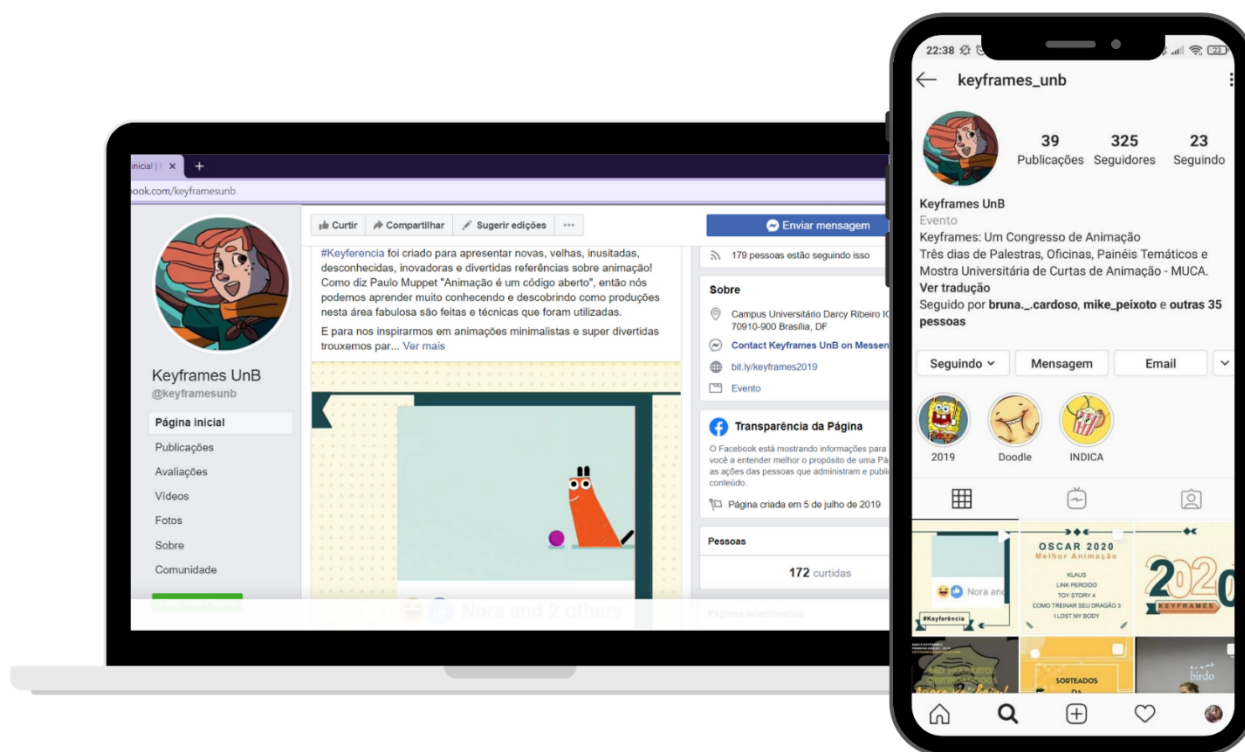
Painel temático “Cinema de Animação, Séries e Formatos”, Fernando Gutierrez e Márcio Moraes

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=P9gjUVZZ0EI>

MUCA: Mostra Universitária de Curtas de Animação

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=5ncM2gvpqdk>

APÊNDICE G – REDES SOCIAIS CRIADAS PARA DIVULGAÇÃO DO *KEYFRAMES*



Facebook: <https://www.facebook.com/keyframesunb>

Instagram: https://www.instagram.com/keyframes_unb/

APÊNDICE H – EDITAL DA MOSTRA UNIVERSITÁRIA DE CURTAS DE ANIMAÇÃO



MOSTRA UNIVERSITÁRIA DE CURTA-METRAGEM EM ANIMAÇÃO MUCA 2019

REGULAMENTO PARA A INSCRIÇÃO NA 1ª EDIÇÃO DA MOSTRA UNIVERSITÁRIA DE CURTA-METRAGEM EM ANIMAÇÃO - MUCA - DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

CAPÍTULO 1 ORGANIZAÇÃO

Art. 1 O presente edital estabelece as condições para participação na **Mostra Universitária de Curta-metragem em Animação**, incluída na programação do *Keyframes*, Semana de Animação, realizada pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, por meio de sua Coordenação de Extensão Acadêmica em parceria com Coordenação Geral de Laboratórios, com o objetivo de propiciar um espaço de fomento a produção universitária e expandir conhecimentos da área por meio de palestras e oficinas, que acontecerão na Semana Universitária da UnB, de **23 a 27 de Setembro de 2019**.

Art. 2 A 1ª Edição da **Mostra Universitária de Curtas em Animação - MUCA** ocorrerá, por sua vez, no dia **26 de setembro de 2019**, dentro da programação do *Keyframes*, contendo as seguintes atividades:

- I. Lançamento da 1ª Edição da MUCA
- II. Exibição dos filmes selecionados
- III. Premiação dos filmes vencedores

2.1 Com a publicação deste edital tornam-se públicas as regras que orientarão a seleção e a premiação dos filmes inscritos.

CAPÍTULO 2

CRITÉRIOS PARA A PARTICIPAÇÃO NA SELEÇÃO

Art. 3 Poderão participar da MUCA os/as estudantes regularmente matriculados em qualquer Instituição de Ensino Superior de rede pública e/ou privada pertencente a todas as regiões administrativas do Distrito Federal e seguindo as normas abaixo:

- I. Ser estudante universitário(a) de qualquer curso de graduação.
- II. O aluno deve responder como pessoa física ao submeter o filme na MUCA.
- III. Cada estudante poderá submeter até 2 filmes, no entanto, apenas um será selecionado na Mostra.

3.1 A inscrição do filme implica a aceitação de sua exibição, se selecionado, na sessão oficial da Mostra, no dia **26/09/2018** no formato .h264 (mp4 ou .mov).

Art. 4 NÃO PODERÃO INSCREVER FILMES:

Membro e familiares da comissão de seleção ou do júri oficial da 1ª Mostra Universitária de Curta-metragem em animação - MUCA.

4.1 Entende-se por “familiar” o cônjuge, companheiro (a) ou parente em linha reta ou colateral, por consanguinidade ou afinidade, até o segundo grau.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS PARA INSCRIÇÃO

Art. 5 A inscrição do filme deve ser feita nos dias de **03/08/2019** a **08/09/2019**, até às 23 horas e 59 minutos. Deve ser submetida pelo formulário de inscrição devidamente preenchido através do *link* (<https://forms.gle/HFipAoGMAQAb9wki6>) onde deve ser indicado o *link* do filme e a senha de acesso (se houver) para a comissão de seleção.

5.1 Não há taxa de inscrição.

Art. 6 No ato da inscrição, o/a realizador(a) deverá informar antecipadamente a Classificação Indicativa do seu filme. O/a realizador(a) ou responsável pelo filme deverá remeter à organização da Mostra a Classificação Indicativa do filme aferida pelo Ministério da Justiça ou por autotclassificação.

CAPÍTULO 4

SELEÇÃO DOS FILMES

Art. 7 Só serão selecionados filmes de curta-metragem com duração não superior a 15 minutos de animação, incluindo os créditos, para a Mostra Competitiva.

Art. 8 A seleção dos filmes que participarão da mostra competitiva será feita por uma curadoria composta por três integrantes, constituída por:

1 Professor(a) da Universidade de Brasília(UnB);

1 Professor(a) do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB);

1 Profissional com experiência comprovada em Animação, atuante no mercado;

8.1 A curadoria obedecerá aos seguintes critérios para avaliação dos curtas:

I. Criatividade no tema/enredo abordado

II. Qualidade técnica

III. Estética utilizada

Art. 9 A lista dos filmes selecionados será divulgada até o dia **15/09/2019** nas redes sociais do *Keyframes*.

Art. 10 Os filmes selecionados NÃO poderão ser retirados da Mostra Universitária de Curta-metragem em Animação, não cabendo qualquer recurso e/ou pedido de indenização. Somente a Organização da MUCA poderá, a qualquer momento, retirar o filme que não cumprir as normas deste Regulamento ou que falsear as informações prestadas no ato de inscrição.

CAPÍTULO 5

PROCEDIMENTOS PARA FILMES SELECIONADOS

Art. 11 Os/as realizadores(as) dos filmes selecionados deverão providenciar para a exibição e divulgação do curta os seguintes arquivos:

I. HD externo com conexão USB, *pen-drive* ou qualquer armazenamento externo contendo o filme finalizado no formato .h264 (mp4 ou .mov) que deverá ser entregue no dia da Mostra **26/09/2019** com 3 horas de antecedência (horário de início às 18h).

II. Arte para cartaz/poster de exibição.

III. Sinopse e ficha técnica completa do filme.

11.1 Ao inscrever-se na MUCA, os realizadores estão cedendo à organização, todos os direitos de utilização de imagens, sons, fotos e material gráfico relativo à obra inscrita, para fins de divulgação dos mesmos em qualquer meio de comunicação.

Art.12 **Os arquivos digitais** devem ser enviados para o e-mail: keyframes.unb@gmail.com até às 23h59 do dia **18/09/2019**.

Art.13 Os filmes selecionados que tiverem alteração após a data de inscrição deverão ser finalizados e enviados até às 23h59 do dia **18/09/2019**, impreterivelmente.

Art.14 Os selecionados receberão um *e-mail* com uma lista solicitando informações e/ou arquivos complementares, caso seja necessário, em data a ser informada.

CAPÍTULO 6

EXIBIÇÃO E PREMIAÇÃO

Art. 15 Os filmes selecionados serão avaliados pela **Comissão Julgadora** da Mostra Universitária de Curta-metragem em Animação, composta por professores das Instituições e profissionais do meio audiovisual e da cultura, e serão anunciados até o dia **18 de setembro de 2019**, nas redes sociais do *Keyframes*. Nenhum membro da curadoria fará parte da Comissão Julgadora.

15.1 A decisão da Comissão Julgadora é inapelável.

Art. 16 A Comissão Julgadora da Mostra Universitária de Curta-metragem em Animação - MUCA, designará 4 prêmios pertencentes às categorias de:

- I. Melhor Animação
- II. Melhor Roteiro
- III. Melhor Direção de Arte
- IV. Melhor Design de som

Art.17 Os filmes selecionados serão exibidos no Auditório da Faculdade de Comunicação, localizado no subsolo do ICC Norte da Universidade de Brasília (Brasília - DF), às **18h** no dia **26/09/2019**, conforme programação do *Keyframes*.

Art.18 O resultado final da mostra competitiva com a premiação dos filmes vencedores será

anunciado como parte da programação da MUCA, após exibição de todos os filmes selecionados.

Art.19 Na categoria Melhor Animação pela Comissão Julgadora, será concedido um troféu, um certificado e uma premiação surpresa MUCA 2019, a ser divulgada no dia **16 de setembro** de 2019, nas redes sociais do *Keyframes*. Para as demais categorias será concedido um troféu e um certificado.

19.1 O evento não envolverá recurso monetário como premiação das categorias supracitadas.

Art.20 Após anúncio na MUCA, o resultado final dos filmes vencedores serão divulgados nas redes sociais do *Keyframes*, nos dias **26 e 27 de setembro**.

Art. 21 O(a) responsável declara, no ato de inscrição, ser inteiramente responsável por todos os direitos relativos à obra inscrita, incluindo direitos autorais, trilha sonora e direitos de uso de imagem de terceiros, assumindo exclusiva responsabilidade legal por qualquer reclamação, ação judicial ou litígio decorrente da exibição ou uso dos filmes na Mostra Universitária de Curta-metragem em Animação - MUCA.

Art. 22 Ao enviar um filme para seleção nesta Mostra, os/as realizadores(as) declaram estar de acordo e aceitar todo o conteúdo deste edital.

Art. 23 O presente edital entra em vigor a partir desta data (03/08/2019).

Comissão Organizadora - Keyframes | MUCA

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

